

02 REDE MONÁSTICA



PATRIMÓNIO RELIGIOSO DA CIDADE

Recuperada para a cristandade em 1165, o que determinou a revalorização do bispado eborense, a morfologia urbana de Évora pós-reconquista é muito devedora da implementação e consolidação de um grande número de estruturas religiosas seculares e regulares.

Évora foi nos primeiros tempos da Reconquista um "território de fronteira", facto que acabaria por caracterizar a diocese de Évora, pelo menos até à conquista definitiva do Algarve, em 1249. Mas logo em meados do século XIII, todo o sul do País, e Évora em particular, viu surgir um substancial movimento religioso protagonizado pelas ordens mendicantes, que trouxeram à cidade um novo entendimento do papel socio-religioso da Igreja, entre as formulações assistenciais, canónicas e eremíticas⁰¹. Neste particular século foi determinante para o desenvolvimento urbano da cidade a instalação extramuros das comunidades franciscana e dominicana com as suas vastas cercas e adros (de onde, aliás, nasceram dois importantes largos públicos) e de cuja conectividade se desenvolveu o mais importante eixo comercial da cidade⁰². Acresce a circunstância de Évora ser cidade régia e de corte, o que a par da dinâmica económica e da fertilidade do território permitiu a fixação e a sustentação de um elevado número de casas religiosas.

Entre os séculos XIII e XVI foram muitas as ordens religiosas que se fixaram em Évora nos ramos femininos e masculinos. Além destas, que se desenvolveram por toda a malha urbana, muito pela intervenção de patronos da aristocracia local, foram ainda erguidos diversos tipos de edifícios religiosos, tais como igrejas, ermidas, capelas oratórios, albergarias, recolhimentos, colégios e reformatórios. De entre todos estes, destaca-se o estabelecimento na cidade dos Jesuítas, a quem lhes foi confiado o ensino universitário a partir de 1559. O Colégio do Espírito Santo, com efeito, nas suas múltiplas dependências escolásticas, residenciais e assistenciais, tornou-se, tanto na qualidade como monumentalidade do seu património religioso, num importante marco urbano na cidade⁰³.

A matriz religiosa estrutura a imagem urbana da cidade que é evidenciada: do lado nascente a estrutura mais monumentalizada da catedral; do lado poente a presença

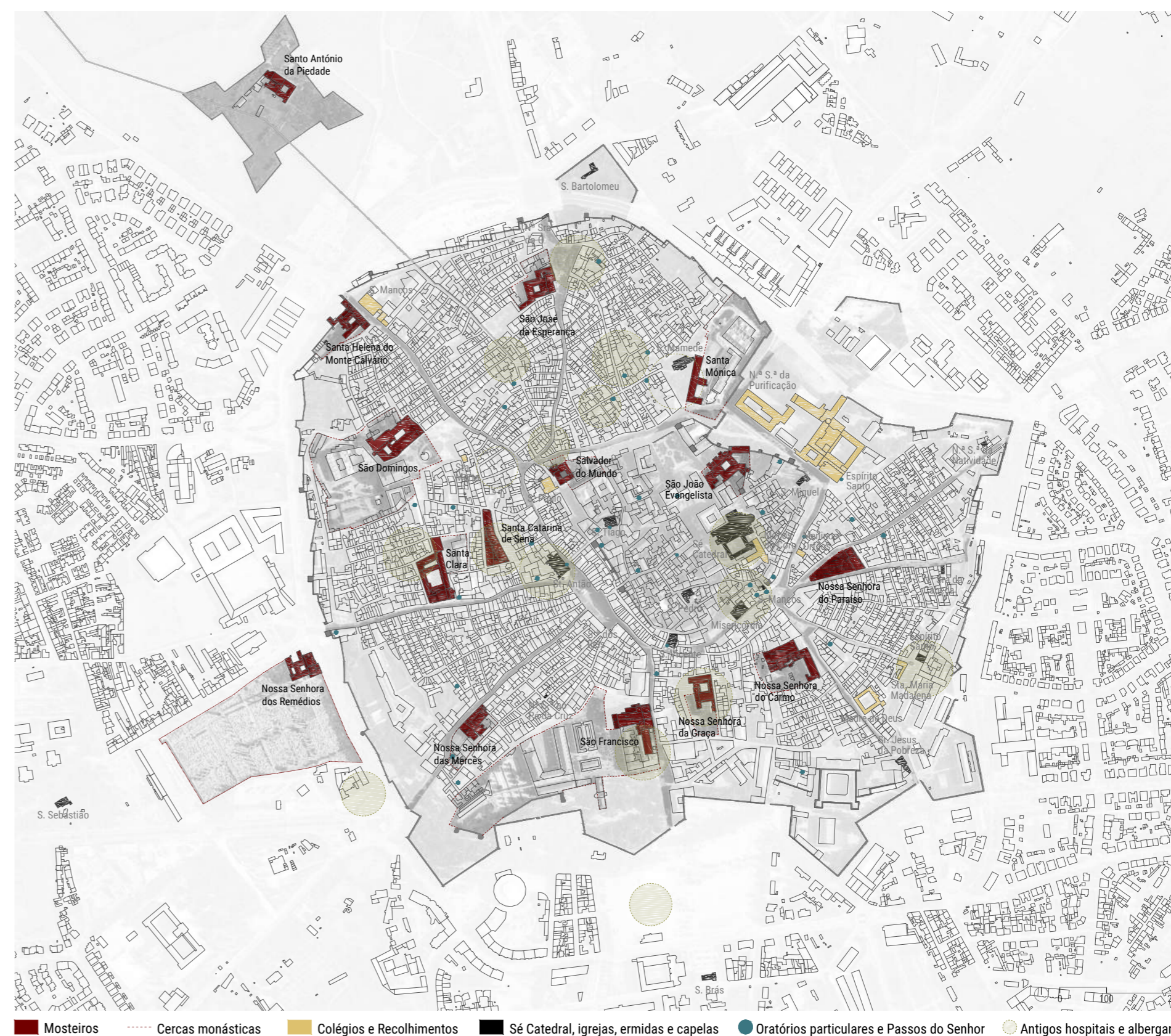
imponente das ordens mendicantes (apesar da perda de São Domingos); do lado sul, a comunidade franciscana; do lado norte o "campus" universitário jesuítas; e, por toda a malha urbana, sobressaindo sobre o casario, as torres sineiras das igrejas paroquiais (Santo Antão, São Mamede, São Tiago, São Pedro).

Apesar da marcante imagem de conjunto sobrevivente, muito património foi perdido ou alienado, sobretudo após 1834, aquando da extinção das ordens religiosas em Portugal. Uns completamente arrasados, como foram os casos dos mosteiros de São Domingos, Santa Catarina de Sena e Nossa Senhora do Paraíso, e outro ainda que em menor grau, que perdeu a sua monumentalidade original devido grandes demolições do seu conjunto, caso do mosteiro de São Francisco. Contrariando essas perdas existem vários bons exemplos de recuperação e adaptação funcional que permitem através de novos usos a utilização de tal património, porém, são também vários os casos de degradação dos conjuntos monásticos que pelo desconhecimento da sua importância cultural e arquitectónica levantam questões sobre o futuro e a continuidade de tal património. Todos estes factores conduziram a uma necessária reflexão sobre esta problemática, bem como à clarificação da rede monástica através de uma leitura de unidade que ao propor uma intervenção pretende conhecer e revitalizar o conjunto monástico.

⁰¹ Cf. Santos, M. (2009). "As Ordens Religiosas na Diocese de Évora 1165 - 1540". *Medievalista* [Em linha]. Nº7.

⁰² Cf. Beirante, M. Â. (2001). "Évora no dealbar do Império", in *Foral Manuelino de Évora*. CME/INCM, pp. 13-40.

⁰³ Cf. Lavajo, J. (1998). "As Humanidades em Évora", in *Do Mundo Antigo aos Novos Mundos*, *Humanismo, Classicismo e Notícias dos Descobrimentos em Évora* (1516-1624). Lisboa: CNDP.



REDE MONÁSTICA

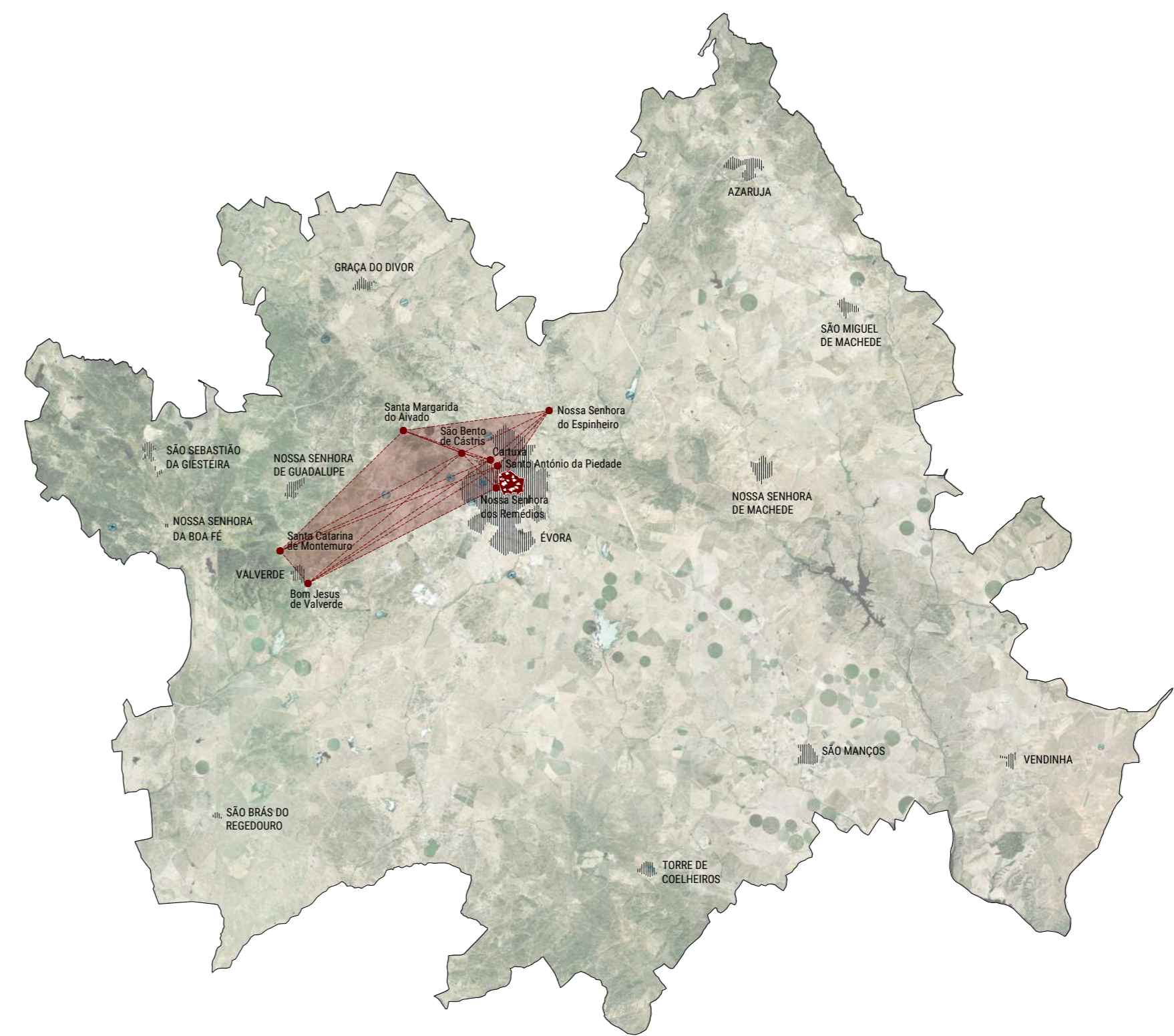
Apesar das alterações de dimensão do termo de Évora desde a Reconquista cristã da cidade, o presente trabalho propõe analisar as estruturas monásticas edificadas apenas no actual território concelhio que, sem grandes transformações, reproduz os limites administrativos de meados do século XVI⁰¹.

O processo de formação da rede monástica de Évora compreende o período entre 1165 e 1834, ou seja, entre a Reconquista Cristã e extinção das ordens religiosas. Ao longo deste período de tempo foi ganhando forma uma complexa rede de centros de vida religiosa regular composta por vinte e um mosteiros, fundados entre os séculos XII e XVII, dos quais oito situados no espaço extramuros, e as restantes treze no interior da cidade. As comunidades religiosas, masculinas e femininas, pertencentes a dez ordens religiosas, são predominantemente mendicantes, muito superiores em número, dimensão e poder às ordens monásticas e apenas uma ordem regrante (Lóios). Os mosteiros edificados fora da urbe localizam-se na área compreendida entre o Sudoeste e o Nordeste da cidade, estando os mais distantes situados no ermo, na zona de Valverde (10 km de Évora). Aqui se instalaram progressivamente os Franciscanos, Cistercienses, Dominicanos no século XIII, Paulistas no século XIV, Jerónimos e Lóios no século XV, Agostinhos, Carmelitas e Cartuxos no século XVI. Completa este quadro a importante presença dos Jesuítas em Évora, a quem se confiou o ensino Universitário a partir de 1559 e, noutro plano, as ordens militares cuja presença foi mais efémera: a de Avis (freires de Évora) subsidiários da ordem espanhola de Calatrava, a do Hospital (antecessoras das maltezas de Estremoz) e a dos Templários (sediada no lugar da antiga igreja paroquial de São Pedro).

Nota ainda para algumas das antigas propriedades monásticas no território do concelho e da existência do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, instituído em 1872, perto de São Sebastião da Giesteira que "foi habitado pelos religiosos franciscanos do Varatojo até 10 de Março de 1901, data do Decreto que impôs a sua extinção."⁰²

⁰¹ Limites fixados no *Tombo das Demarcações* da cidade de Évora, produzido entre 1534 e 1536. Cf. Arquivo Nacional Torre do Tombo (A. N. T. T.), Feitos da Coroa, Núcleo Antigo 286 (<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4182606>)

⁰² Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.



● Mosteiros extramuros ■ Núcleo de Mosteiros intramuros ■ Rede Monástica ● Antigas propriedades monásticas ■ Aglomerados urbanos

0 100 250km

ORDENS RELIGIOSAS NO TERRITÓRIO

Évora, propriedade régia desde a Reconquista cristã (1165), tornou-se ao longo da Idade Média uma das principais cidades de corte do reino. Na época Moderna, as estadias da família real e a presença da corte acompanhadas pelas comunidades eclesíásticas, conferiram à capital alentejana o estatuto de "segunda cidade do reino".

Como tal, Évora "mostrou-se um local de extremo interesse por parte das comunidades religiosas. Durante o período da pós-reconquista cristã, a fundação das casas religiosas foi de extrema importância para a afirmação da religião. As marcas deste período de afirmação e domínio territorial ainda hoje são visíveis, tanto na silhueta da cidade como na influência da expansão de algumas zonas da cidade."⁰¹

As implantações monásticas, umas "mais propensas ao desenvolvimento da agricultura, economia e povoamento do espaço rural e outras mais vocacionadas para o ambiente cidadão"⁰², foram fortes influências tanto na ocupação do território, quando instaladas no ermo afastadas dos aglomerados urbanos, como fundamentais na expansão e consolidação da estrutura urbana, quando integrados na cidade.

Vinte e um (oito extramuros e catorze intramuros) foram os mosteiros que se instalaram no território do concelho de Évora. Implantaram-se progressivamente as ordens de São Francisco (mendicante masculina), de Cister (monástica feminina), de São Domingos (mendicante masculina), de São Paulo⁰³ (monástica masculina), de São Jerónimo (monástica masculina), da Congregação de Santo Elói, de Santo Agostinho (regrante masculina), do Carmo (mendicante feminina) e dos Cartuxos (monástica masculina). Das dez ordens instaladas, uma era regrante, três eram monásticas, de implantação maioritariamente rural pela necessidade do recolhimento e clausura, e as restantes mendicantes, de implantação maioritariamente urbana pela necessidade das esmolas e evangelização. As comunidades religiosas eram predominantemente mendicantes, "formadas por frades e freiras que surgiram no século XIII, com a particularidade de não possuírem bens pessoais, de viverem humildemente em comunidade nos seus conventos, num apostolado mais activo, onde praticavam obras de caridade em serviço dos pobres, por dependerem das esmolas e dádivas, mendigavam e pregavam em locais públicos junto da população"⁰⁴. As comunidades mendicantes eram muito superiores

em número, dimensão e poder relativamente às ordens monásticas que "completam monges e monjas que vivem na clausura monástica, confinadas ao mosteiro, sem a mínima relação com o exterior (...) caracterizadas pelo poder económico e político e dimensões exageradas dos seus edifícios"⁰⁵ e à ordem regrante com algumas semelhanças à conduta de vida das ordens mendicantes. As comunidades eremitas fundavam eremitérios que se desenvolviam por vezes em pequenos mosteiros e que apesar de pertencerem ao grupo monástico, praticavam uma conduta mendicante.

Numa leitura de conjunto, da rede monástica entende-se que, salvo excepções, as fundações mendicantes privilegiavam a proximidade à cidade junto ao quotidiano da população, enquanto as implantações monásticas tinham preferência pelo ermo, contemplando localizações estratégicas afastadas do núcleo urbano. Apesar das diferentes localizações e conduta de vida destes religiosos, todos contribuíam de forma activa para o crescimento da cidade promovendo o seu desenvolvimento.

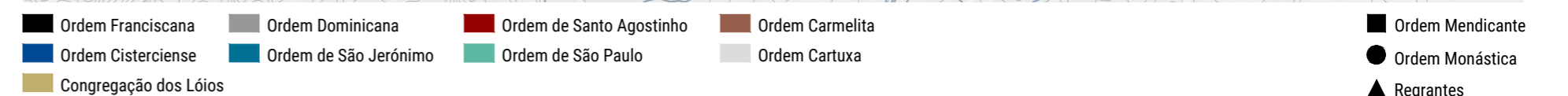
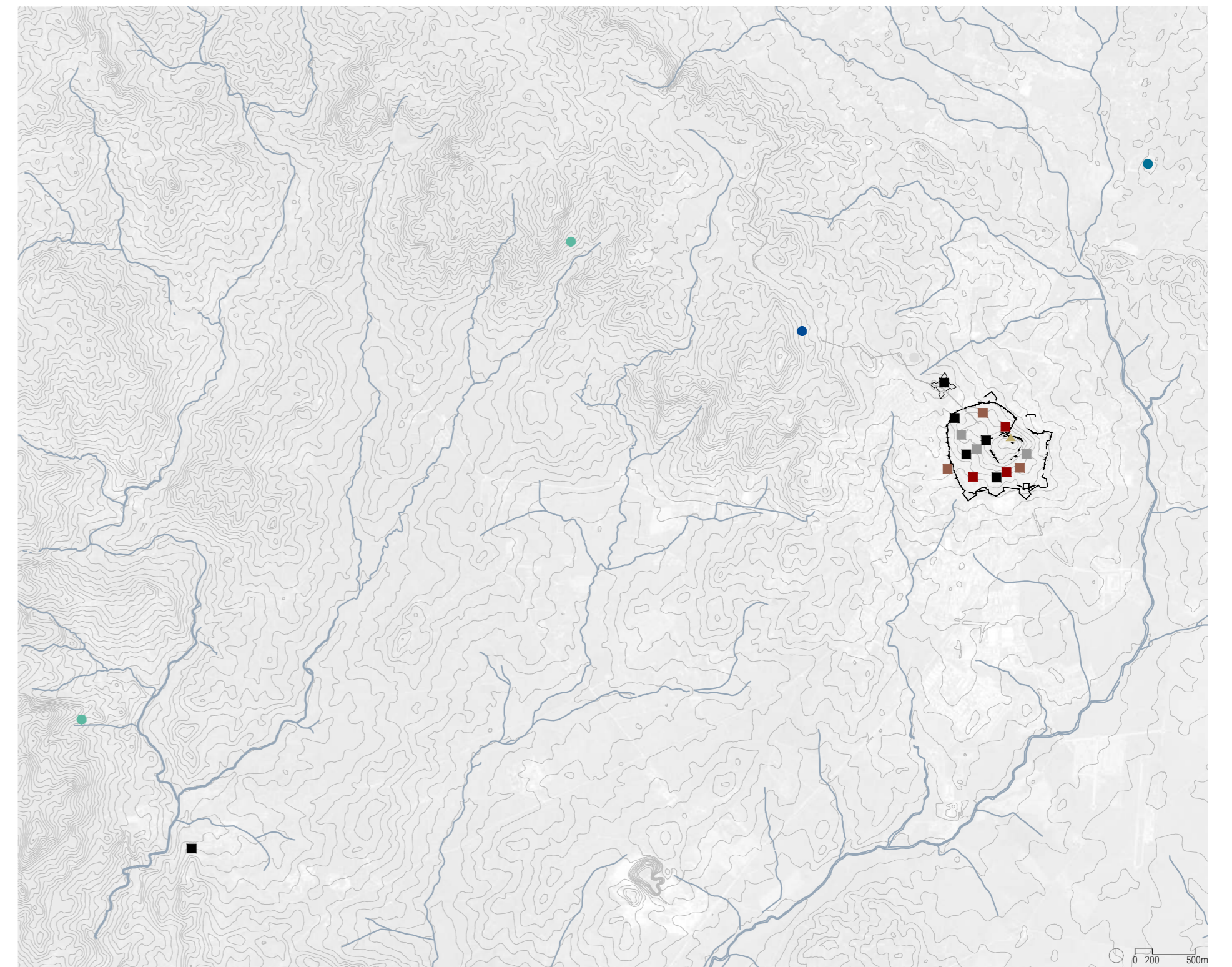
⁰¹ Faustino, P. (2016). *O Mosteiro de São Bento de Cástris: memória e identidade*. Tese de Mestrado em Arquitectura da Universidade de Évora, p.35.

⁰² Gaspar, J. "Os espaços conventuais e o metabolismo da cidade". p.87, in Fróis, V. (2002). *Conversas à volta dos Conventos*. Évora: Casa do Sul Editora.

⁰³ Relativamente aos Paulistas são provenientes de "grupos eremiticos que, desde 1366, se documentam em torno da Serra de Ossa, no sul de Portugal e que, a partir de 1482, se constituem como Congregação, viriam, em 1578, a filiar-se, como Congregação autónoma, na Ordem dos Eremitas de S. Paulo Primeiro Eremita." in Fontes, J. L. (2012). *Da "pobre vida" à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência ermitica (1366-1510)*. Tese de Doutoramento em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

⁰⁴ Pereira, R. (2017). *Convento de Nossa Senhora da Esperança de Portimão: património, passado e futuro*. Tese de Mestrado em Arquitectura da Universidade de Évora, p. 44.

⁰⁵ *Ibidem*.



FUNDAÇÃO DE COMUNIDADES RELIGIOSAS NO TERRITÓRIO

As comunidades religiosas, masculinas (treze) e femininas (oito), pertencentes a dez ordens religiosas, instalaram-se progressivamente, entre os séculos XIII e XVI: Franciscanos, Cistercienses, Dominicanos no século XIII, Paulistas no século XIV, Jerónimos e Lóios no século XV, Agostinhos, Carmelitas e Cartuxos no século XVI.

Após a reconquista cristã (1165), a cidade de Évora começou a sua expansão religiosa protagonizada pelos franciscanos em meados do século XIII, a sul na periferia da cidade. Seguiram-se as monjas cistercienses que se afastaram do núcleo urbano como ditam as suas regras. Ainda no final do século XIII a ordem dominicana edificou o seu mosteiro, à semelhança dos franciscanos, num arrabalde a noroeste da povoação.

A única implantação do século XIV foi contemplada pelos paulistas, no vale do Aivado, bastante afastados da cidade com uma distância de 5km.

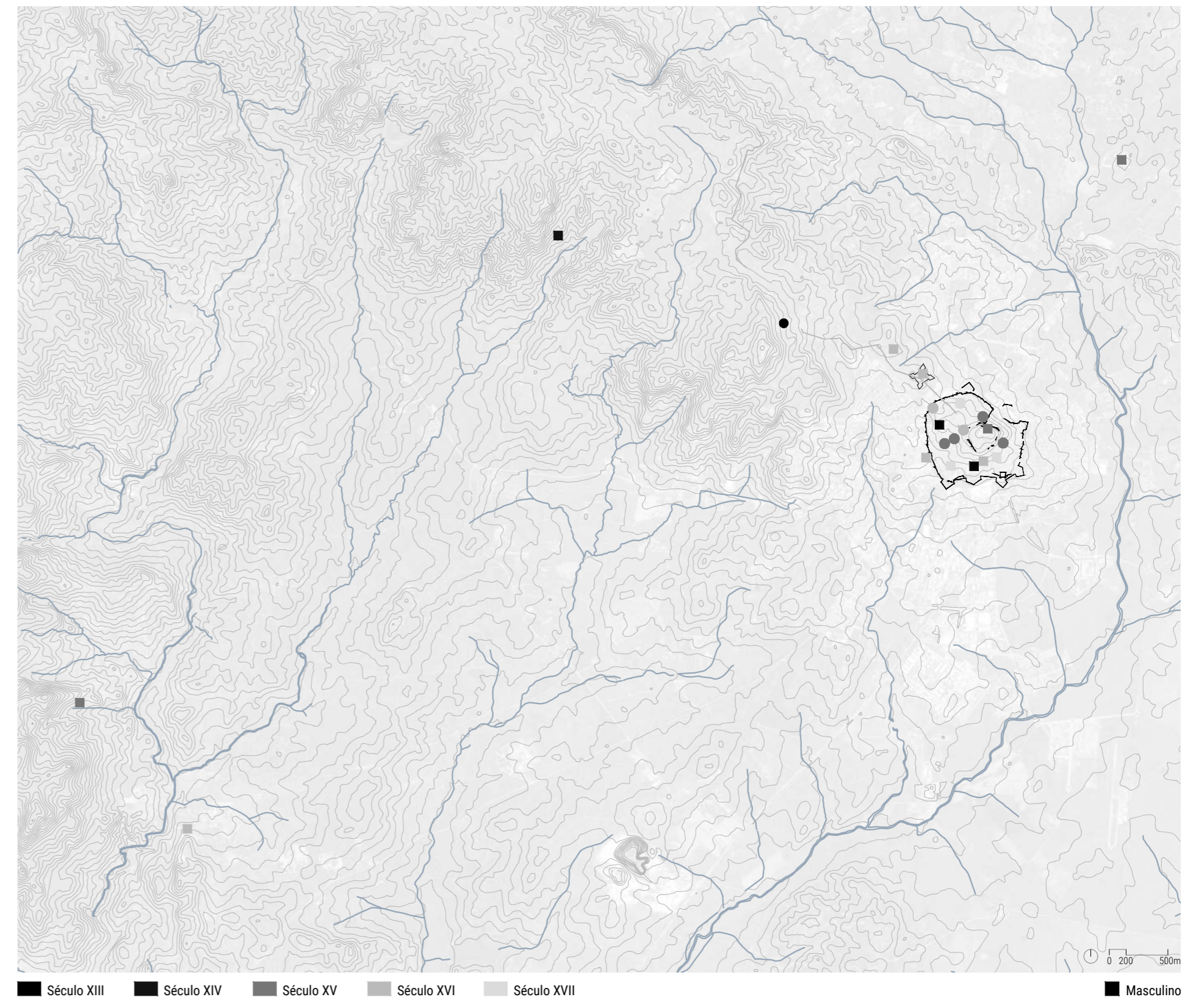
Durante os séculos XV e XVI deu-se a maior expansão monástica em Évora. Foram sete as implantações - regrante, mendicantes e monásticas, na cidade e no ermo (respectivamente) - ao longo do século XV. As fundações iniciaram-se com os mesmos monges paulistas que se implantaram na centúria anterior, também estes situados num ermo. Seguiram-se as fundações mendicantes femininas de dominicanas e clarissas junto à muralha fernandina. Os monjes jerónimos voltaram a afastar a implantação monástica para longe da cidade. As edificações regrante e mendicantes seguintes deram preferência a localizações no interior do recinto muralhado (congregação de Santo Elói e ordem dominicanas).

No século XVI foram seis as fundações religiosas, cinco mendicantes e apenas uma monástica. Das cinco fundações, do princípio ao fim do século, uma franciscana escolheu a sua localização em Valverde afastada da cidade, outra também franciscana ficou fora das muralhas logo à entrada da porta fernandina *da Lagoa*, tendo os restantes (agostinhos, carmelitas, clarissas e franciscanas) edificado os seus mosteiros pelo interior do núcleo urbano. A única fundação monástica pertence aos cartuxos, no fecho do século XVI, a norte não muito afastado da cidade.

As últimas quatro fundações religiosas em Évora foram protagonizadas por ordens mendicantes (carmelitas e agostinhos), com implantações no núcleo urbano à excepção de um mosteiro que foi edificado no exterior da cidade junto à *Porta de Alconchel*.

No primeiro século de expansão monástica, século XIII, as implantações tanto aconteceram dentro da cidade como afastada dela (ainda que pouco). Nos séculos XIV e XV, apesar de muitas fundações terem escolhido a cidade, foi nesta altura que ocorreu o maior número de fundações de casas religiosas no ermo, bastante afastados do núcleo urbano. Contrariamente ao século anterior, no século XVI, as fundações concentraram-se sobretudo na cidade, salvo excepções. No mesmo sentido o século XVII deu seguimento ao anterior e todas os mosteiros se localizaram no núcleo urbano.

As fundações monásticas tiveram um início lento em Évora, porém esse movimento foi contrariado pela forte expansão que se concentrou nos séculos XV e XVI, quando a cidade viveu os seus momentos gloriosos. No final do ciclo da implantação monástica o seu ritmo abrandou para rematar com a extinção das ordens religiosas.



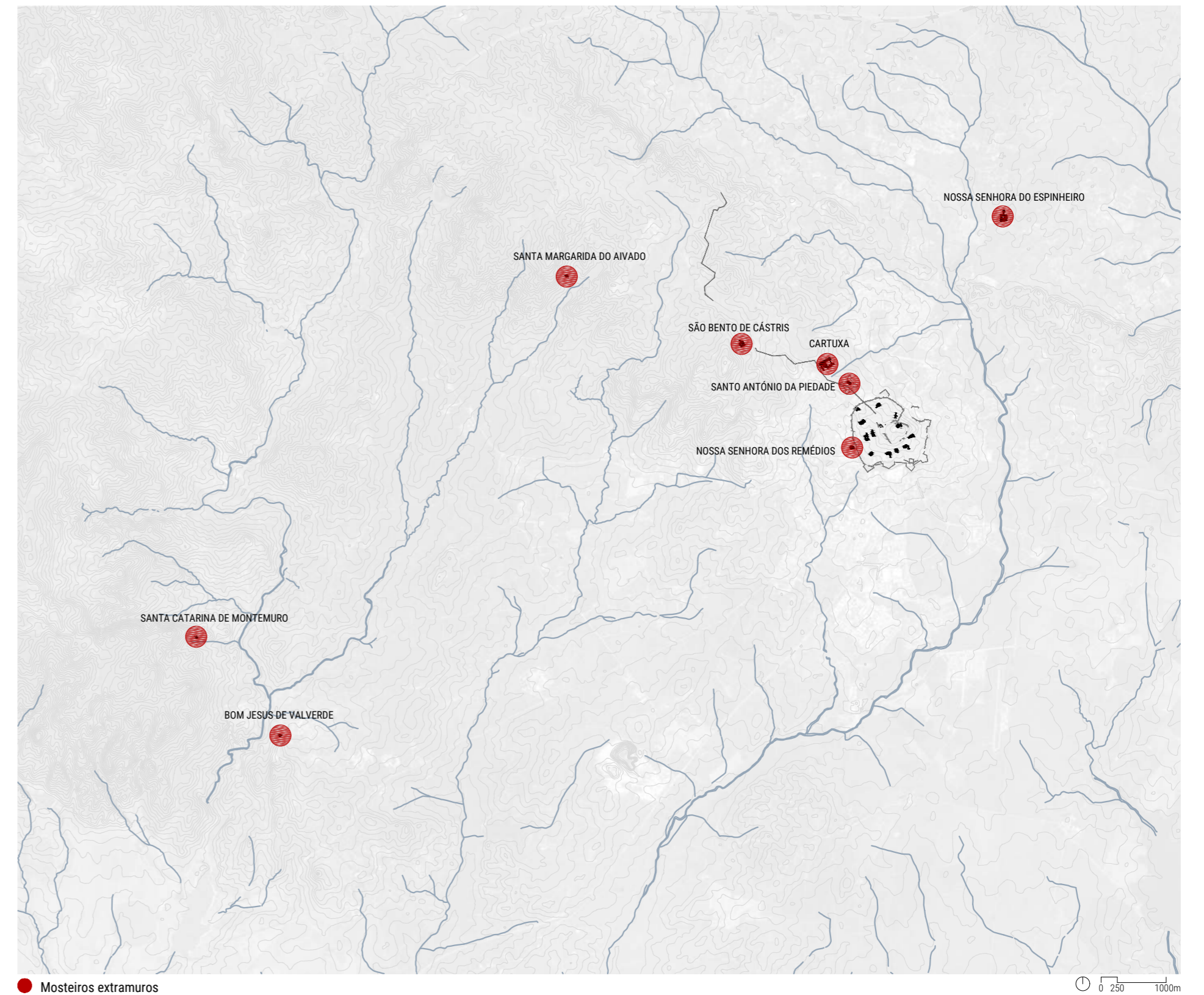
MOSTEIROS EXTRAMUROS

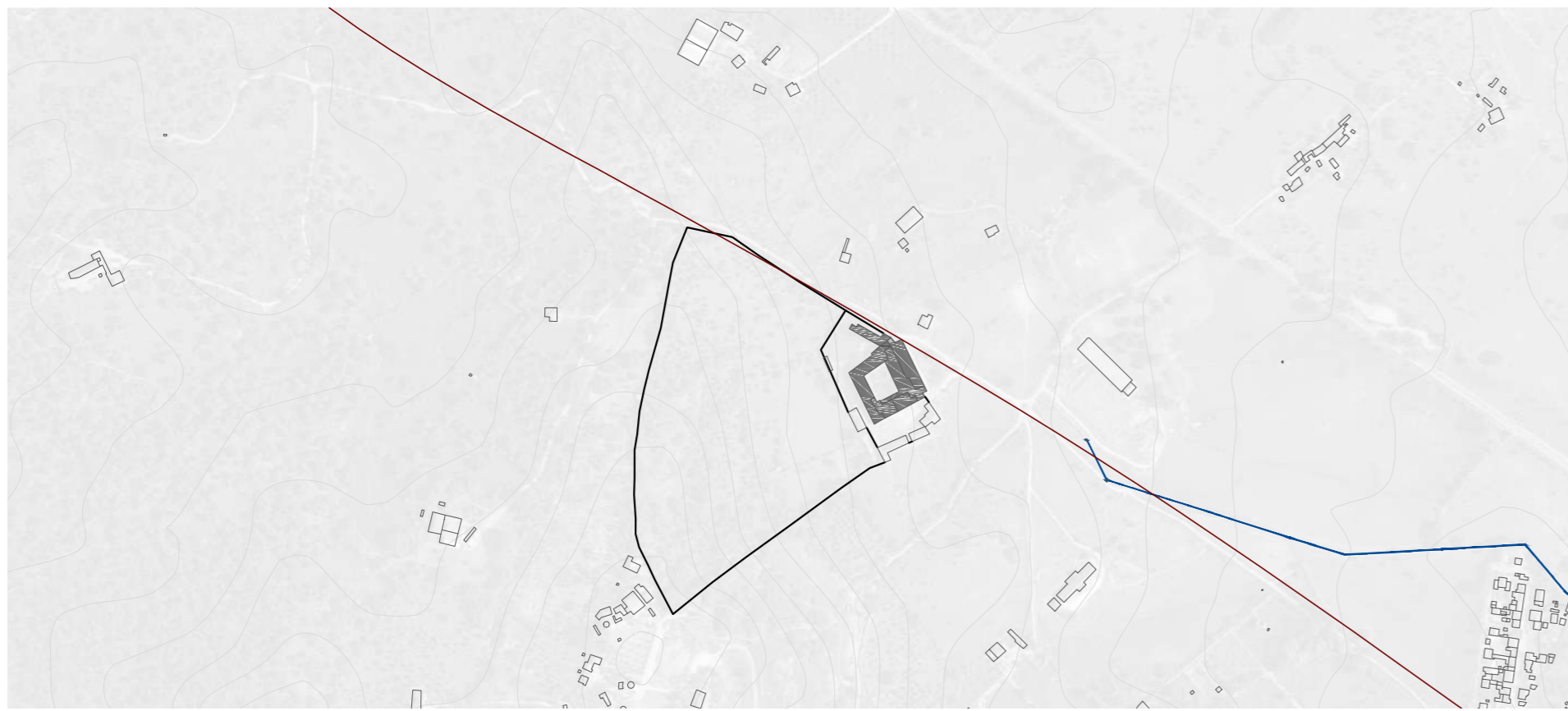
Na presente análise consideram-se os mosteiros extramuros, com exceção dos mosteiros de Nossa Senhora dos Remédios e de Santo António da Piedade que, face à sua proximidade ao núcleo intramuro, constam nas análises posteriores.

Estes mosteiros, implantados estrategicamente no território em vales férteis ou zonas mais elevadas, privilegiavam espaços solarengos, proximidade de mananciais de água e vias de comunicação. Os lugares de fundação monástica foram escolhidos por variadas razões de acordo com as orientações gerais das respectivas Ordens, por influência ou determinação régia, ou doação dos doadores das terras.

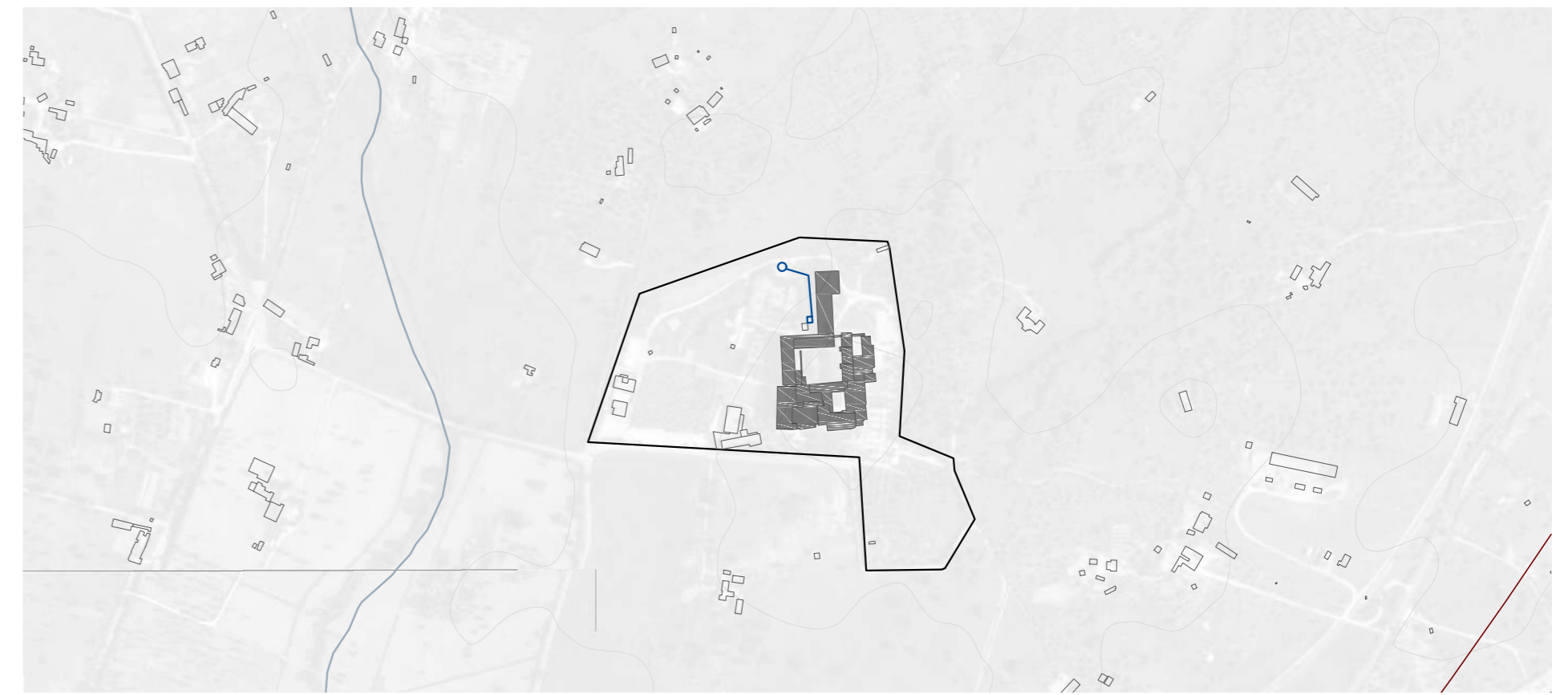
Dentro das suas cercas monásticas produzia-se o essencial à subsistência das respetivas comunidades religiosas, em especial produtos hortofrutícolas. Para garantir o abastecimento de água muitos mosteiros conservam interessantes sistemas hidráulicos de captação e transporte de água (com exceção dos mosteiros de S. Bento de Cástris e da Cartuxa, ambos abastecidos pelo Aqueduto da Água da Prata).

Apesar de buscarem o recolhimento em sítios ermos segundo a sua observância espiritual, a localização da maioria destes mosteiros não é alheia a presença de vias de comunicação de primeira grandeza, pois assim o justificava a articulação viária com a cidade e o facto de algumas destas casas religiosas terem hospedarias, como é o caso do Mosteiro de Santa Maria do Espinheiro.

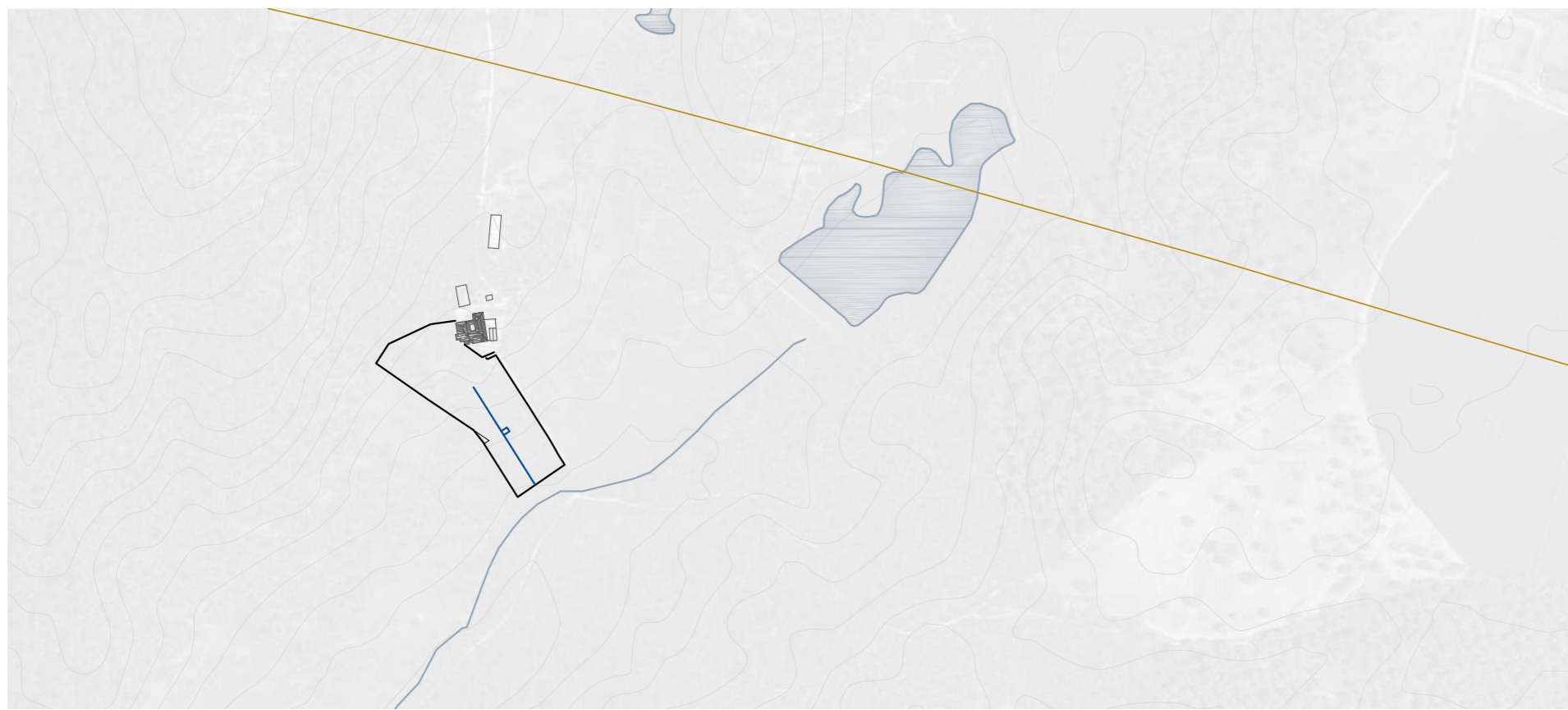




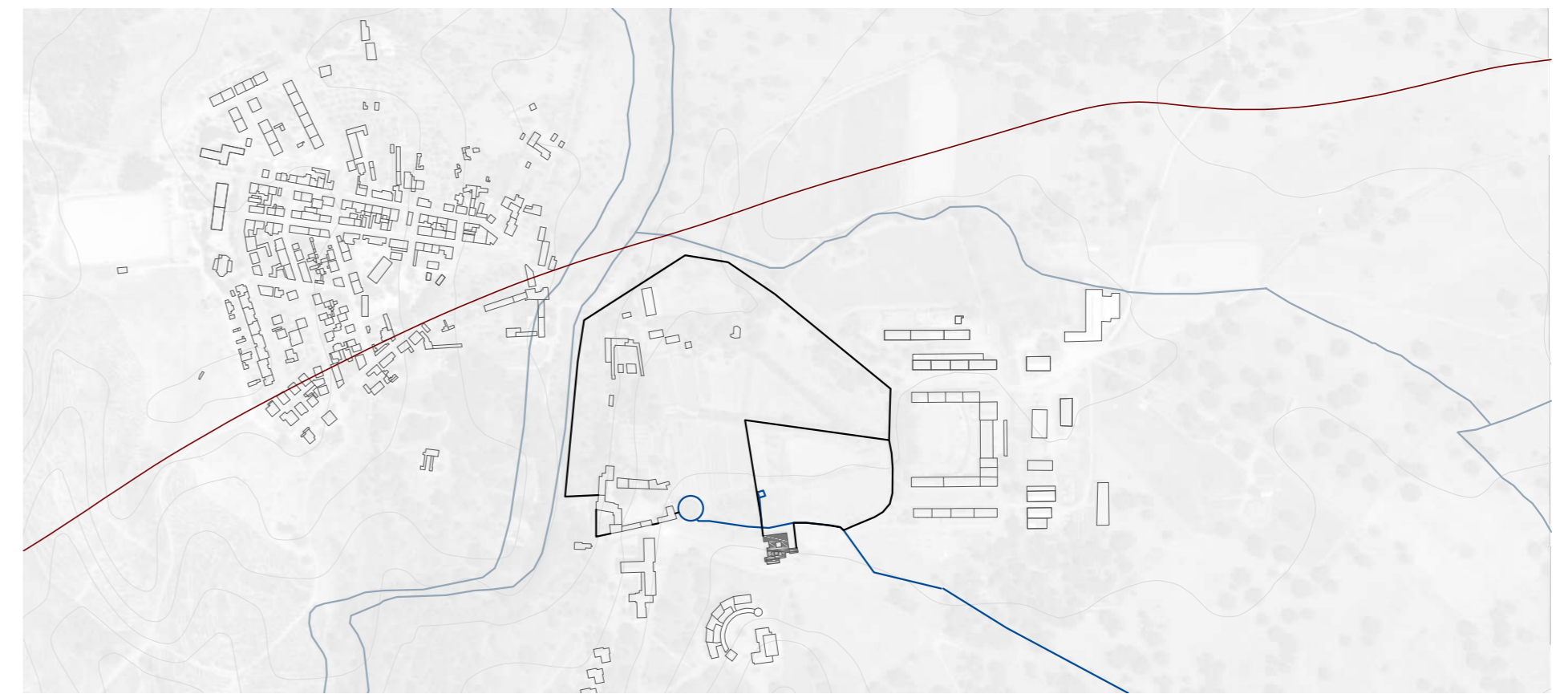
Planta de implantação | Mosteiro de São Bento de Cástris



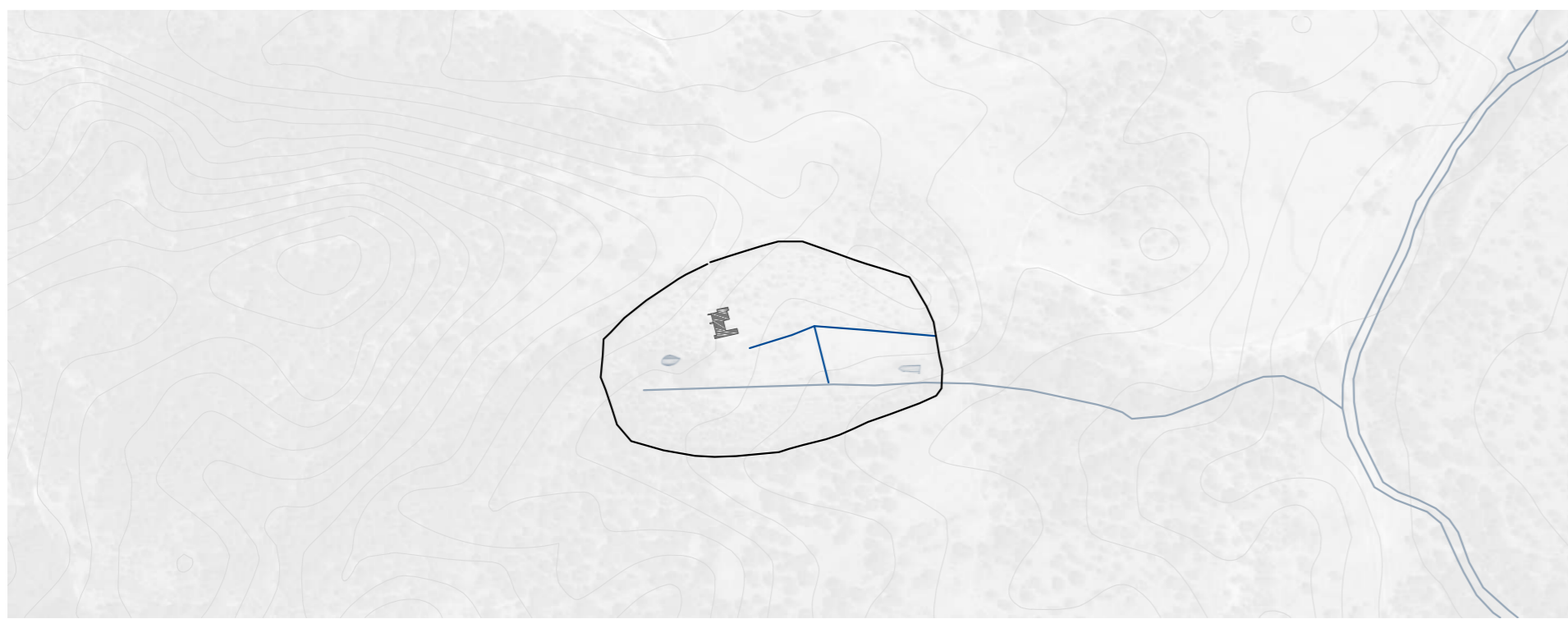
Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro



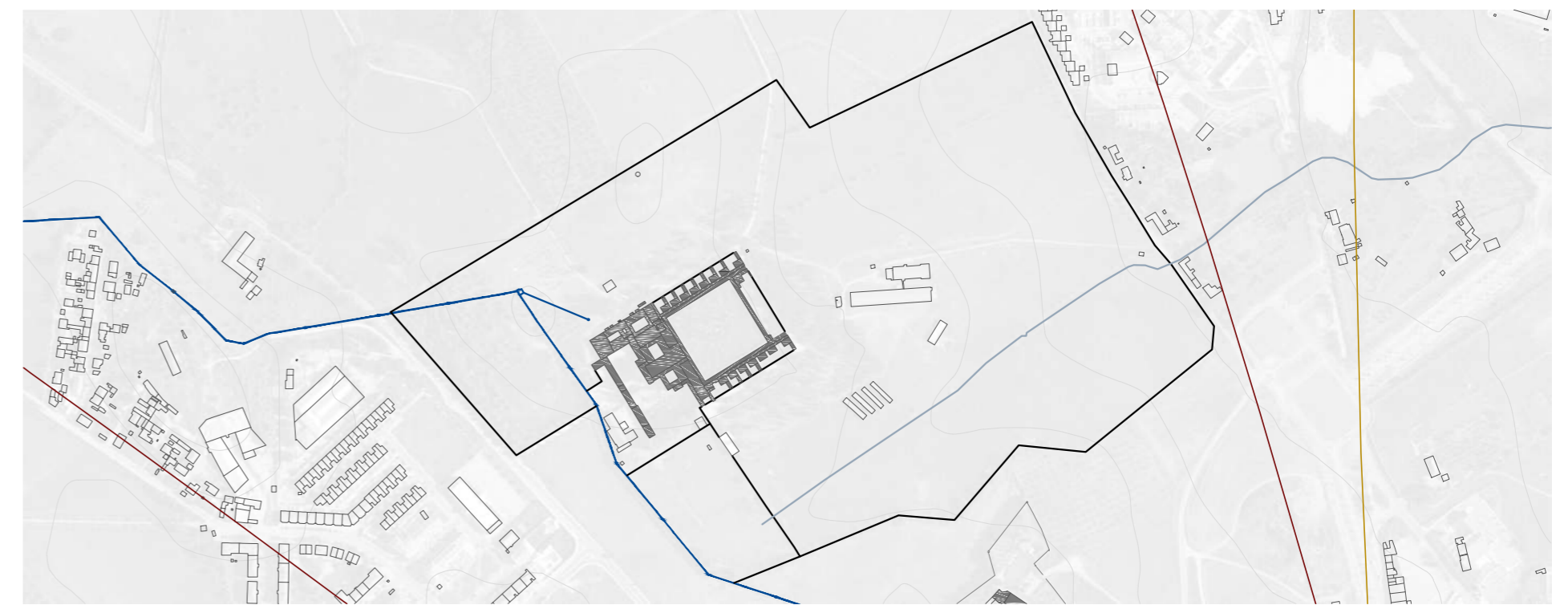
Planta de implantação | Mosteiro de Santa Margarida do Aivado



Planta de implantação | Mosteiro de Bom Jesus de Valverde



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Catarina de Montemuro



Planta de implantação | Mosteiro da Cartuxa

— Caminho romano — Caminho medieval — Linha de água — Sistema hidráulico — Cerca monástica ■ Mosteiro

0 250 100m

INFLUÊNCIA DOS MOSTEIROS E SUAS CERCAS NO DESENVOLVIMENTO URBANO DA CIDADE

"Consoante o período histórico, a localização e o metabolismo de cada cidade, assim o conjunto de edificações de um convento tanto pode funcionar como pólo agregador do crescimento urbano (...) pela sua escala, constituem sempre espaços rígidos - na medida em que marcam fortemente as malhas, não sendo fácil alterar as dimensões e até o edificado (...). Os espaços conventuais marcam pois o urbanismo das cidades portuguesas, muito para além dos seus períodos de vida activa e, mesmo quando foram demolidos (o que na totalidade é pouco frequente), imprimiram marcas muito fortes nos tecidos urbanos. (...). A edificação de um Convento, quer no interior do tecido urbano consolidado, quer na periferia, representava sempre um elemento de qualificação do espaço em que se inseria; podendo, no primeiro caso, promover processos de renovação urbana, e, no segundo caso, o desenvolvimento de novos bairros: São Francisco em Évora, é sem dúvida um elemento de consolidação da *Vila Nova*, passando mesmo no século XV a residência real".⁰¹

Dispersos por toda a área urbana, os mosteiros constituíram-se como referenciais na apropriação do espaço ao mesmo tempo que a estrutura conventual garantia formas de vivências muito próprias, fosse por via da interacção espiritual com a população fosse por via da edificação e manutenção das suas casas, com destaque para as actividades da arquitectura e decorativa (pintura e escultura). Os mosteiros tornavam-se catalisadores de desenvolvimento urbano e elementos dinamizadores da envolvente mais próxima por serem núcleos e charneiras de crescimento do quotidiano da cidade.

Desde cedo, as ordens religiosas acompanharam esta dinâmica de crescimento da cidade, numa primeira fase participando na própria consolidação dos arrabaldes em torno do núcleo antigo, para logo se expandirem para fora das muralhas medievais, apontando novas direcções de crescimento urbano. As primeiras implantações monásticas definiram limites da cidade, apontaram sentidos para a expansão da estrutura urbana e proporcionaram momentos de consolidação da malha nas suas envolventes, sobretudo núcleos de actividades económicas. Os mosteiros de fundação mais tardia, que em muitas situações não tiveram opção que apropriar-se de espaços já formados e perfeitamente integrados na estrutura urbana, tiveram um papel mais activo e importante, não tanto na organização e definição da malha, mas na influência da vida e quotidiano da cidade junto da população.

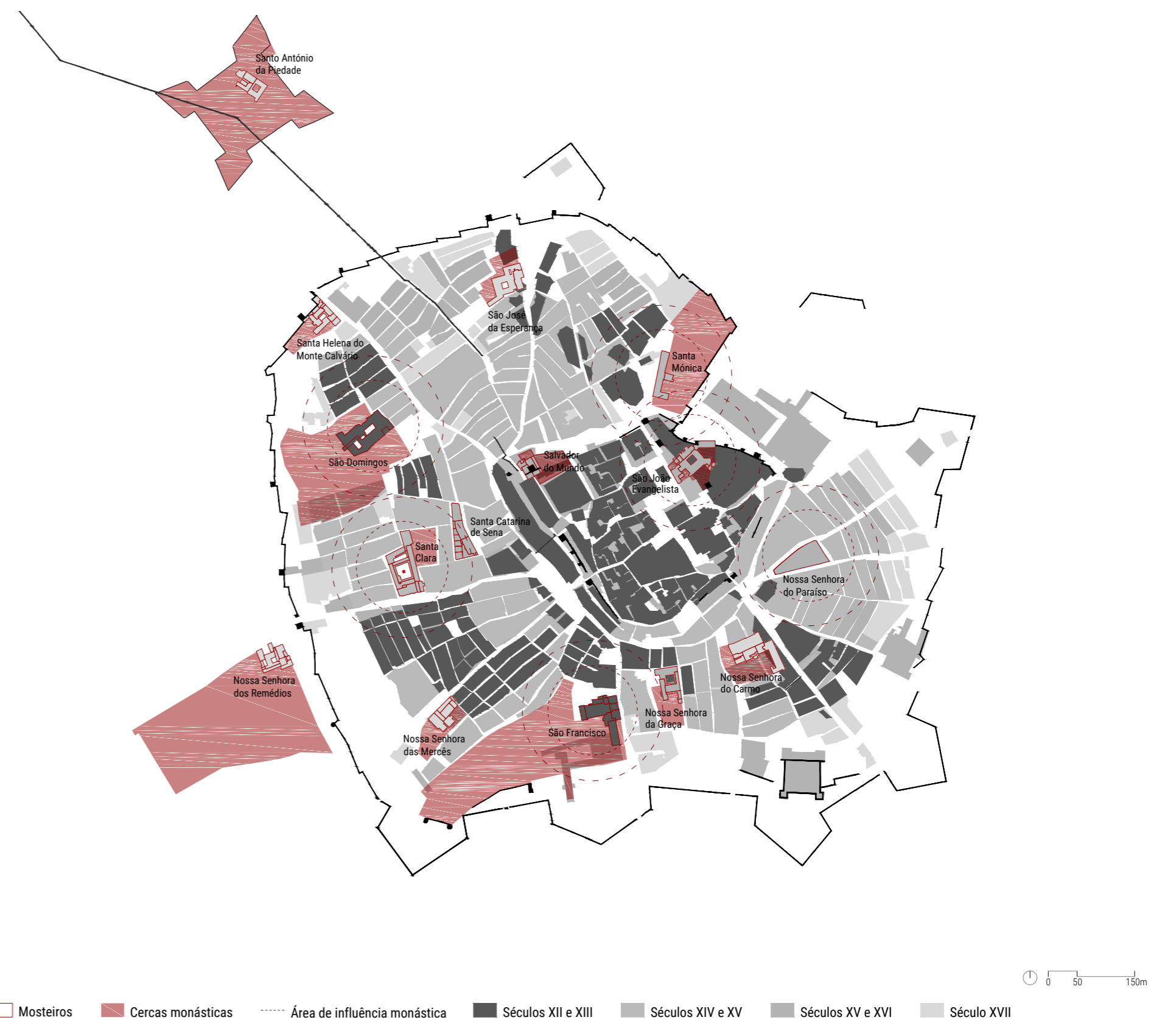
A fixação urbana das comunidades religiosas eborenses seguiu um padrão que, em regra, tende a equilibrar o necessário recato religioso com uma localização estratégica junto aos principais eixos de circulação. São Francisco, Santa Clara, São Domingos, Nossa Senhora do Paraíso, Santa Helena do Monte Calvário e o Convento Novo são os melhores exemplos.

Mesmo as ordens monásticas, em especial os jerónimos e os cartuxos, que procuravam preferencialmente uma localização recatada de acordo com a sua conduta espiritual, instalaram-se junto a eixos viários importantes, assim como Santa Maria do Espinheiro, embora num contexto mais afastado da urbe que os anteriores.

A própria extinção das ordens religiosas acabou por influenciar até aos dias de hoje a estrutura urbana da cidade. Depois de extintos, os mosteiros que não foram demolidos, conheceram uma enorme variedade de usos. Alguns foram parcialmente demolidos como Santa Mónica, Nossa Senhora das Mercês e Salvador do Mundo, que originou uma profunda alteração urbana nas suas envolventes, tendo a demolição deste último originado um imponente edifício e a abertura de uma nova artéria da cidade. As antigas cercas influenciaram também o tecido urbano no pós-extinção das ordens religiosas. A cerca de São Francisco ainda hoje é utilizada como espaço verde da cidade; a cerca do mosteiro dos Remédios funciona desde a extinção como cemitério; e as cercas de São Domingos e Santa Mónica foram convertidas em complexos de habitação.

Todos os mosteiros de uma maneira ou de outra influenciam a cidade actual. Seja pela nova função que desempenham hoje, proporcionando actividade na sua envolvente, seja pela monumentalidade da sua arquitectura que marca a silhueta da cidade e a vivência na sua escala urbana.

⁰¹ Gaspar, J. in Fróis, V. (2002). *Ob cit.*, pp.88-91.



EIXOS URBANOS

A malha urbana de Évora deve muito à importância das primitivas portas da *cerca velha* e da consequente polarização do espaço adjacente, constituído como praça pública - a antiga *Porta de Alconchel* e respectiva *Praça Grande* (de Giraldo) e a *Porta de Moura* e respectivo Largo da *Porta de Moura*. Ambos os espaços, a par com a ligação à *Porta da Lagoa* (*cerca nova*) e à Praça Joaquim António de Aguiar, contemplam os principais e mais longos arruamentos da cidade, com forte actividade económica. Destaca-se a existência histórica de um grande eixo de ligação entre os mosteiros de São Francisco e São Domingos, coincidente com as actuais *arcadas*. As antigas estradas de ligação ao exterior foram-se tornando vias urbanas, desenvolvendo-se em seu redor quarteirões de dimensões e estruturas regulares, com uma tipologia urbanística característica, pontualmente quebrada por edifícios de maior representatividade. O modelo criado tem notoriamente características radiais, observando-se na distribuição espacial das comunidades religiosas.

Os primitivos mosteiros, aquando da sua fundação em zonas periféricas, formaram núcleos catalisadores de desenvolvimento e crescimento urbano na sua envolvente orientando "a expansão urbanística nessa direcção, podendo assim definir eixos viários"⁰¹. Eixos esses que perduraram até aos dias de hoje e que se definem como fundamentais no quotidiano da cidade. Por outro lado, os mosteiros de fundação tardia que sujeitaram a sua implantação à densidade da malha urbana, fixaram-se em lugares estratégicos quase sempre associados a importantes eixos urbanos e viários com relação directa às portas da muralha fernandina, promovendo a manutenção da relevância desses caminhos e ruas junto da população.

⁰¹ *Ibidem*, p.88.



RELAÇÃO ENTRE MOSTEIROS, MURALHAS E AQUEDUTO

As muralhas (*cerca velha*, romana e *cerca nova*, medieval), limite espacial que além da defesa à cidade serve de contenção urbana, muitas vezes delimitou e definiu os limites dos futuros espaços de construção e noutras vezes foi construída considerando limites existentes.

Apesar das primeiras fundações monásticas se terem instalado fora da *cerca velha*, os mosteiros dos Lóios e do Salvador do Mundo, viriam a instalar-se no interior do perímetro da muralha romana. A cidade extravasou a primeira cintura de muralhas e construiu-se mais tarde a *cerca nova* para proteger esta nova expansão. A *cerca nova* em alguns casos absorveu as cercas monásticas no seu desenho, quer salvaguardando o espaço verde, vital à própria sustentabilidade das comunidades religiosas, quer como forma de protecção militar e sanitária.

Posteriormente, construíram-se as fortificações modernas, nomeadamente o forte de Santo António que viria a servir de protecção ao Mosteiro de Santo António da Piedade, delimitando a sua cerca.

Para além da protecção que esta barreira proporcionava aos mosteiros, servia em inúmeros casos de limite dos próprios edifícios e das suas cercas (Loios, Salvador, S. Francisco, Sta. Mónica, Calvário, Santo António).

Por outro lado, o outro limite de Évora, o Aqueduto da Água da Prata, construído entre 1533 e 1537, e tendo como primeiro objectivo prover de água potável e perene a cidade, foi redireccionado intramuros pela necessidade de abastecimento das muitas comunidades religiosas dispersas pela malha urbana, as únicas donatárias de anéis e penas de água.

Ambas as estruturas (muralhas e aqueduto) assumem-se como limites físicos construídos da cidade, que serviram de barreira e contenção à expansão espacial dos conjuntos monásticos ou em alguns casos os muros defensivos formavam parte dos muros das suas cerca numa leitura de unidade.



■ Mosteiros ■ Cercas monásticas --- Cerca velha demolida --- Cerca nova demolida --- Fortificações modernas demolidas --- Muralhas existentes
— Aqueduto à superfície — Aqueduto subterrâneo/demolido

0 50 150m

TOPOGRAFIA

As características da topografia, não definiram apenas a implantação de Évora como influenciaram o desenvolvimento urbano desde a sua fundação. Além da colina principal onde se instalou o primitivo núcleo urbano e onde se sediou primeiramente o poder militar (castelo) e religioso (catedral), registou-se o progressivo crescimento pelas colinas adjantes. Naturalmente a construção das muralhas e do aqueduto adaptaram-se a esta condicionante, e os próprios eixos viários estruturantes (casos das ruas da República, Machede, Mendo Esteves, Mesquita, Alconchel, Raimundo, Lagoa e Avis) seguiram as zonas mais baixas entre festos. Pequenas linhas de água foram gradualmente integradas na malha urbana, apenas recordadas hoje pela toponímia. Nota dominante à instalação das principais comunidades religiosas, o facto de se fixarem em cotas relativamente mais altas, sempre com a preocupação com a drenagem das águas pluviais e dos despejos domésticos.



TRANSIÇÕES ESPACIAIS

Ao longo do tempo e por vicissitudes várias algumas comunidades religiosas tiveram necessidade de transferir de um primitivo lugar para outro.

O caso mais expressivo dessa realidade é dado pelo Mosteiro do Carmo, originalmente erguido à *Porta da Lagoa* e que o assédio militar espanhol de 1663 acabaria por destruir completamente, tendo sido reinstalado junto à *Porta de Moura*, na antiga Rua da Mesquita, em dependências domésticas pertencentes à Casa de Bragança.

Os franciscanos capuchos de Valverde viram-se obrigados a mudar-se para as portas da cidade, em 1607, para a *Porta da Lagoa*, uma vez que o primitivo lugar não contemplava a salubridade necessária à vida da comunidade, sendo frequente os religiosos adoecerem ou mesmo falecerem.

Porém, os casos mais comuns prenderam-se com a necessidade de crescimento da própria comunidade:

- As freiras de Santa Catarina de Sena começaram por se reunir no recolhimento de Santa Marta. Em 1547 mudaram-se para um lugar próximo para poderem erguer o mosteiro, mais tarde demolido.
- A comunidade do mosteiro do Salvador começou por se reunir num lugar onde hoje se encontra o Colégio do Espírito Santo, que a pedido do Cardeal D. Henrique alterou a sua residência para um antigo palácio junto à actual Praça do Sertório, entre os anos de 1567 e 1607.
- Os frades descalços trocaram a primitiva localização intramuros (uma albergaria junto à ermida de Nossa Senhora dos Remédios) por uma implantação extramuros, construindo o Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios junto às portas da cidade (*Alconchel*). Esta transição deveu-se a um desentendimento com a comunidade franciscana.
- Os frades do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês, trocaram as primitivas instalações da Rua Fria pela Rua do Raimundo, num palácio quinhentista comprado pela Rainha D. Luísa de Gusmão com o propósito de receber a comunidade dos agostinhos descalços.



ESTADO, FUNÇÕES E USOS ACTUAIS

Após a extinção e a consequente vaga demolidora de final do século XIX, acabaram por ser diversos os usos actuais dos mosteiros na cidade. Descontados os que foram totalmente demolidos (primitivo Carmo, São Domingos, Nossa Senhora do Paraíso e Santa Catarina de Sena), muitos foram reintegrados em estruturas públicas e privadas, embora alguns deles tenham sofrido demolições pontuais. Alguns dos mosteiros têm mesmo mais do que um uso associado, enquanto outros se encontram devolutos, apenas com a sua igreja esporadicamente aberta ao culto (São José da Esperança, Calvário e Carmo). Os usos dividem-se entre administrativo/serviços, ensino, cultura, hotelaria e religião.

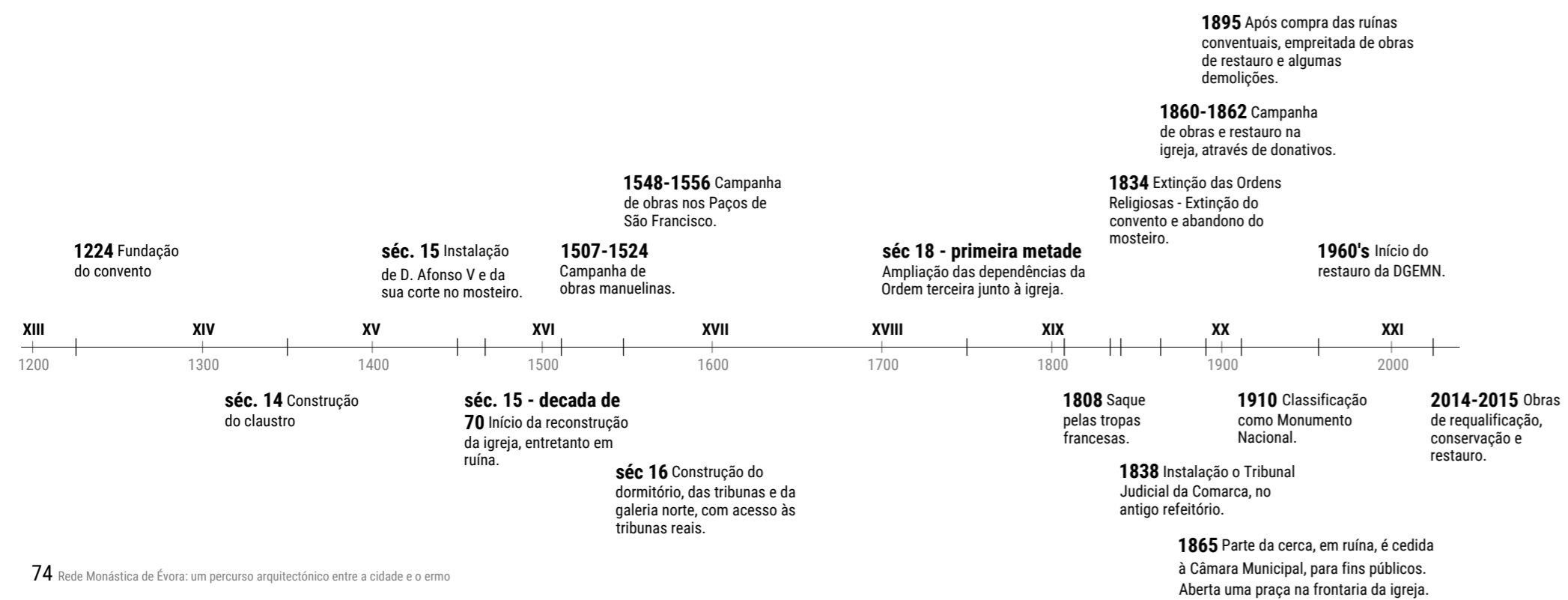
Relativamente aos mosteiros extramuros mais afastados da cidade, Santa Catarina de Montemuro e Santa Margarida do Aivado foram reconvertidos em habitações particulares, Bom Jesus de Valverde e São Bento de Cástris encontram-se devolutos, embora se realizem esporadicamente algumas actividades nos seus espaços. Já a Cartuxa mantém a sua função religiosa e o Espinheiro foi adaptado a um luxuoso hotel, com a sua igreja aberta ao culto.

Em todo o caso, este património, variado na forma e na função, conserva características fundamentais que se centram na memória arquitectónica sobrevivente, no espólio artístico conservado no lugar ou em espaços museológicos da cidade e nos espólios documentais à guarda da Biblioteca Pública de Évora. De salientar a importância de um uso actual que, pela necessidade de manutenção constante, conserva o espaço e permite o perpetuar do património monástico às gerações vindouras. Através das intervenções ao longo dos anos e das sucessivas reutilizações, com novas edificações ou simplesmente pequenas adaptações do espaço às necessidades actuais, existe a memória e identidade destes exemplares de arquitectura religiosa. Numa leitura de unidade relativamente a Évora é perceptível o papel importante que os extintos mosteiros tiveram na transformação da cidade desde a segunda metade do século XIX até à influência que detêm hoje em dia. Os edifícios monásticos são elementos de enorme potencial, pela sua localização, pelas suas características tipológicas e de organização espacial, e pelas suas dimensões.



MOSTEIRO DE SÃO FRANCISCO

Mosteiro	São Francisco
Implantação	Espaço Urbano Centro histórico, Largo 1º de Maio
Ordem Religiosa	Franciscana Masculino
Fundação	1224
Extinção	1834
Estado actual	parcialmente demolido
Função	culto religioso núcleo museológico
Propriedade	Pública
Protecção	Monumento Nacional Igreja 1910



14 Vista aérea do mosteiro de São Francisco

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Algum tempo depois de Évora ter sido tomada aos mouros, o primeiro mosteiro construído na cidade foi fundado pelos franciscanos, que se instalaram no exterior da primeira linha defensiva, perto da porta principal da muralha tardo-romana (porta de *Alconchel*). Edificada sobre a ermida de S. Joãozinho, a data de fundação desta primitiva casa franciscana é alvo de discórdia. Aponta-se pelos anos de 1224⁰¹ embora apenas em 1245 a sua presença tenha sido documentada numa doação de terras⁰². Desde cedo a comunidade franciscana atraiu à sua volta um *arrabalde*, que foi em parte responsável pela expansão e desenvolvimento da população no exterior das muralhas e que acabou por consolidar o tecido urbano nesse espaço. O dinamismo urbano aliado à evangelização tornou São Francisco de Évora num dos principais pólos religiosos da cidade medieval. Em meados do século XIV, a construção de uma nova cintura de muralhas fez com que toda a área do conjunto monástico, incluindo a cerca, ficasse envolvida por muros. A grande devoção a São Francisco foi motivada pela presença da família real, sobretudo a partir do final do século XIV. D. Afonso V transferiu a sua residência real para o Mosteiro de São Francisco, com a promessa de reforma na igreja, deixando a comunidade franciscana insatisfeita com o sucessivo avanço do palácio sobre as dependências monásticas. A família real, ao longo dos anos, foi responsável pela reconstrução e ampliação do mosteiro, sendo exemplo a igreja cuja nave foi uma das mais importantes obras de arquitectura da época⁰³. Com a deslocação da corte para fora de Évora, o paço real que serviu de residência foi progressivamente votado ao abandono, tendo sido devolvidas ao convento parte das suas dependências e horto. Então, a partir da segunda metade do século XVIII a igreja foi alvo de reabilitação. No início do século XIX o conjunto monástico apresentava-se bastante degradado, em parte pela destruição e saque das invasões francesas no início do século. Tendo posteriormente a sua ruína sido acentuada com a extinção das ordens religiosas de 1834. Desde então antiga residência religiosa teve outras funções e muitas estruturas do mosteiro foram desaparecendo. Sendo que os espaços da igreja e algumas capelas foram cuidados e mantidos. Nos séculos seguintes, em detrimento da construção de novas infraestruturas nas proximidades, foram demolidas diversas dependências do extinto mosteiro, deixando o claustro em ruínas. A construção do Mercado Municipal e Praça na envolvente, do Jardim Público na antiga cerca monástica, e de um quarteirão nas

dependências, contribuíram para a destruição do edificado. Apenas os espaços da igreja, parte do claustro, da sala do capítulo, da sacristia, da capela dos ossos e alguns anexos terão sobrevivido a tal intervenção⁰⁵. Já no século XX, a DGM iniciou obras de restauro no edifício, demolindo anexos da Ordem Terceira para revelar o portal gótico do alçado norte da igreja. Em 1940, foram repostos alguns troços de arcaria do claustro. Estas intervenções arrastaram-se até à mais recente requalificação no conjunto entre 2014 e 2015, obra do arquitecto Adalberto Dias.

Relativamente ao património sobrevivente às vicissitudes do tempo, a Igreja de S. Francisco trata-se do vestígio mais importante deste conjunto⁰⁶. Imponente pela sua volumetria em alvenaria de pedra, esta igreja, de planta rectangular em cruz latina e com nave de grandes dimensões⁰⁷, contém no seu interior várias capelas laterais, interligadas, tendo uma delas vestígios de ligação ao antigo claustro. O nártex do século XVI trata-se de um típico exemplo de arquitectura manuelina-mudjar, precedido pelo pórtico esculpido em mármore e granito. Diversos tipos de arcos, assentes em capitéis sustentam a cobertura em abóboda. O piso superior, detentor de grande monumentalidade, contém vestígios de antigos espaços reais. Relativamente ao claustro datado do século XIV terá sido considerado um dos melhores e mais ricos do país. Construído na parte sul do conjunto, o claustro teria três acessos e seria composto por ramos de três arcadas marmóreas e assentes em paramentos graníticos. Os edifícios adjacentes à igreja formam um quarteirão, cujo volume corresponde ao mosteiro e o paço real.

⁰¹ Tereno, M. C. (2006). *Igreja e Convento de São Francisco de Évora - A sua conservação*. Câmara Municipal de Évora, p.2.

⁰² Monteiro, F. (2011). *Sistema Monástico-Conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média*. Tese de Doutoramento em Arquitectura na Universidade de Évora, p.54.

⁰³ Tereno, M. C. (2006). *ob. cit.*, p.3.

⁰⁴ Caeiro, E. (2005). *Os Conventos do Termo de Évora*. Dissertação de Doutoramento em Teoria y Prática de la Rehabilitación na Universidade de Sevilha, p.109.

⁰⁵ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.112.

⁰⁶ Cf. Bilou, F (2014) *Igreja de São Francisco e o Paço Real de Évora: A obra e os seus protagonistas 500 anos depois*. Edições Colibri

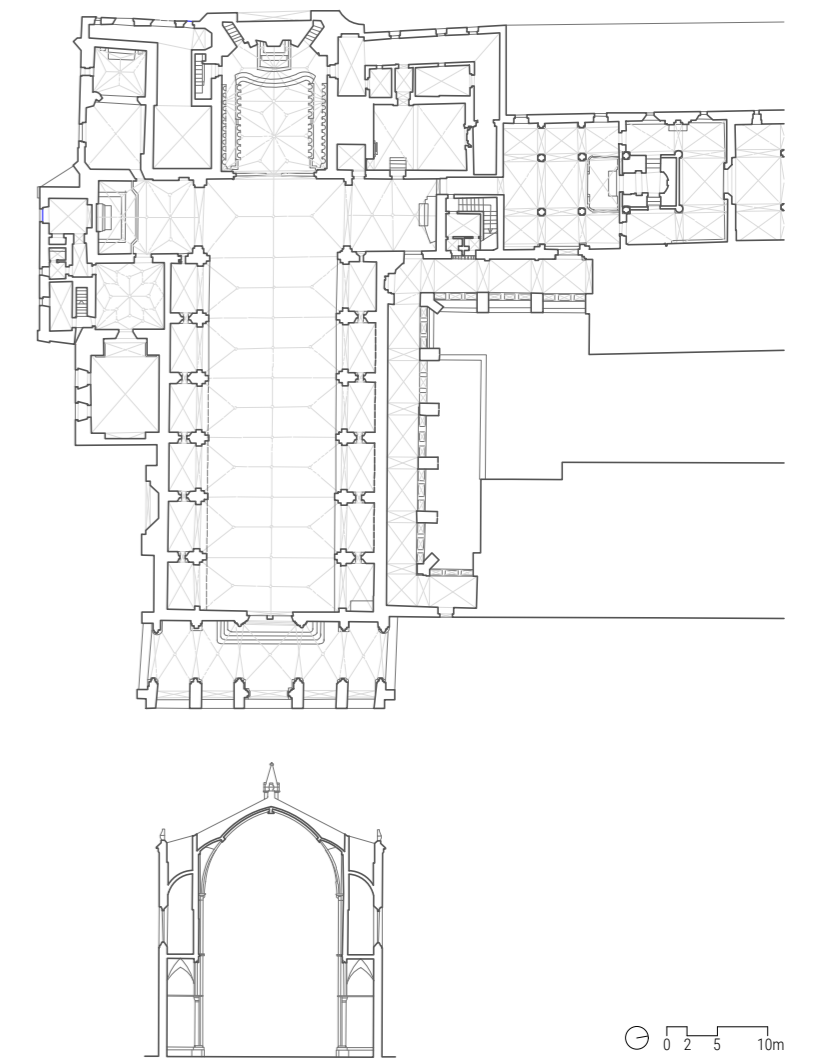
⁰⁷ Tendo em conta as dimensões das igrejas dos demais mosteiros fundados em Évora, na mesma época.



Planta de localização | Mosteiro de São Francisco



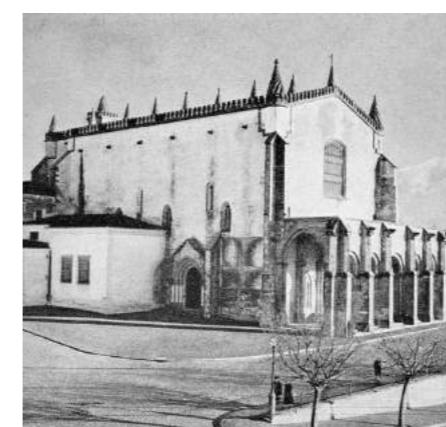
Planta de implantação | Mosteiro de São Francisco



Planta e corte | Mosteiro de São Francisco



15 Fachada poente da igreja, troço do aqueduto e da caixa demolidos



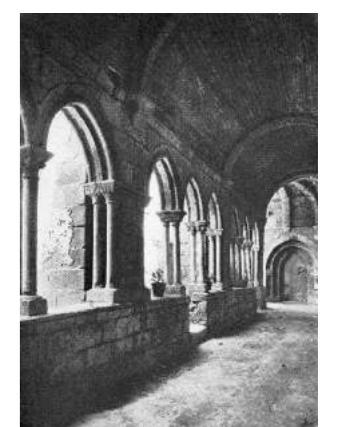
16 Vista exterior



17 Igreja



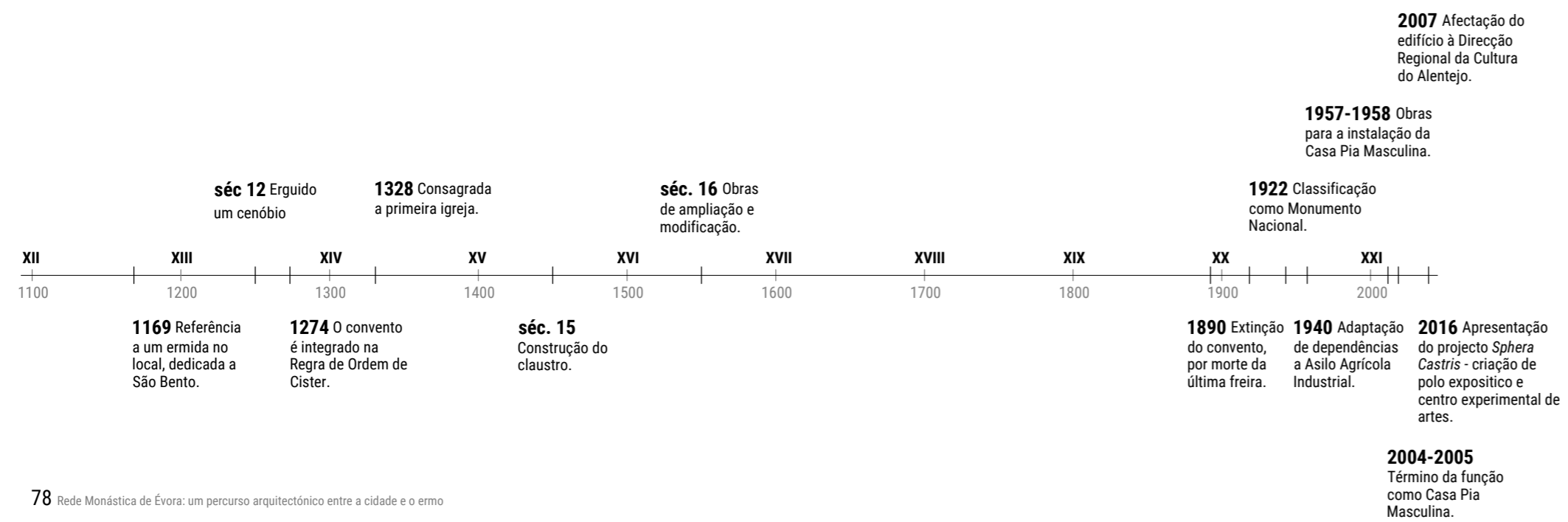
18 Claustro



19 Claustro

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE CÁSTRIS

Mosteiro	São Bento de Cástris
Implantação	Peri-urbano 2 km a noroeste de Évora
Ordem Religiosa	Cister Feminino
Fundação	1274
Extinção	1890
Estado actual	conserva espacialidade
Função	devoluto
Propriedade	Pública
Protecção	Monumento Nacional Igreja 1910



20 Vista aérea do mosteiro de São Bento de Cástris

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Poucos anos depois da fundação do primeiro convento em Évora, foi fundado em 1274 o Convento de São Bento de Cástris. A primeira casa feminina e monástica na cidade teve uma implantação peri-urbana, a cerca de 2,5km, junto de um cruzeiro que "marca a importância da via que ali se encontrava"⁰¹. A sua localização respeitava a imposta pela ordem de Cister: afastada da urbe numa encosta com vista privilegiada e dominante sobre a cidade, onde pudessem viver em clausura. Este lugar foi um ponto estratégico na defesa da cidade, esclarecido pela toponímia e pela referência à torre atalaia moura do "Alto de São Bento". Segundo Gabriel Pereira, *cástris* deriva do termo *castro* cujo significado romano aponta para uma zona de acampamento militar⁰². Num dos limites da cerca do conjunto monástico, encontrar-se-ia a dita torre atalaia que pertenceria ao sistema defensivo islâmico da cidade, referida por Túlio Espanca⁰³. O mosteiro cisterciense teve origem numa ermida dedicada também a São Bento. Tratando-se da fundação monástica feminina mais antiga no território Sul do país, teve início no século XIII, através de uma comunidade de recolhidas que subsistiu até ao ano de 1274. Porém a igreja veio a ser consagrada apenas no ano de 1328, divergindo as opiniões sobre a data exacta de fundação deste convento. A edificação do mosteiro desenvolveu-se a partir das necessidades das monjas, estendendo-se ao longo de diferentes épocas e por isso de diferentes estilos de arquitectura, partindo da ermida existente⁰⁴. Apesar do afastamento da urbe, o mosteiro tinha influência na cidade e no crescimento da sua envolvente pela produção agrícola. A partir do reinado de D. Manuel deram-se algumas reformas arquitectónicas no conjunto que alteraram o aspecto original e a espacialidade do edifício. Devido às invasões ao mosteiro pelas tropas francesas, foi quebrada a clausura e as monjas foram forçadas a instalarem-se em quintas localizadas nas proximidades. Posteriormente, fizeram-se obras de recuperação e foram construídas habitações na zona norte do edifício. Após a morte da última freira, em 1890, a casa religiosa foi extinta e parte dos bens foram vendidos em leilão. Por essa razão o edifício passou a acolher diversas funções que o viriam a descaracterizar. Em meados no século XX o restauro do conjunto arruinado foi assegurado pela DGEM, e a Casa Pia ocupou então o edifício de 1957 a 2005, promovendo novas obras de conservação e requalificação dos espaços. Nos anos de 2011 e 2012 as coberturas do edifício foram reparadas, tendo desde essa altura um uso sobretudo cultural. Na envolvente do edifício,

o espaço da antiga cerca está cultivada por hortas invocando essa função enquanto casa religiosa.

Relativamente ao património arquitectónico do Mosteiro de São Bento de Cástris, o seu conjunto foi "fruto de adaptações ao longo dos séculos, reflectiu o gosto e vontade de quem o habitou, edificado de acordo com as técnicas das diferentes épocas, reflectindo o desaparecimento e surgimento de estilos arquitectónicos de épocas distintas."⁰⁵. Do extinto conjunto monástico podemos afirmar que as características da envolvente serão semelhantes às existentes no seu período de funcionamento, devido à actividade agrícola desenvolvida dentro dos limites da cerca. Destacando-se pela sua volumetria e pela sua isolada localização, este mosteiro é caracterizado pelos seus diversos volumes, que se erguem em torno do claustro. A igreja, cuja entrada é precedida por um alpendre, contém uma só nave e transepto, de planta rectangular, e com quatro tramos, a sua cobertura em tecto ogival decorado por pinturas está apoiada nas suas paredes laterais decoradas por painéis de azulejos. O claustro, de dois pisos e de planta irregular é constituído por arcaria abatida. As dependências construídas em seu redor conservam a espacialidade e a traça arquitectónica de expressão tardo-gótica. O actual conjunto contempla vestígios românicos, góticos, mudéjares, manuelinos e barrocos. O seu estado de conservação é razoável devido às várias obras de requalificação do conjunto ao longo dos anos após a sua extinção, aguardando de forma expectante uma função que lhe confira a sua consolidação. A pouca actividade registada nos últimos anos deveu-se às "Residências Cistercienses", uma iniciativa anual que junta investigadores e artistas com o objectivo de partilhar conhecimentos.

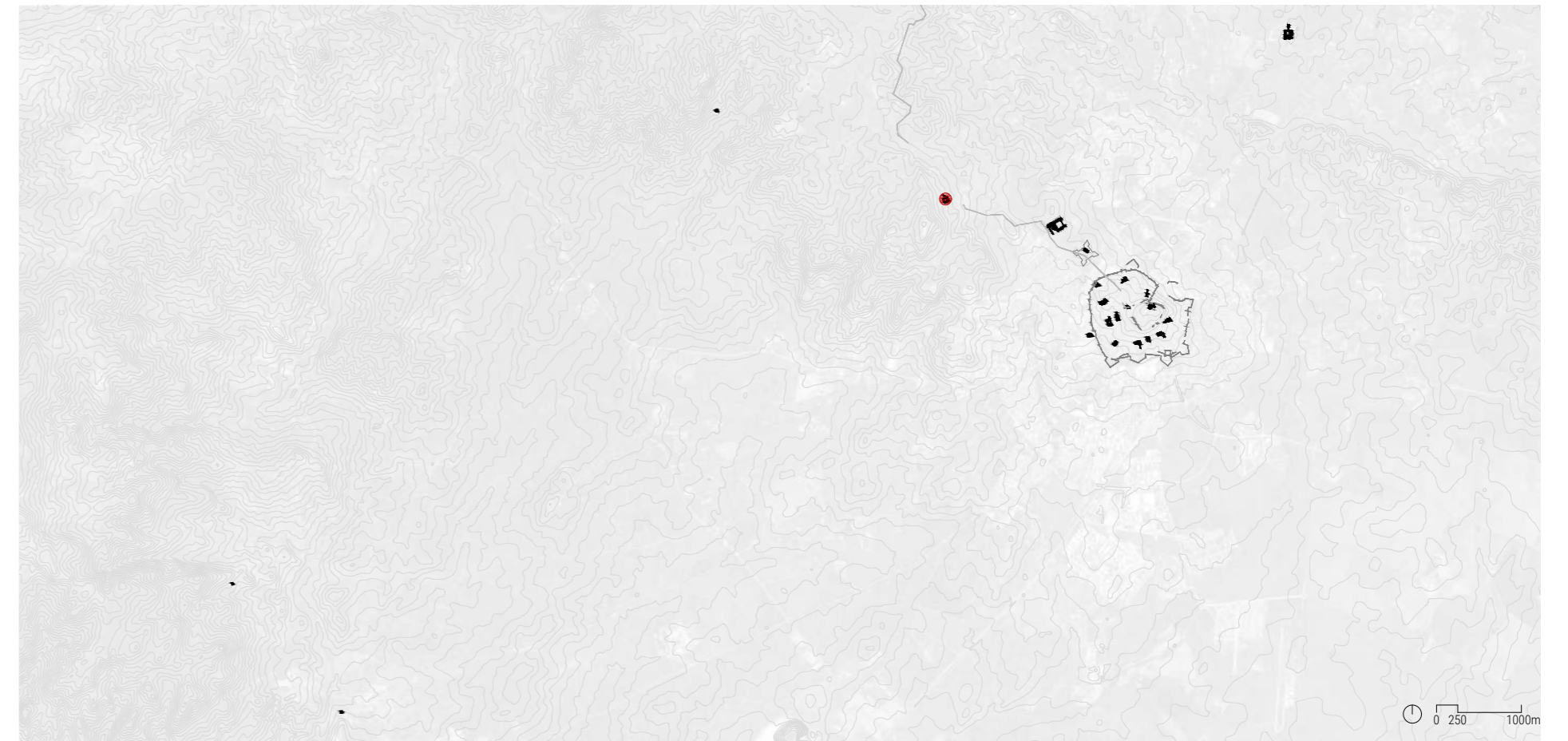
⁰¹ Faustino, P. (2016). *O Mosteiro de São Bento de Cástris: memória e identidade*. Tese de Mestrado em Arquitectura da Universidade de Évora, p.31.

⁰² *Ibidem*.

⁰³ Espanca, T. (1957). *Património Artístico do Concelho de Évora: Arrolamento das Freguesias Rurais*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp.35-42: "até 1739, muito arruinada, a atalaia mourisca ligada à escalada nocturna de Geraldo Sem Pavor e a morte violenta dos vigias, no Outono de 1165. Comemorando a derrocada leu-se até época recente, embebida na cal no reboco do muro a seguinte inscrição: 1729/AOS 12 DE JANEIRO/ CAHIO A TORE/ DESTE CONVENTO."

⁰⁴ Faustino, P. (2016). *Ob. cit.*, p.41.

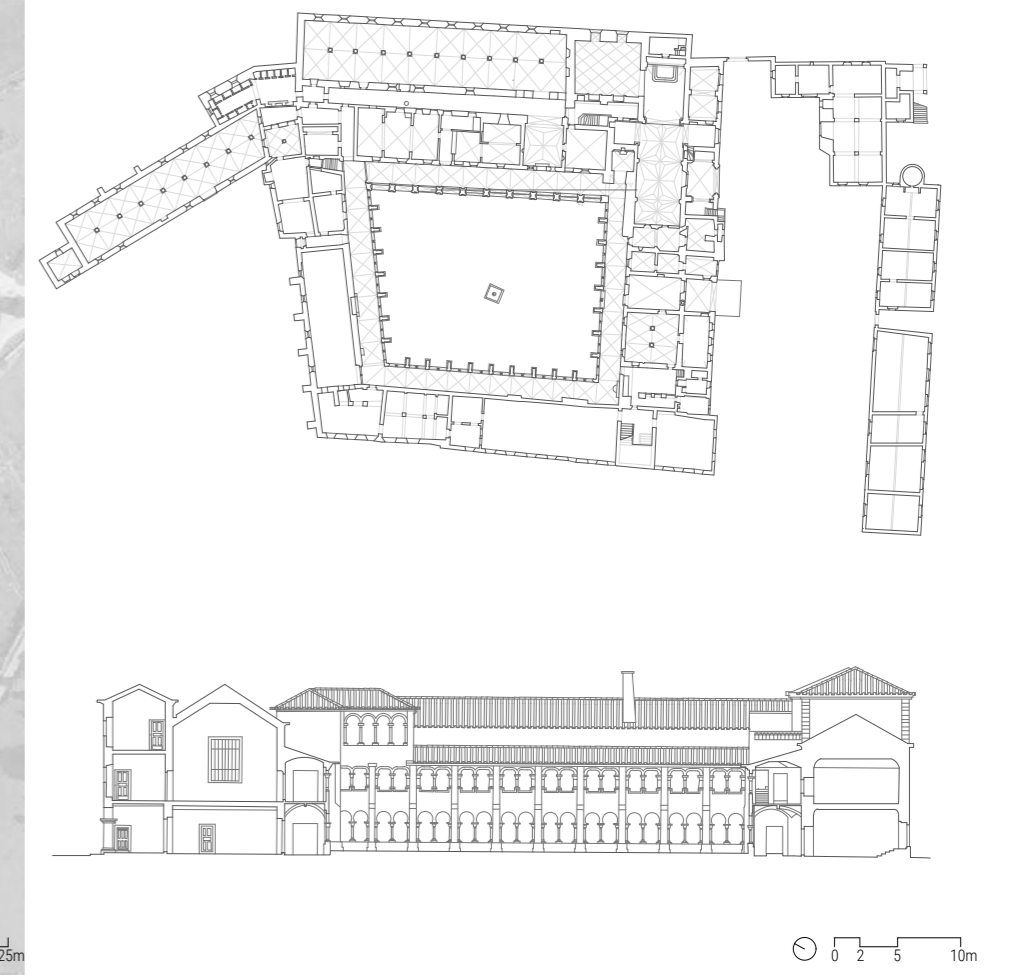
⁰⁵ *Ibidem*, p.70.



Planta de localização | Mosteiro de São Bento de Cástris



Planta de implantação | Mosteiro de São Bento de Cástris



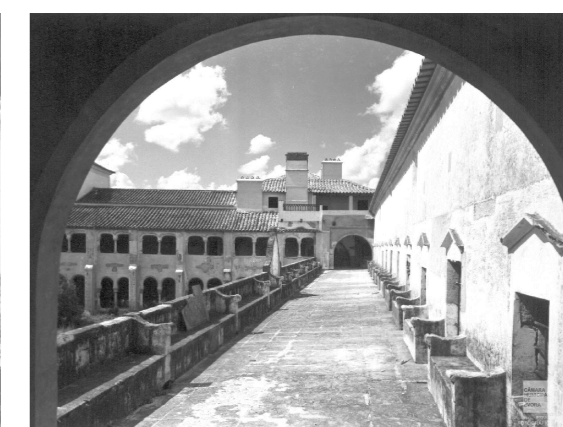
Planta e corte | Mosteiro de São Bento de Cástris



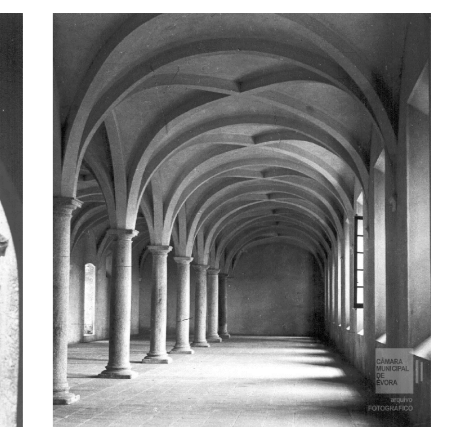
21 Vista exterior



22 Igreja



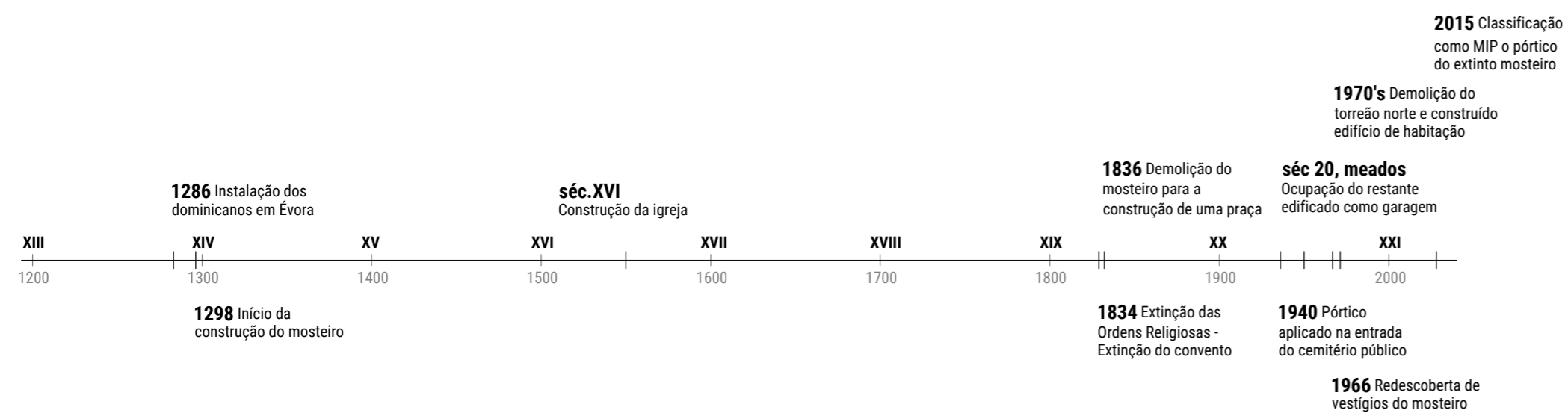
23 Igreja



24 Sala do capítulo

MOSTEIRO DE SÃO DOMINGOS

Mosteiro	São Domingos
Implantação	Espaço Urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Domínicana Masculino
Fundação	1286
Extinção	1834
Estado actual	demolido
Função	-
Propriedade	-
Protecção	-



25 Vista aérea da área anteriormente ocupada pelo mosteiro de São Domingos

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Nos últimos anos do século XIII foi fundado o Convento de São Domingos. Embora os frades dominicanos "já pregassem há 40 anos"⁰¹, apenas no final desta centúria aceitaram erguer um mosteiro fora da primeira linha de muralhas. A sua implantação privilegiava a proximidade ao núcleo urbano, situando-se no lado ocidental do aglomerado, num lugar estratégico junto às entradas da cidade cujas vias principais que as marcavam faziam as ligações norte-sul.

A Ordem Dominicana instalou-se no ano de 1286, junto a uma ermida com evocação a Santa Victória⁰², vivendo de esmolas e pregando à população. Em 1298, D. Dinis recomendou os frades dominicanos à cidade de Évora incentivando à construção do seu mosteiro, possível graças às doações da pequena nobreza local. Pelas reformulações ocorridas no seio da Ordem, relacionadas com o ensino nos conventos, esta casa religiosa acolheu inúmeras figuras da cultura portuguesa da época como André de Rezende, Bartolomeu de Mártires e Frei Luís de Sousa.

No século XVI, sob protecção dos reis D. Manuel I e D. João III, o espaço monástico foi ampliado com a construção de uma sala capitular e um novo claustro renascentista. Posteriormente, no âmbito das invasões francesas, o mosteiro foi bombardeado e saqueado, das quais resultaram consideráveis estragos no edifício.

Em 1834, o conjunto foi secularizado e, apenas dois anos depois, demolido como previa o plano urbanístico proposto à rainha D. Maria II pela Administração Geral do Distrito. O desmantelamento do edifício foi pago através da venda dos materiais provenientes do mesmo, encontrando-se ainda hoje alguns deles dispersos por diversos locais da cidade, exemplo disso são os portais renascentistas que foram transportados deste mosteiro para o Cemitério dos Remédios e para a fachada da reitoria do Colégio do Espírito Santo⁰³.

Relativamente ao vasto conjunto arquitectónico subsistem escassos vestígios com destaque para algumas dependências no piso térreo, algumas arcadas e abóbadas manuelinas e barrocas, um troço do primitivo claustro gótico, dois portais em mármore (um deles colocado no cemitério dos Remédios e outro no Colégio do Espírito Santo) o túmulo de André de Rezende (colocado na Sé de Évora), parte do altar-mor (colocado na

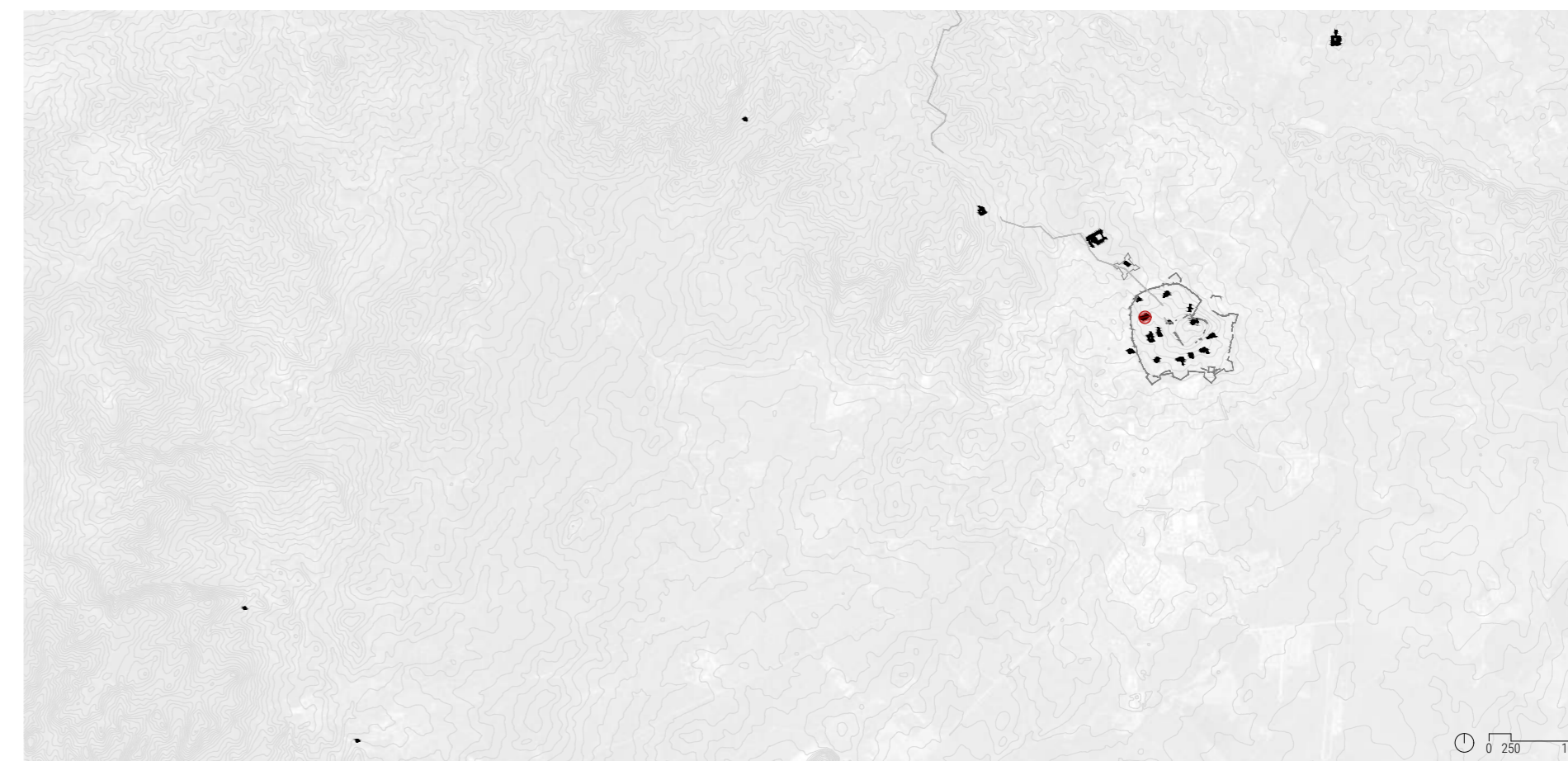
Igreja Matriz de Cabeção), a Capela de Nossa Senhora do Rosário (que se encontra na Igreja de Santo Antão) e algumas pinturas (que pertencem actualmente ao Museu de Arte Antiga de Lisboa). Face à sua precoce demolição e à escassez de elementos gráficos, a única imagem conhecida do conjunto é retratada no foral manuelino de 1501. No final do século XIX fez-se uma intervenção urbanística, da qual resultou a Praça Joaquim António Aguiar juntamente com o Teatro Garcia de Rezende. Desta operação sobreviveu uma pequena parte do antigo mosteiro e grande parte do espaço que pertencia à sua cerca. No século seguinte, os espaços sobreviventes do extinto mosteiro são ocupados por uma garagem, por uma estação de serviços e por uma oficina metalomecânica. Não tardou a necessidade de realizar obras nas zonas de acesso público, que viram a redescobrir colunas, pilastras e abóbadas de época manuelina e posterior. Mais tarde, nos anos 70, o torreão norte foi demolido dando lugar a um edifício de habitação e a zona da cerca foi convertida num parque de estacionamento. Recentemente a nova intervenção que reabilitou os espaços conventuais sobreviventes, construiu também blocos de habitação, comércio, serviços e caves de estacionamento. Actualmente, o acesso ao piso superior é feito pela antiga portaria. Neste piso existem ainda vestígios das antigas celas. Já no piso térreo, constam os vestígios do primitivo claustro que data do século XIII, sendo composto por seis tramos de arcaria chanfrada e apoiado em colonetos graníticos.

As características urbanísticas da envolvente resultam da fragmentação do antigo espaço conventual, que o descaracterizam por completo sendo impossível a leitura do conjunto monástico neste lugar.

⁰¹ Tereno, M. C.; Monteiro, F. (2013). *S. Domingos e Santa Clara como conjuntos estruturantes para o desenvolvimento da malha urbana no quadrante noroeste da cidade de Évora (séculos XII / XV) - Portugal*, p.4.

⁰² *Ibidem*.

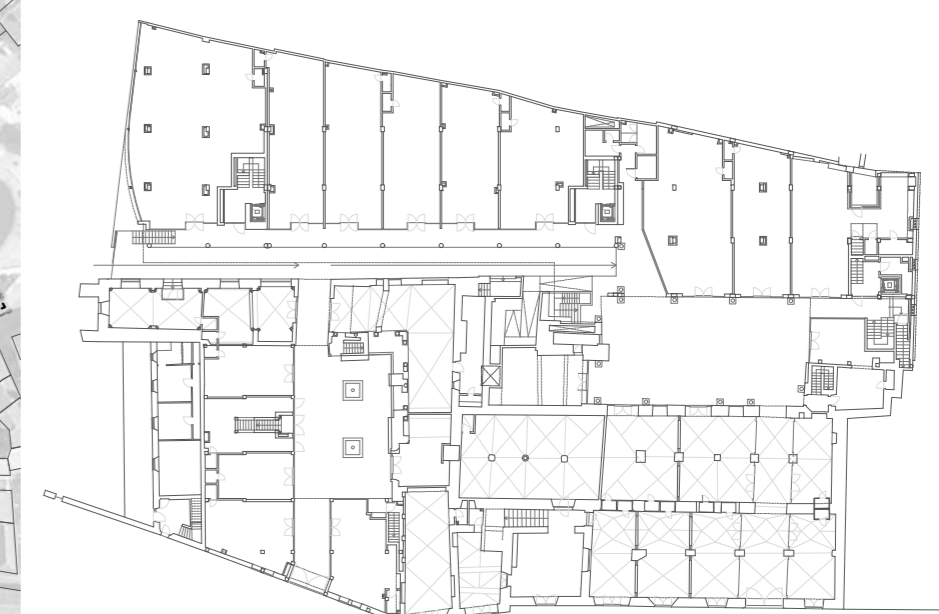
⁰³ Bilou, F. (2018). *Nicolau Chanterene e os portais renascentistas da capela-mor de São Domingos de Évora. Breve análise histórica, artística e autoral*.



Planta de localização | Mosteiro de São Domingos



Planta de implantação | Mosteiro de São Domingos



Planta | Mosteiro de São Domingos



26 Reconstituição



27 Vista exterior



28 Claustro gótico



29 Edifício antes de intervenção

MOSTEIRO DE SANTA MARGARIDA DO AIVADO

Mosteiro	Santa Margarida do Aivado
Implantação	Espaço rural Quinta de Santa Margarida, a 5km noroeste de Évora
Ordem Religiosa	São Paulo, Primeiro Eremita Masculino
Fundação	1406
Extinção	1823
Estado actual	conserva espacialidade
Função	habitação
Propriedade	Privada
Protecção	-



30 Vista aérea do mosteiro de Santa Margarida do Aivado

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Erguido numa zona de vale, o mosteiro de Santa Margarida do Aivado situa-se a cerca de 5km, a noroeste de Évora, na Quinta de Santa Margarida. A primeira fundação ermitica em Évora da Ordem de São Paulo, Primeiro Eremita da Congregação da Serra de Ossa, privilegiou um lugar ermo, com terrenos férteis e abundante em água. A fundação do convento remonta aos primeiros anos do século XV (1406) e deve-se a cavaleiros "das lides guerreiras da independência, durante o reinado de D. João I, que renunciaram à vida secular"⁰¹. Contudo, o primitivo ermitério, dedicado a Santa Margarida, já existia no século anterior (1376)⁰².

Em 1419, a pedido do Infante D. Duarte, o Papa Martinho V "concede aos eremitas do Aivado diversos privilégios"⁰³. O oratório original, onde viveu o seu instituidor pelo espaço de 50 anos, não se encontrava englobado em qualquer ordem religiosa autorizada por Roma, o que prejudicava o seu desenvolvimento, embora estivesse agregado no plano cenobítico que deu a origem a casas similares.

Mais tarde, em 1460, o seu fundador, de idade avançada e consequentemente temendo o desaparecimento da sua obra, resolveu oferecê-la aos cônegos regantes de Santo Eloi. Porém, dadas as diferenças de missões religiosas, o contrato foi anulado e o fundador, uma vez "nomeado superior do Convento de S. Paulo da Serra de Ossa, integrou toda a sua missão no grémio paulista do ramo descalço."⁰⁴. O ermitério, após ter sido transformado em clausura formal no século seguinte, foi habitado por 15 irmãos que prestavam assistência aosromeiros e mendigos. O orago da casa atribuíu-se a Nossa Senhora da Saúde, culto devocional proveniente da casa mãe de São Paulo.

O primitivo edifício claustral, restaurado em 1960, foi adaptado a habitação pela família Torres Vaz Freire. Segundo testemunho verbal, até aí os vários espaços do mosteiro foram convertidos em habitações para os moradores da quinta. O espaço conserva ainda a cerca monástica bem como a zona do pomar e laranjal e o que resta de um complexo sistema hidráulico. Os bens do extinto mosteiro foram integrados no Colégio de S. Paulo de Coimbra, após 1823⁰⁵. A propriedade privada pertence actualmente a Karl Walter, mantendo as funções de habitação à semelhança do século passado.

No exterior, um cruzeiro granítico, indica a frontaria do templo, cuja comunicação para o interior se fazia através do, ainda existente, adro em alpendre, desenhado por um arco de volta abatida e iluminado por uma janela marmórea. A igreja, de planta rectangular orientada a nascente, é protegida por uma abóbada em alvenaria de meio canhão. Conserva dois arcos laterais, que foram capelas (uma delas de cúpula ovoide) revestidas de pinturas a fresco, das quais subsistem alguns vestígios. O retábulo do altar-mor, entretanto desaparecido, continha as esculturas de Nossa Senhora da Saúde, Santa Margarida e São Paulo. À semelhança do retábulo, desapareceram também painéis de azulejos no rodapé da nave, altares de talha e um curioso púlpito. A antiga sacristia preserva ainda um lavabo em mármore. O claustro, de um só piso trata-se de uma harmoniosa obra do século XVI, distinguindo-se do resto do conjunto dada a sua nobre traça. Este espaço comunica aos antigos espaços da Sala do Capítulo e Refeitório. É ainda possível observar um portal gótico num dos actuais espaços da habitação. O corpo norte do antigo mosteiro, contrafortado, destinava-se à área das celas, sendo actualmente a habitação dos caseiros da quinta. Este volume encontra-se perfeitamente conservado, tendo somente uma porta, que fazia a ligação para o claustro, que foi posteriormente fechada⁰⁶.

Existem dois acessos ao extinto conjunto monástico: um deles pela estrada de Arraiolos; o outro pela estrada de Montemor/Lisboa. O acesso original aparenta ser este último, uma vez que o antigo caminho medieval para Lisboa ("caminho velho de Montemor") passava nas imediações e era feito através de uma ponte, ainda hoje existente, sobre a ribeira do Montinho.

⁰¹ Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. (Vol. I-VII) Lisboa: ANBL, pp. 318-139.

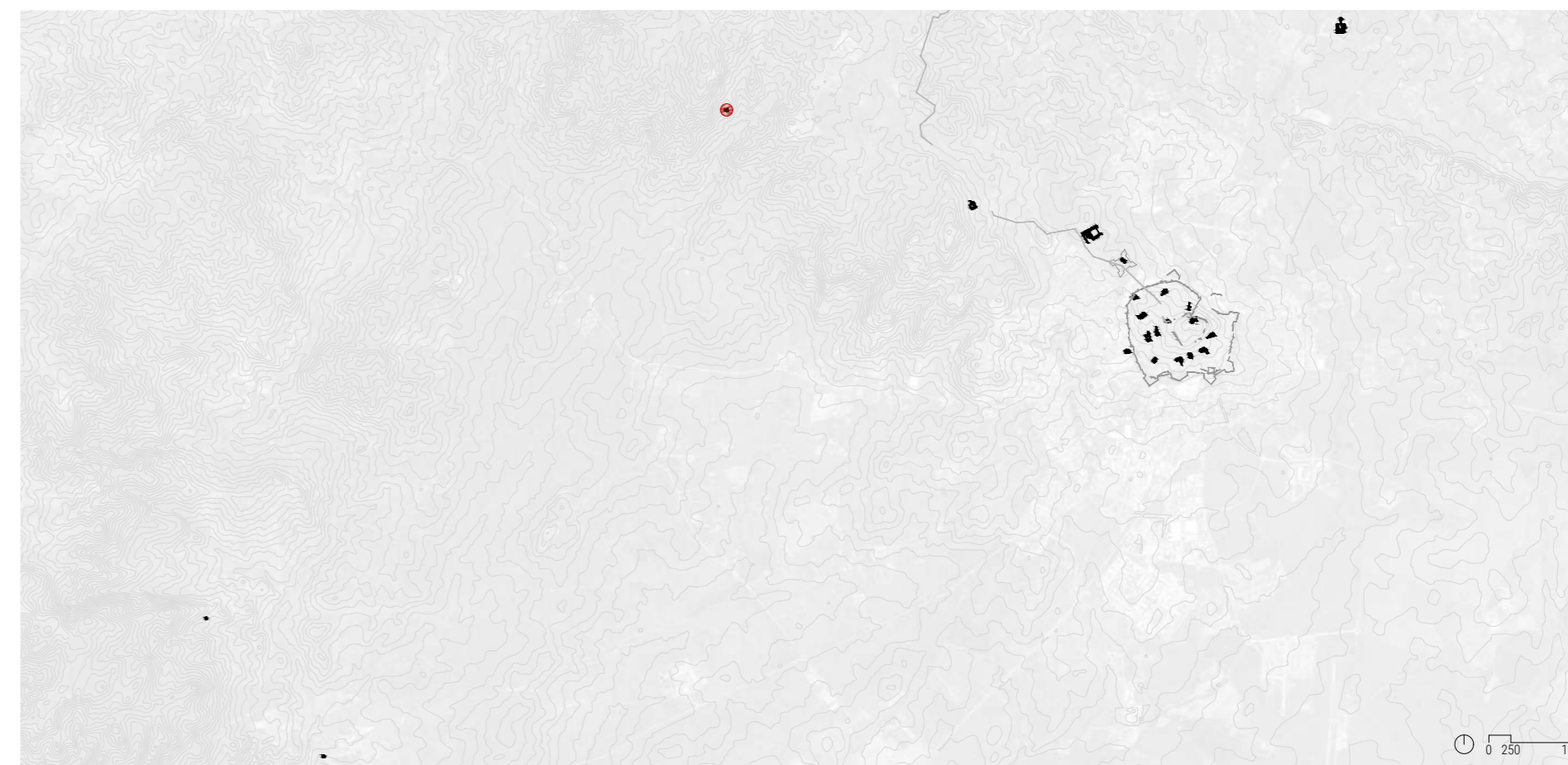
⁰² Barata, A. (1904). *Évora e seus arredores*. Typographia do Noticias d' Évora, pp. 15-18.

⁰³ Vasconcelos e Sousa, B.; et al. (2006) *Ordens Religiosas em Portugal - Das Origens a Trento. Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 145-146.

⁰⁴ Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. (Vol. I-VII) Lisboa: ANBL, p.139.

⁰⁵ C.f. *Idem*.

⁰⁶ C.f. *Idem*, pp. 138-139.



Planta de localização | Mosteiro de Santa Margarida do Aivado



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Margarida do Aivado.



31 Vista aérea antiga



32 Vista exterior



33 Antiga igreja



34 Claustro

MOSTEIRO DE SANTA CATARINA DE MONTEMURO

Mosteiro	Santa Catarina de Montemuro
Implantação	Espaço Rural Quinta da Provença, Valverde, a 12km sudoeste de Évora
Ordem Religiosa	São Paulo, Primeiro Eremita Masculino
Fundação	1415
Extinção	1593
Estado actual	conserva espacialidade
Função	devoluto
Propriedade	Privada
Protecção	-



35 Vista aérea do mosteiro de Santa Catarina de Montemuro

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Mosteiro de Santa Catarina de Montemuro datado de 1415 com fundação eremítica, foi a segunda fundação da Ordem de São Paulo, Primeiro Eremita, da Congregação da Serra de Ossa, à semelhança do Mosteiro do Aivado.

A sua localização na base de um vale frondoso, junto ao "Castelo de Girado", na Quinta da Provença encontra-se a cerca de 1km a norte de Valverde e a cerca 12km de Évora. A antiga toponímia evidencia dois aspectos importantes no esclarecimento e relação da existência e da localização do mosteiro: a Quinta da Provença remete para a Ordem de São Paulo, Primeiro Eremita, que denominava os seus eremitérios por "provenças"⁰¹; a mata de Montemuro que concedeu nome ao antigo mosteiro.

A origem desta casa religiosa remonta ao século XV (1415), a terras doadas pelo Infante D. Duarte na mata de Montemuro, reserva florestal do concelho de Évora. Em 1425, a pedido do rei D. João I, o Papa Martinho V concedeu algumas regalias a esta comunidade eremítica⁰². No final do século XVI (1593), o convento foi precocemente extinto por motivos de insalubridade, a que se juntou a escassez de rendas, razão que o levou a ser anexado ao Colégio de São Paulo de Évora⁰³.

Depois de vários séculos sem notícias, a propriedade foi adquirida pela família Barahona e Mira, tendo sido um espaço dedicado à agropecuária até ao século passado. Actualmente a propriedade, toda ela murada e de planta ovóide, conserva ainda a primitiva cerca monástica. A quinta conserva, para além do corpo do antigo mosteiro juntamente com a ermida de Nossa Senhora de Monserrate, um complexo sistema hidráulico cuja origem não foi possível determinar, apesar do estudo sobre o mesmo⁰⁴. Já o casarío existente, carece de uma investigação arqueológica, parece corresponder ao corpo original, ainda que sejam notórias algumas adaptações posteriores. Apesar de não apresentar a estrutura formal de um mosteiro, tal facto pode ser explicado pela precoce extinção do mesmo, o edificado desenha um pátio, a nascente, não sendo de excluir o registo de um antigo claustro. A propriedade pertence actualmente a Luís Passanha, e encontra-se em estado de ruína pelo seu estado devoluto há já largos anos, sem qualquer uso agrícola ou residencial.

Relativamente à ermida, de arquitetura simples, tem a sua fachada de frontão triangular

orientada a norte e o seu interior coberto por uma abóbada semicircular, contendo ainda uma pia baptismal em mármore e uma porta de arco quebrado datável da época de fundação. Embora hoje desornamentada, sabe-se que continha "imagens de Senhora da Conceição, S. Francisco e a Padroeira, Virgem e o Menino, assentada e de madeira estofada ainda no século XVI"⁰⁵. A ermida está fortemente marcada na memória da população vizinha como local de grande devoção religiosa. Na habitação adjacente existem ainda claros vestígios da sua antiguidade, casos das arcadas que estruturam o edifício e do próprio pavimento. Junto ao terreno, existe ainda um troço do "antigo caminho da Provença" que ligava, pelas cotas altas da Serra de Montemuro, este lugar a São Brissos Freguesia pertencente ao concelho de Beja, onde também existiu um outro eremitério da mesma Ordem.

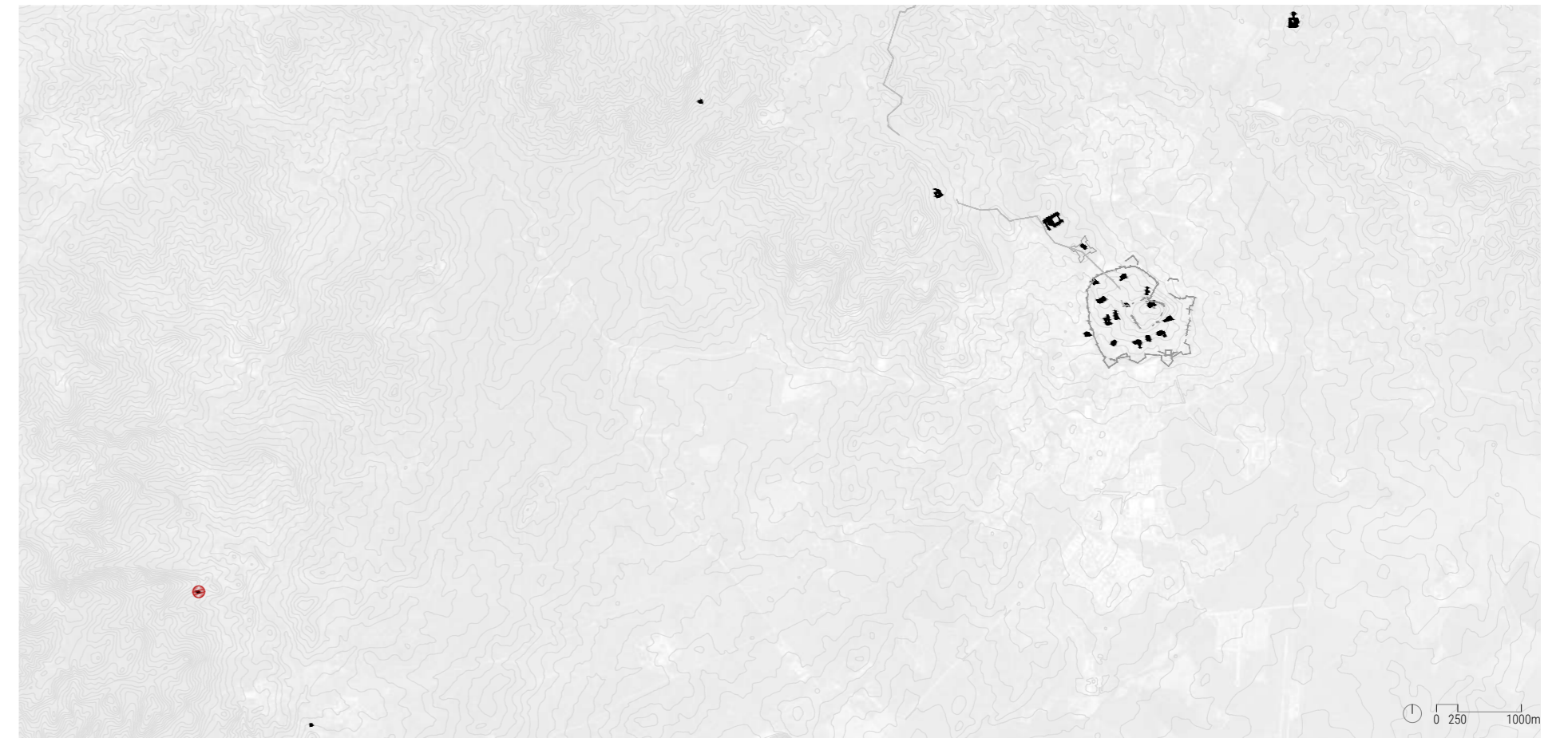
⁰¹ Fontes, J. L. (2012) *Da "Pobre Vida" à Congregação da Serra de Ossa: Gênesis e Institucionalização de uma experiência eremítica*. Tese de Doutoramento em História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, p.83.

⁰² Cf Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. (Vol. I-VII) Lisboa: ANBL, p. 115.

⁰³ Cf. Vasconcelos e Sousa, B.; et al. (2006) *Ordens Religiosas em Portugal - Das Origens a Trento. Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, p.148.

⁰⁴ Cf. Barata, F.; Mascarenhas, J. (2002). *Preservando a Memória do Território - O Parque Cultural de Tourega/Valverde*. Évora: Centro de Estudos de Ecossistemas Mediterrânicos, Universidade de Évora.

⁰⁵ Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. (Vol. I-VII) Lisboa: ANBL, p. 115.



Planta de localização | Mosteiro de Santa Catarina de Montemuro.



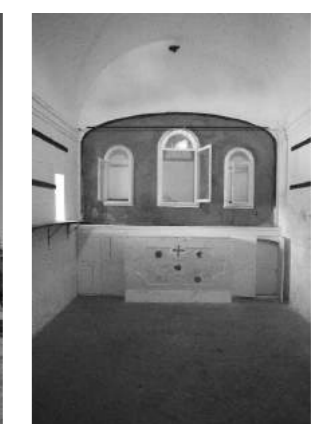
Planta de implantação | Mosteiro de Santa Catarina de Montemuro.



36 Ermida de Nossa Senhora de Monserrate



37 Vista sobre o conjunto



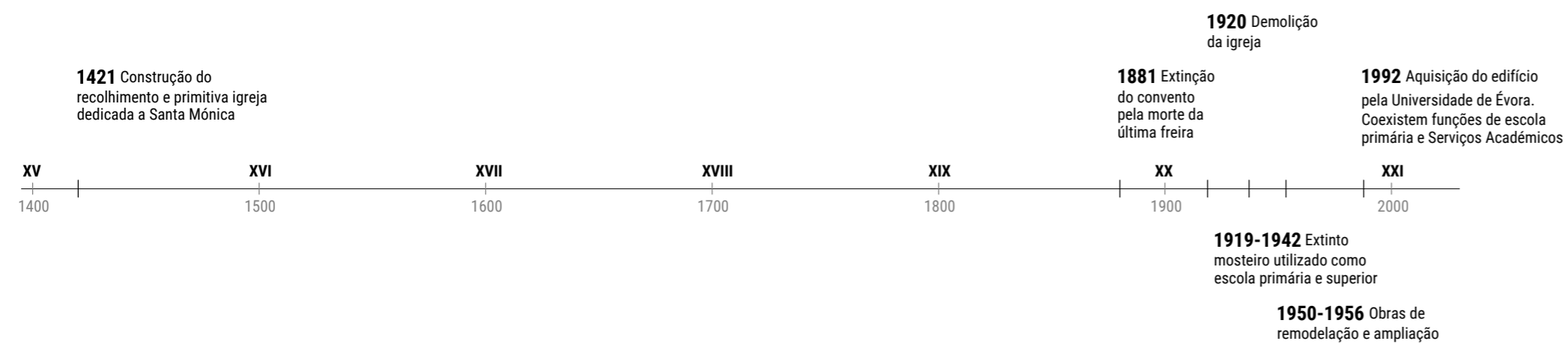
38 Interior da ermida



39 Antiga porta

MOSTEIRO DE SANTA MÓNICA

Mosteiro	Santa Mónica
Implantação	Espaço Urbano Centro histórico, Largo 1º de Maio
Ordem Religiosa	Dominicana Regra de Santo Agostinho Feminino
Fundação	1421
Extinção	1881
Estado actual	parcialmente demolido
Função	Escola Primária Serviços Académicos da UÉ
Propriedade	Pública
Protecção	-



40 Vista aérea do mosteiro de Santa Mónica

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Mosteiro de Santa Mónica foi a primeira casa feminina da Ordem de Santo Agostinho construída em Portugal. Foi o primeiro convento fundado em Évora no século XV, o primeiro convento feminino a surgir dentro do recinto amuralhado da cerca fernandina, o primeiro convento de eremitas agostinhas calçadas na cidade. A sua implantação privilegiou a localização urbana, mais precisamente no lugar do antigo arrabalde de S. Mamede. Parte da sua cerca monástica coincidia com a cerca fernandina e por essa razão a muralha protegia o convento garantindo e reforçando a sua clausura. Esta localização num ponto alto da cidade permitia às freiras amplas vistas sobre a envolvente.

A origem da comunidade remonta ao ano de 1380 através da fundação de um beatério⁰¹, que se instalou e funcionou como recolhimento até 1421. Nessa altura, quando foi construída a igreja dedicada a Santa Mónica, a instituição foi integrada na Regra de Santo Agostinho, passando a denominar-se de Convento de Santa Mónica. Com as novas regras do Concílio de Trento foi imposta a clausura sob ordens das austeras dominicanas do Convento do Paraíso.

Contrariamente ao destino dos mosteiros de Évora, o de Santa Mónica escapou à destruição e pilhagem no decorrer das invasões francesas, uma vez que foi ocupado pelo General Loison como alojamento do seu exército. Analogamente a todos os conventos femininos em Portugal, prolongando a vida conventual depois da extinção das ordens religiosas, o convento foi extinto por morte da última freira, em 1881, sendo nesse ano vendido em hasta pública. Contudo, viria a cair no abandono e consequente estado de ruína, somente utilizado o piso térreo para a realização de eventos festivos. Posteriormente e após algumas obras de recuperação foi possível, no piso inferior, acolher uma escola primária com cantina escolar e um grupo amador de música, sendo o piso superior ocupado pela Cooperação dos Bombeiros. Em 1916 a igreja foi demolida, bem como parte do claustro, originando a remodelação do Largo de São Mamede, marcando o fim das demolições de conventos dominicanos na cidade. Mais tarde, no ano de 1942, instalou-se a Escola do Magistério Primário que no lugar da demolida igreja ergueu o corpo de entrada actual. Desde 1992, aquando da aquisição do imóvel pela Universidade de Évora, que os Serviços Académicos desta instituição ocupam o piso

superior do edifício, mantendo a Escola Primária de São Mamede no piso inferior.

Com respeito ao conjunto monástico do Convento de Santa Mónica, citando Gabriel Pereira, "o edifício apresenta um aspecto pobre; é uma aglomeração de construções acanhadas, sem gosto, sem método, sem variedade. Só o primeiro corpo da claustro, o refeitório e o coro de baixo foram construídos com certo estilo com solidez e largueza."⁰² Sobre a sua igreja de nave única, Túlio Espanca datava o templo de Santa Mónica do século XVI descrevendo uma torre mirante, um coro alto com frescos e oratórios esculpidos em talha dourada⁰³. A igreja do antigo mosteiro foi demolida em 1916, sem que restasse qualquer tipo de estrutura, embora em recentes escavações arqueológicas tenham sido identificados vestígios da igreja manuelina⁰⁴. Relativamente à sua cerca, o espaço, que ainda conserva um tanque de rega e uma nora, que contemplavam hortas e pomares com árvores, foi alvo de um projecto de moradias e unidades de comércio e serviço que nunca chegou a ser concluído.

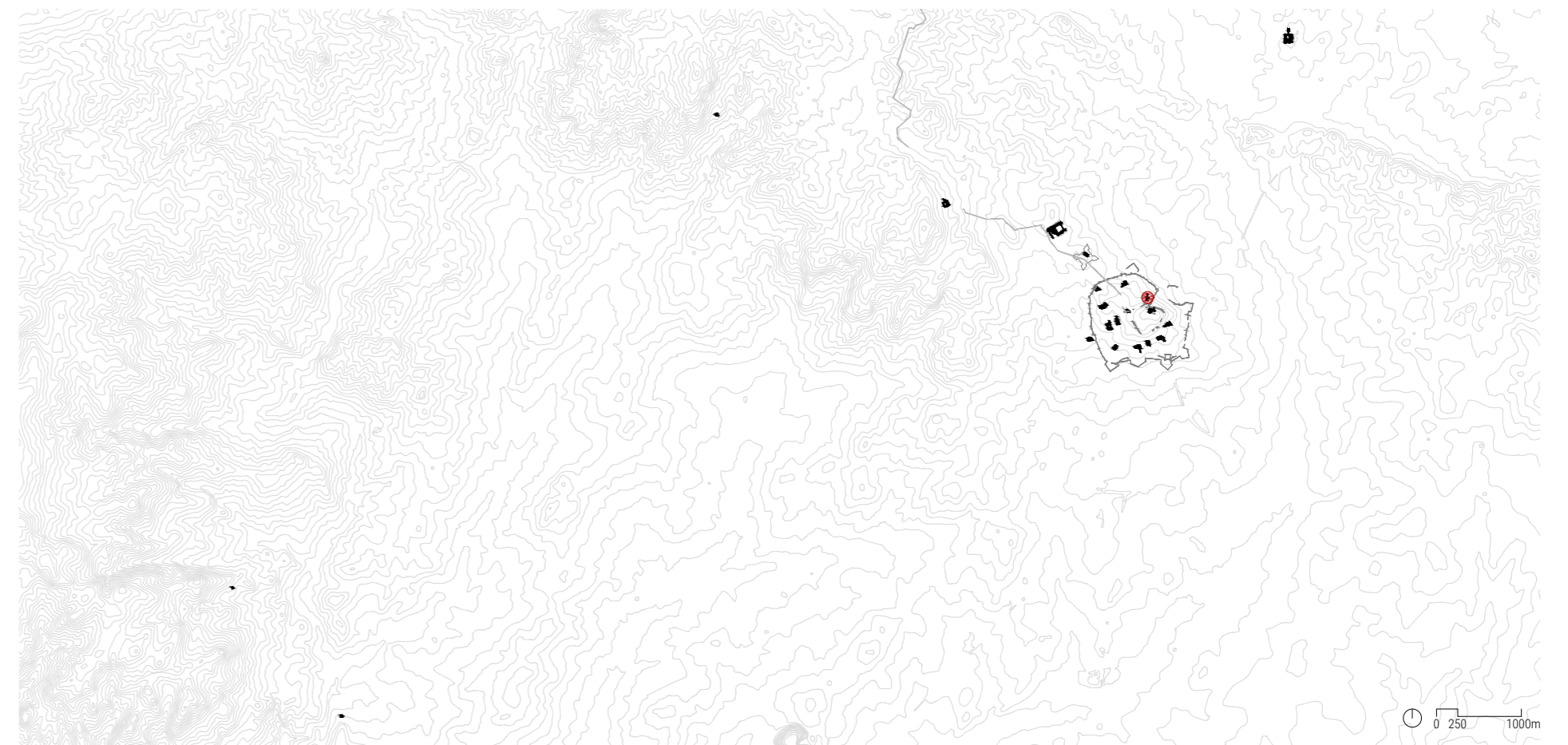
Actualmente, o que resta do conjunto monástico encontra-se descaracterizado, embora bem conservado, face aos diversos usos que acolheu após a sua extinção. O acesso do piso térreo faz-se pela antiga portaria do mosteiro, articulada com o claustro de arcadas redondas apoiadas em pilastras e colunas toscanas de granito. Este espaço abre ainda para antiga sala do capítulo. No piso superior, as salas ocupadas pelos Serviços Académicos da Universidade de Évora, devido à sua disposição espacial, parecem corresponder à área antigamente reservada às celas. O volume correspondente ao antigo mosteiro forma um quarteirão localizado entre a Rua Duques de Cadaval e o largo Dr. Evaristo Cutileiro.

⁰¹ Cf. Queimado, J.M. (1975). "O Convento de Santa Mónica" in *Évora suas ruas e seus conventos - Uma achega para a História de Évora*. Edição de Autor.

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p. 154.

⁰³ Pombinho, M. (2014). *Redescoberta do convento de Santa Mónica de Évora - Proposta de salvaguarda e valorização do património conventual agostinho*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Universidade de Évora, Portugal. p.61.

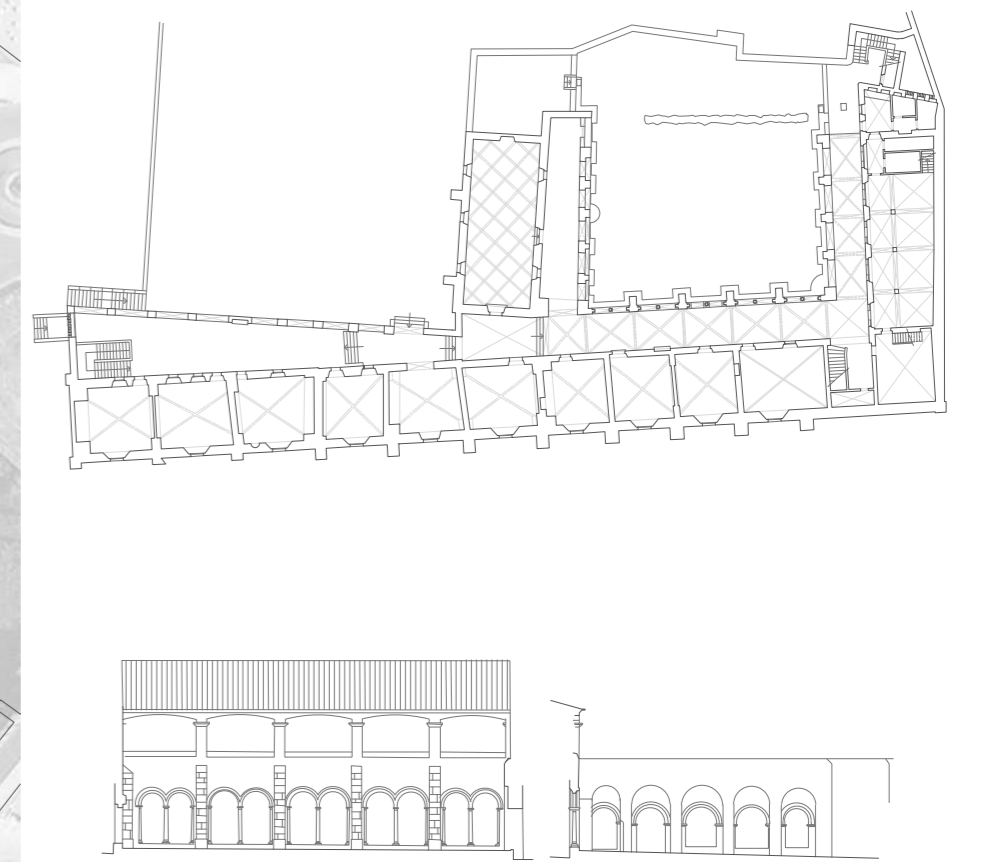
⁰⁴ *Idem*, p.63.



Planta de localização | Mosteiro de Santa Mónica



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Mónica



Planta e corte | Mosteiro de Santa Mónica



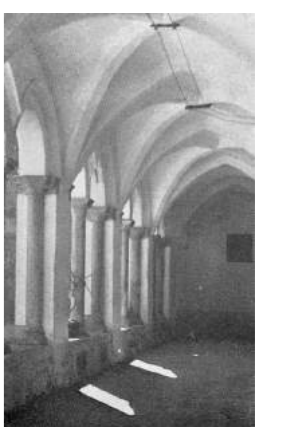
41 Conjunto monástico antes da demolição



42 Demolição da igreja



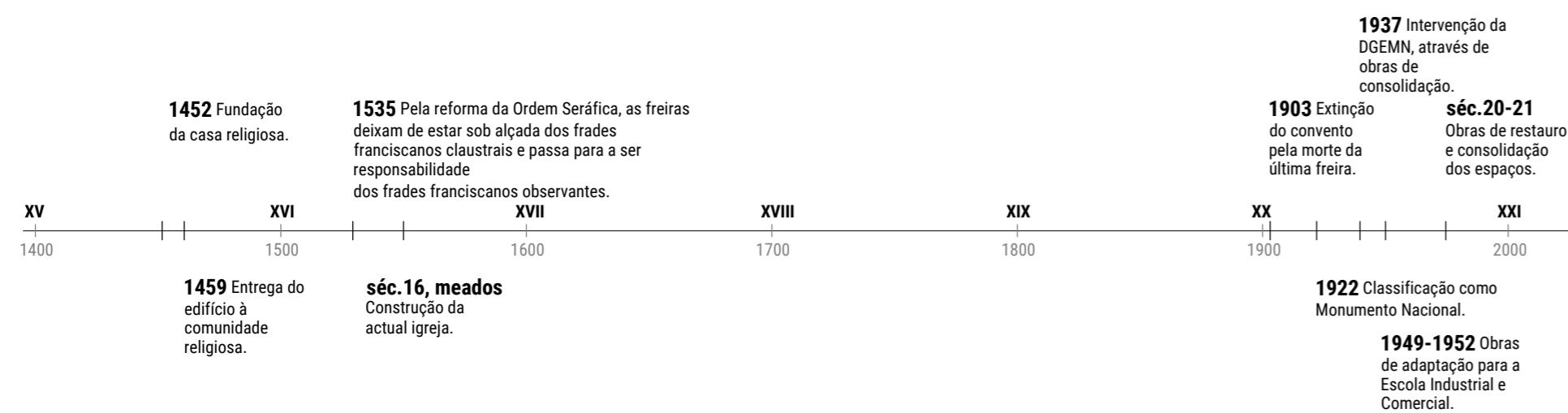
43 Claustro renascentista



44 Claustro renascentista

MOSTEIRO DE SANTA CLARA

Mosteiro	Santa Clara
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Franciscana Clarissas Feminino
Fundação	1452
Extinção	1903
Estado actual	conserva espacialidade
Função	escola básica
Propriedade	Pública
Protecção	Monumento Nacional 1922



45 Vista aérea do mosteiro de Santa Clara

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Convento de Santa Clara foi fundado no ano de 1452, pelo então bispo de Évora D. Vasco Perdigão, no arruinado Paço dos Falcões⁰¹. O mosteiro feminino fundado no núcleo urbano da cidade de Évora "localizava-se num dos principais eixos da cidade, a rua de Serpa Pinto, próximo da cintura de muralhas cuja porta de Alconchel permitia o acesso"⁰², razão pela qual serviu de recolhimento espiritual a diversas nobres. A sua implantação privilegiou da envolvente do tecido urbano intra-muros e da sua protecção, sendo o edifício envolvido e delimitado por espaços públicos e opor um importante eixo viário que influenciaram o desenvolvimento do conjunto monástico, nomeadamente do aumento da cerca monástica⁰³. Esta comunidade pertencia à Segunda Ordem Franciscana, que adoptou a Regra dos Franciscanos Claustrais, ramo das Clarissas, tendo-se apropriado do espaço no ano de 1459. As freiras sagraram a primitiva igreja em 1464 tendo, posteriormente, no ano de 1584, reconstruído uma igreja sobre essa primitiva igreja gótica⁰⁴. No século seguinte, em 1663, o mosteiro sofreu grandes danos devido aos bombardeamentos no decorrer do cerco de D. João de Áustria à cidade. Essa situação agravou-se com o terramoto de 1755 que viria a provocar novamente estragos avultados no conjunto monástico. Seguindo-se um novo período negro na história desta comunidade franciscana quando o edifício foi saqueado e a clausura profanada, no âmbito das invasões francesas. A última freira do Convento de Santa Clara faleceu em 1903, a última comunidade a ser extinta em Évora. O seu recheio foi vendido e mais tarde a igreja ocupada pela Paróquia de Santo Antão e os restantes espaços ocupados como habitação. O extinto espaço monástico foi convertido em quartéis militares entre 1911 e 1936. Após a reconstrução devido a derrocada o edifício foi entregue ao Ministério da Educação que ali instalou a Escola Industrial e Comercial de Évora. A escola foi posteriormente transformada numa escola preparatória e de ensino básico, função que conservou até hoje⁰⁵.

Relativamente ao património arquitectónico do extinto Mosteiro de Santa Clara⁰⁶, Gabriel Pereira considerava o espaço como "vastíssimo e bem conservado (...) a quadra é ampla, alegre; tem quintais, varandas, bonita cerca. O dormitório é uma casa enorme; talvez a maior da cidade. O coro de cima um excelente salão (...) A capela de Nossa Senhora da Assunção na claustura, é esplêndida (...) a casa capitular parece uma

igreja, tem muitas imagens e quadros (...) "⁰⁶. O antigo Mosteiro de Santa Clara foi "a única casa religiosa eborense que se permitiu concretizar uma intervenção tão marcante no espaço público, condicionando-o até hoje"⁰⁷. Actualmente, o exterior conserva parte da volumetria original, de dois pisos, mesmo depois das reformulações que "puseram a descoberto vestígios góticos da primitiva construção, nomeadamente dois portais, um gótico e um manuelino"⁰⁸. A igreja está orientada a nascente com o seu alçado principal orientado a sul cuja nave principal rectangular é sustentada por arcobotantes contrafortados em granito e coberta por abóbada de meio canhão. As suas paredes são revestidas a azulejos e o tecto é decorado com pinturas morais. No prolongamento do corpo da igreja existe um volume correspondente aos coros alto e baixo, pontuado pela torre sineira que ilumina a igreja. O claustro quadrangular apresenta vestígios de diferentes épocas, contendo dois tramos ogivais com arco de suporte e ogiva, sendo a restante estrutura idêntica, embora provavelmente remodelada no século XX. Já o claustro rectangular, o principal, é constituído por dois pisos e cinco tramos de arcadas geminadas de volta inteira, suportados por colunas graníticas no piso inferior e marmóreas no piso superior. O conjunto monástico caracterizado pela sua imponente fachada e volumetria, encontra-se em bom estado de conservação, muito devido às sucessivas intervenções, que respeitaram o património existente. Relativamente à igreja, encontra-se uma situação oposta, uma vez devoluta, apesar das intervenções pela DGEM.

⁰¹ C.f. Monteiro, F. (2010). *Ob. cit.*, pp. 67-68.

⁰² Tereno, M., Pereira, M., Monterio, M. F. (2011). *Mosteiro de Santa Clara de Évora e seu enquadramento paisagístico*. Congreso Internacional Las Clarisas, ocho siglos de vida religiosa (1211-2011), Priego de Córdoba - Jaén, p. 4.

⁰³ C.f. Monteiro, F. (2010). *Ob. cit.*, p.69.

⁰⁴ Tereno, M., Pereira, M., Monterio, M. F. (2011). *Ob. cit.*, p.4.

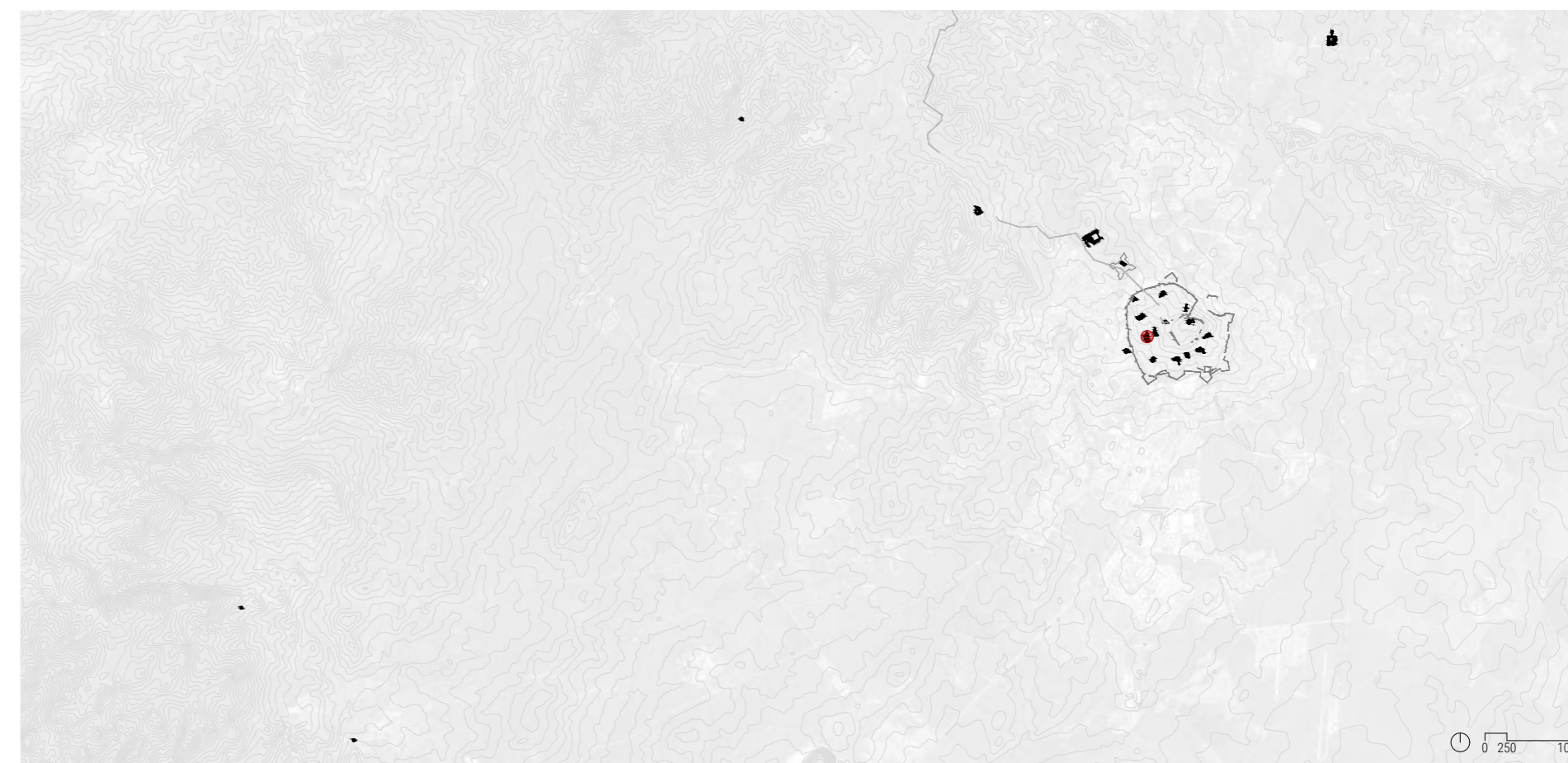
⁰⁵ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.163.

⁰⁶ www.monumentos.gov.pt - Igreja e Convento de Santa Clara / Escola Secundária de Santa Clara.

⁰⁷ *Idem.*, p.165.

⁰⁸ C.f. Monteiro, F. (2010). *Ob. cit.*, p.70.

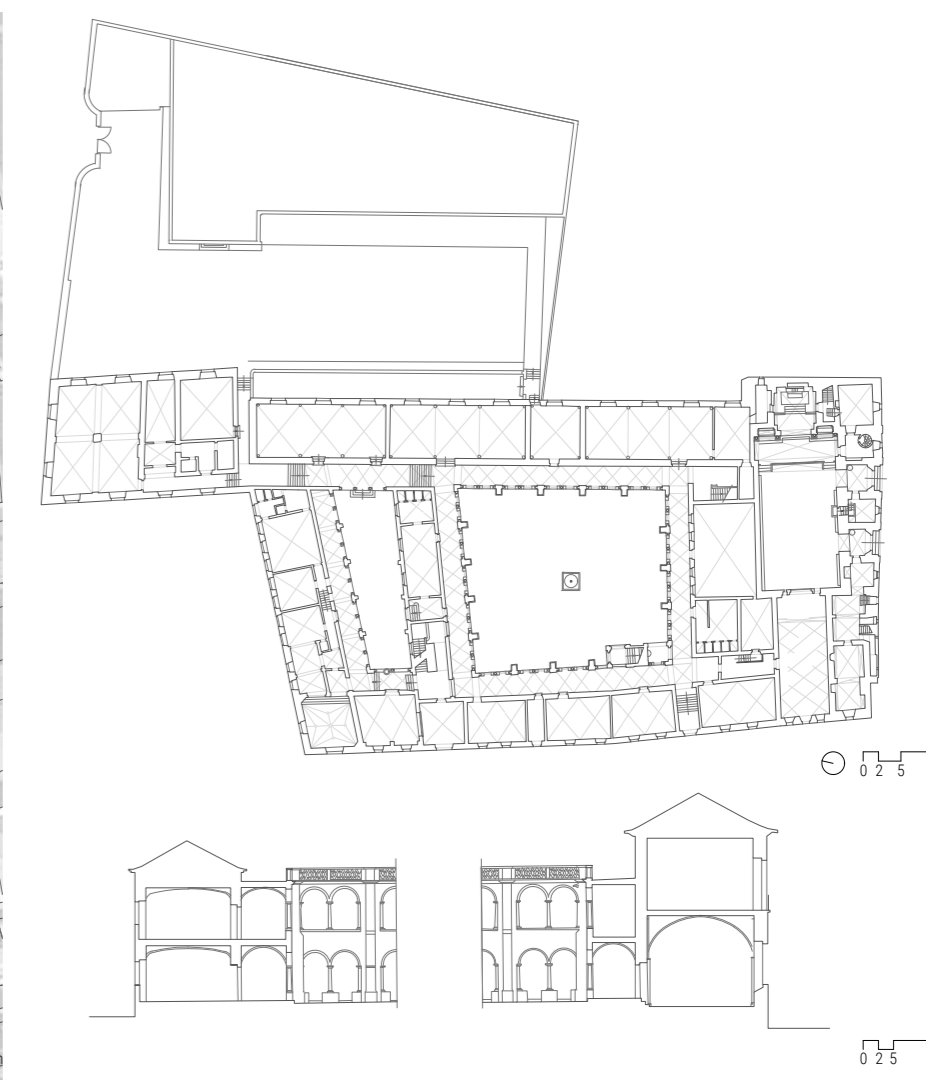
⁰⁹ Tereno, M., Pereira, M., Monterio, M. F. (2011). *Ob. cit.*, p.5



Planta de localização | Mosteiro de Santa Clara



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Clara



Planta e corte | Mosteiro de Santa Clara



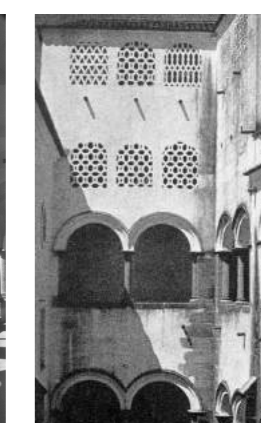
46 Fachada da igreja



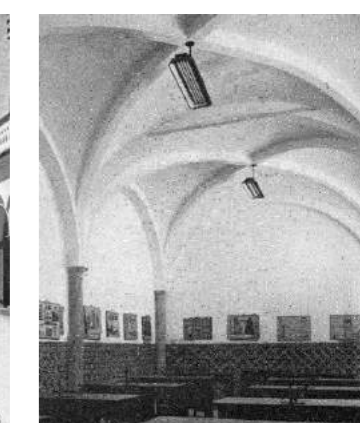
47 Igreja



48 Claustro grande



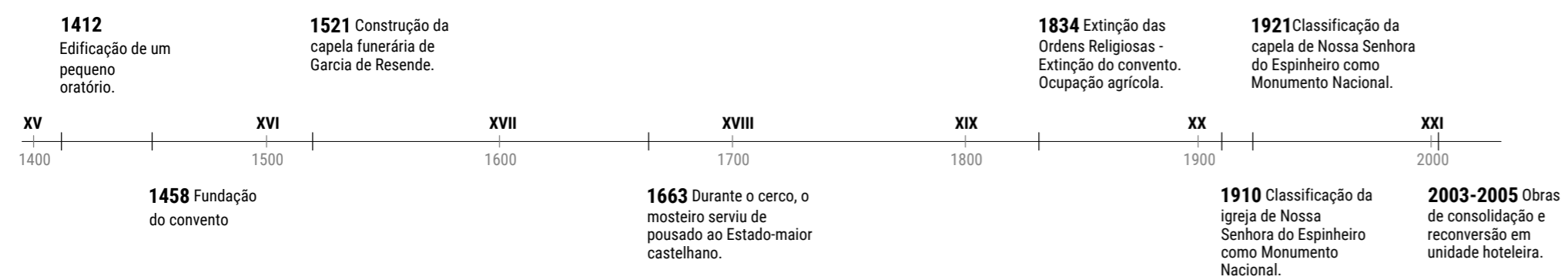
49 Claustro pequeno



50 Refeitório

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO ESPINHEIRO

Mosteiro	Nossa Senhora do Espinheiro Santa Maria do Espinheiro
Implantação	Espaço rural a 3km nordeste de Évora
Ordem Religiosa	Jerónimos Masculino
Fundação	1458
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	culto religioso hotelaria
Propriedade	Privada
Protecção	Monumento Nacional Igreja 1910



51 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Seis anos após a fundação de Santa Clara e partilhando o patrono D. Vasco Perdigão, bispo de Évora, foi fundado o Convento de Santa Maria do Espinheiro, no ano de 1458. A sua implantação tem um considerável afastamento da urbe situando-se a cerca de 3km nordeste da cidade. Esta localização de ermo deveu-se à existência de uma ermida devota a Santa Maria do Espinheiro e a outros aspectos relacionados com as características do lugar. Este espaço pelo afastamento à cidade e pelas suas características naturais que permitiam o recato espiritual necessário à Ordem dos Jerónimos, contribuíram para a instalação e vida em comunidade.

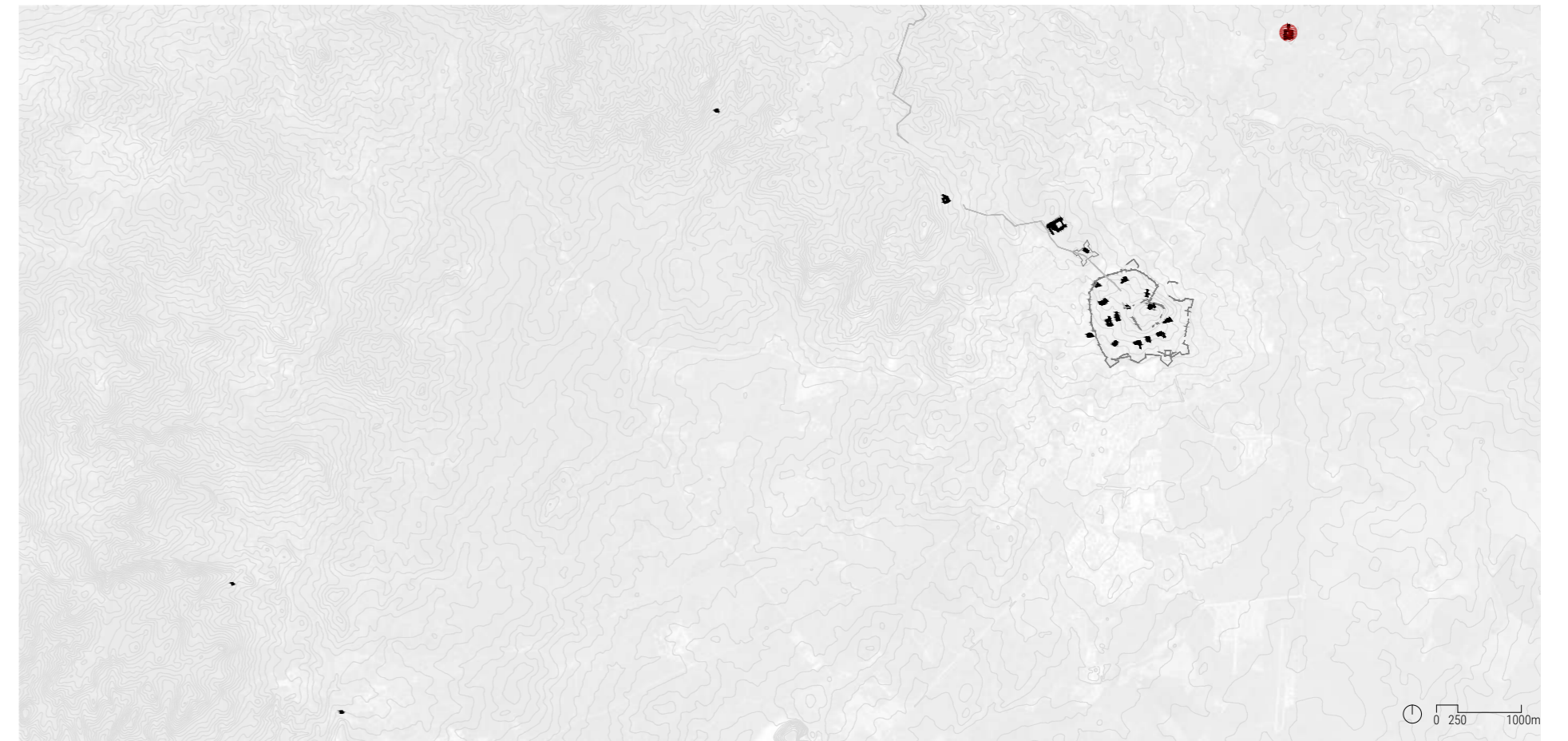
A história deste mosteiro começou anos antes com a construção de uma ermida no ano de 1412, no lugar onde terá ocorrido o aparecimento da Virgem sobre um espinheiro ardente, sendo a sua localização estratégica também evidenciada pela presença de uma torre atalaia integrada na defensiva islâmica da cidade ligada à reconquista cristã da cidade: "(...) passados quase quatro séculos, um pastor de ovelhas guardava o gado junto da tal atalaia dos mouros, naquela parte entre norte e nascente, e num dado momento, começou a ver que um espinheiro ardia sem se apagar, aparecendo entre as chamas a Virgem Maria-Nossa Senhora. O espanto e a fé do pastor foi de tal natureza tão forte, que mandou fazer a imagem da Senhora com o Menino, depois de vender o gado, e colocou-a na referida atalaia, que lhe servia de guarida. Fez-se ermitão, e ali viveu e morreu santamente. Neste mesmo lugar, mais tarde, foi edificada uma ermida maior (...)”⁰¹. E mais tarde foi reconstruída a dita ermida, ampliada em 1457 com patrocínio de nobres locais, um ano antes da fundação do convento. O mosteiro acolhia inicialmente 12 frades da Ordem São Jerónimo, que iniciava a sua expansão pelo território. A primeira etapa construtiva do edifício monástico foi concluída em 1463, na qual a igreja foi erguida sobre a primitiva ermida. No século XV, o mosteiro foi ampliado através da construção de um novo dormitório de 20 celas, acolhendo assim 30 religiosos. O interesse da corte pelo Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro através das doações proporcionou o seu crescimento e constantes ampliações. Com a protecção real desde a fundação, o mosteiro ao longo de vários anos recebeu por diversas vezes famílias reais e respectivas cortes; serviu para o casamento de infantes e de panteão real. Famílias nobres também deixaram a sua marca neste convento, é o caso de Garcia de Resende, sepultado numa capela que mandou erguer em 1520.

Por estas razões, o edifício monástico foi novamente ampliado na segunda década do século XVI a mando de D. Manuel I, proporcionando ao conjunto uma sala capitular, adega, cisterna, refeitório e cozinha. Na segunda metade do século XVI o mosteiro caiu em ruína, e por isso começou uma nova campanha de obras para a sua reconstrução e ampliação, onde a igreja foi alterada. No século XVII, viria a ser completamente reformulada, bem como a capela-mor, construída a torre sineira e a actual sacristia, datando os azulejos e a talha dourada, presentes na igreja, do mesmo período. Ainda neste século, as hospedarias que encerram o edifício a poente foram reconstruídas⁰². Períodos de destruição ameaçaram a sobrevivência da comunidade: durante o cerco de 1663 de D. João de Áustria, que ocupou o conjunto monástico como espaço de alojamento para o Estado-maior dos exércitos; e durante as invasões francesas quando foi novamente arrombado e saqueado pelas tropas. Por isso, no século XIX, a nave da igreja foi profundamente alterada, apesar de três décadas depois, em 1834, o convento ter sido extinto, passando por diversos proprietários, tendo servido tanto para habitação como para exploração agrícola. O espaço, apesar de descaracterizado com estas ocupações nas quais se demoliu o dormitório, conserva grande parte da traça original. Recentemente, um projecto de reabilitação e ampliação o espaço existente, até então em avançado estado de degradação, instalando no lugar uma luxuosa unidade hoteleira que devolveu um novo uso ao património devoluto. De modo geral, a nova função respeitou a original, assim como a organização espacial do extinto conjunto. A zona da cerca foi também recuperada e conta com diversos equipamentos de lazer, bem como jardins, horta, pomar e respectivo sistema hidráulico. Impondo-se pela sua volumetria, o Mosteiro de Santa Maria do Espinheiro⁰³, marca a paisagem rural erguido num alto, sempre presente das vistas da cidade. A igreja recuperada encontra-se afectada ao culto, localiza-se num nível sobrelevado, com forma de cruz latina e diversos altares laterais, é coberta por abóbada de canhão com pinturas murais e extremamente iluminada, conservando ainda o coro alto. O claustro, de planta rectangular, é um exemplar de estilo gótico-manuelino com arcadas abatidas.

⁰¹ Queimado, J.M. (1975). *Ob. cit.*, p.130.

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.177.

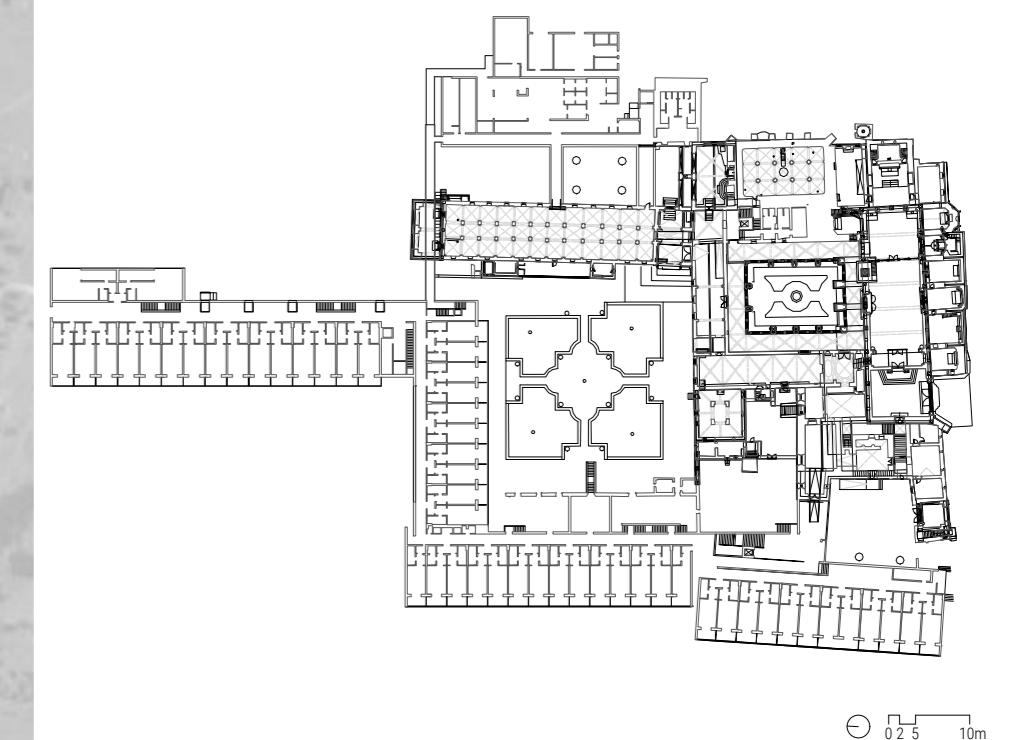
⁰³ www.monumentos.gov.pt - Igreja e Convento de Nossa Senhora do Espinheiro / Hotel Convento do Espinheiro.



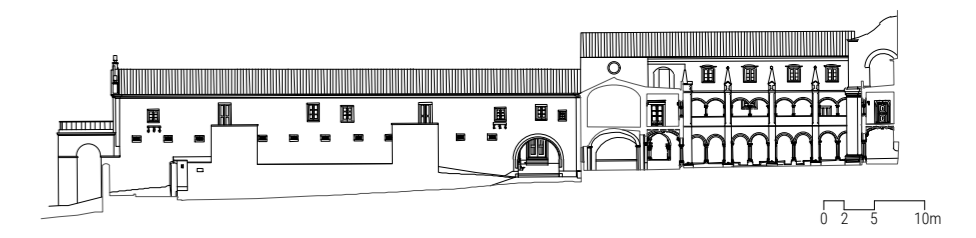
Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro



Planta e corte | Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro



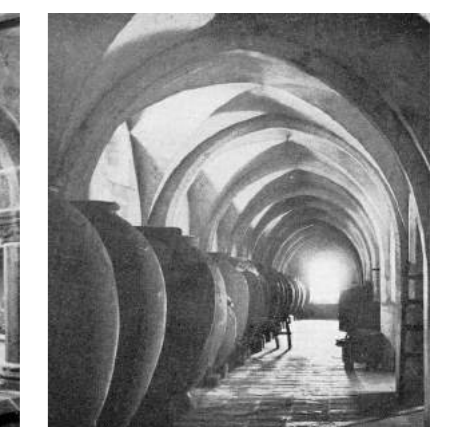
52 Vista geral



53 Igreja



54 Claustro



55 Adega

MOSTEIRO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA

Mosteiro	São João Evangelista Lóios
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Congregação de Santo Elói ou São Jorge de Alga Masculino
Fundação	1485
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	culto religioso hotelaria
Propriedade	Privada
Protecção	Monumento Nacional 1922



56 Vista aérea do mosteiro de São João Evangelista

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Convento de São João Evangelista, ou popularmente conhecido por Convento dos Lóios, foi fundado em 1485 no antigo *fórum romano*, tendo sido o primeiro mosteiro a ser construído no interior da *cerca velha*, partilhando a localização nos limites romanos apenas com Mosteiro do Salvador do Mundo fundado um século depois. A sua implantação numa zona nobre da cidade deveu-se à vontade do patrono, D. Rodrigo Afonso de Melo, que ofereceu propriedades junto ao Paço das Cinco Quinas, com a contrapartida de mais tarde servir como panteão de família⁰¹. O espaço destinado ao mosteiro foi entregue à Congregação de Santo Elói e teve aprovação episcopal em 1491, data da consagração da igreja. O que permitiu nesse mesmo ano o começo de construções que ampliaram o corpo poente, edificando a portaria. Durante a segunda metade do século XVI foram feitas cedências e dadas autorizações que permitiam o desenvolvimento do mosteiro. A partir de 1574, poderiam ocupar a área da barbacã para construir uma ligação ao aqueduto permitindo assim o abastecimento de água na casa religiosa, e a partir de 1583 foi construído um volume sobre a cerca mediável graça a uma doação.

No século seguinte a igreja foi alvo de remodelações, sendo revestida a azulejo, e construído o novo altar-mor juntamente com o cadeiral do coro. Já no século XVIII, perto dos meados da centúria foram feitas obras de grande importância, além do restauro que resultou na actual fachada da igreja, edificaram-se a escadaria de mármore, a sala de aula, a reconstrução dos dormitórios, o corpo ocidental e uma galeria com arcadas. Logo após, o terramoto de 1755 danificou consideravelmente o conjunto, o que obrigou a novas intervenções. A tribuna da capela-mor, a torre sineira, um novo oratório, a renovação do alçado da igreja e a livraria resultaram deste acontecimento⁰².

Posteriormente, em 1808, o mosteiro foi saqueado pelos exércitos franceses e em 1834 foi extinto, passando de imediato a ser considerado Património Nacional. Durante o reinado de D. Maria II, o conjunto e a Torre do Sertório foram devolvidos à descendência do fundador. Entre 1912 e 1917 a torre e o conjunto foram expropriados pelo Estado, tendo a partir deste momento desempenhado distintas funções: estação telegráfica, administração do concelho, escola primária, aquartelamento, Colégio João de Deus e repartição dos Edifícios Nacionais do Sul. Anos mais tarde, o extinto conjunto monástico foi alvo de reabilitação para nele se estabelecer uma pousada, função que mantém

desde 1965 até aos dias de hoje. Apesar das várias utilizações e apropriações do espaço, o edifício apresenta uma traça e organização espacial semelhantes às originais, conservando características de valor arquitectónico.

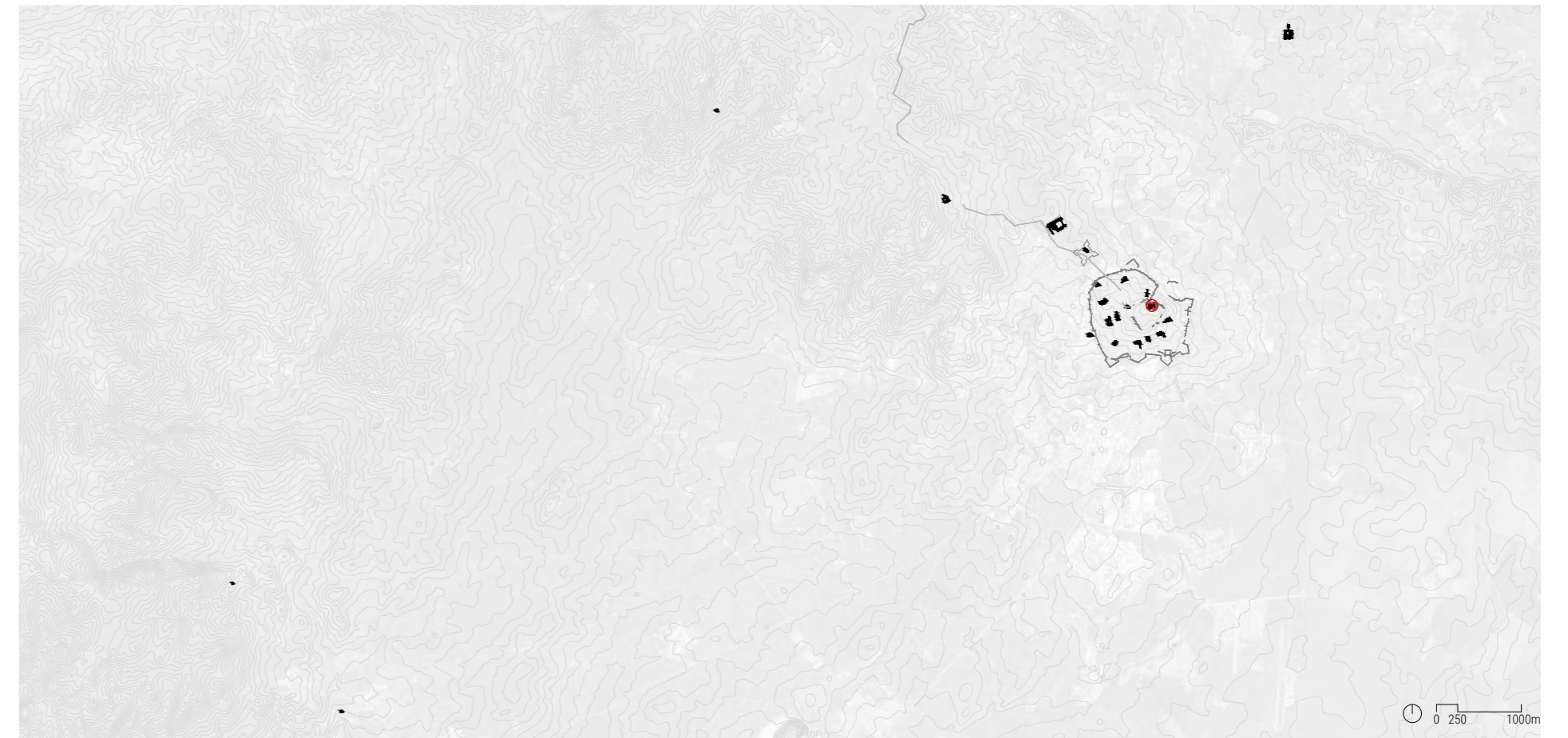
Do património arquitectónico do extinto Convento de São João Evangelista⁰³, o edificado de dois pisos esconde-se por detrás de uma fachada de um piso aparente de onde realça a imponente igreja. A nave deste templo, virada a oriente, apresenta um alçado caracterizado pelo seu portal gótico e pela sua empena rectangular que no seu frontão descobre uma janela que ilumina o coro alto. No seu interior, que mantém a configuração primitiva, existem duas capelas laterais, onde as paredes são revestidas de azulejos, sendo a nave sustentada por contrafortes. O nártex rematado por arco abatido, que precede a igreja formalizando a sua entrada, está numa cota inferior à cota da rua. O claustro rectangular, de dois pisos, contem arcadas góticas no piso inferior, e de volta inteira no piso superior⁰³. Relativamente aos restantes espaços monásticos, todos de enorme riqueza arquitectónica, encontram-se em bom estado de conservação, mantendo de forma geral a espacialidade da época.

⁰¹ Monteiro, F. (2010). *Ob. cit.*, pp.74-77.

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.190.

⁰³ www.monumentos.gov.pt - Convento dos Lóios de Évora / Convento de São João Evangelista / Pousada dos Lóios.

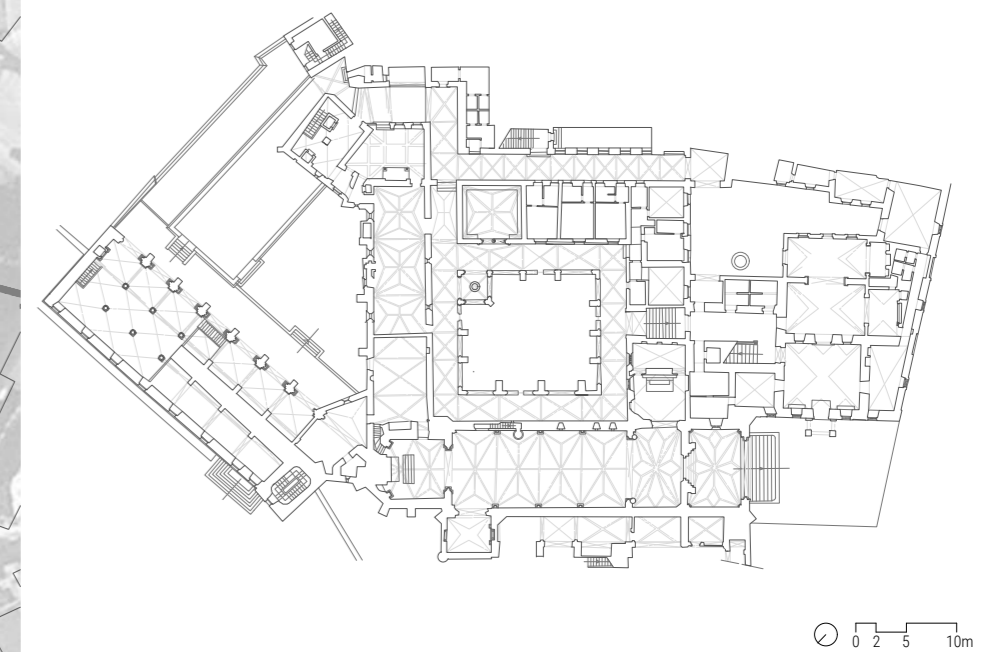
⁰⁴ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, pp.191-193.



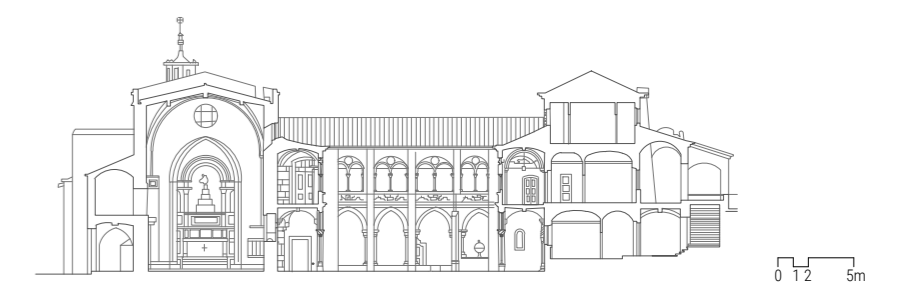
Planta de localização | Mosteiro de São João Evangelista



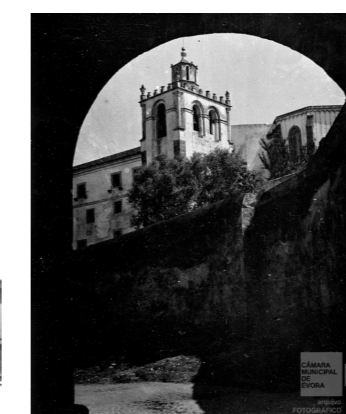
Planta de implantação | Mosteiro de São João Evangelista



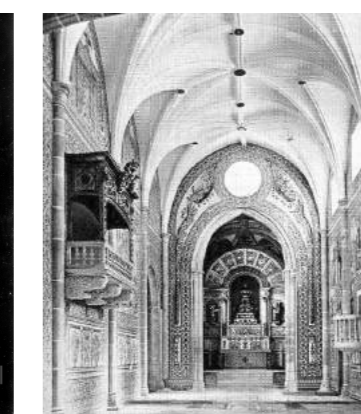
Planta e corte | Mosteiro de São João Evangelista



57 Frontaria



58 Torre sineira



59 Igreja



60 Claustro

MOSTEIRO DE SANTA CATARINA DE SENA

Mosteiro	Santa Catarina de Sena
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Ordem Terceira de São Domingos Feminino
Fundação	1490
Extinção	1882
Estado actual	demolido
Função	-
Propriedade	-
Protecção	-



61 Vista aérea anteriormente ocupada pelo mosteiro de Santa Catarina de Sena

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O convento dominicano do ramo feminino foi fundado no ano de 1490 sob a devoção a Santa Catarina de Sena, em pleno núcleo urbano. A sua implantação perto do centro social e económico da cidade - a Praça do Giraldo - e vizinho ao também feminino e igualmente mendicante Convento de Santa Clara, foi sugerida pela ermida que partilha o seu nome e pela vontade do seu patrono. Porém a sua origem, como na grande maioria das casas femininas remonta ao passado, no caso, ao século XIV, perto da dita ermida e com protecção do Convento de São Domingos, quando um grupo de mulheres formou um recolhimento⁰¹.

Uma vez que esta comunidade de religiosas não estava afectada a nenhuma Ordem, pediu autorização para ingressar na Ordem Terceira de São Domingos com devoção a Santa Catarina de Sena, pedido que foi atendido no ano de 1490. Por essa razão e por não viverem num mosteiro concretizado, frequentavam a igreja do mosteiro vizinho e responsável pelas religiosas, o de São Domingos. Mais tarde entre 1516 e 1520 pelo desejo de clausura foi solicitada e aceite a entrada no primeiro ramo da observância da ordem dominicana, de clausura total. Atendendo à nova reforma, a comunidade pretendia um espaço maior para se acomodar. Esse espaço, perto do recolhimento em que viviam, e da ermida de Santa Catarina, foi concedido às freiras dominicanas pelo dono, tonando-se dessa forma patrono do novo mosteiro ajudando na construção do mesmo, pedindo em troca panteão familiar na capela-mor. E assim, no ano de 1547 as 24 freiras que compunham a comunidade instalaram-se no novo mosteiro, ainda que por concluir.

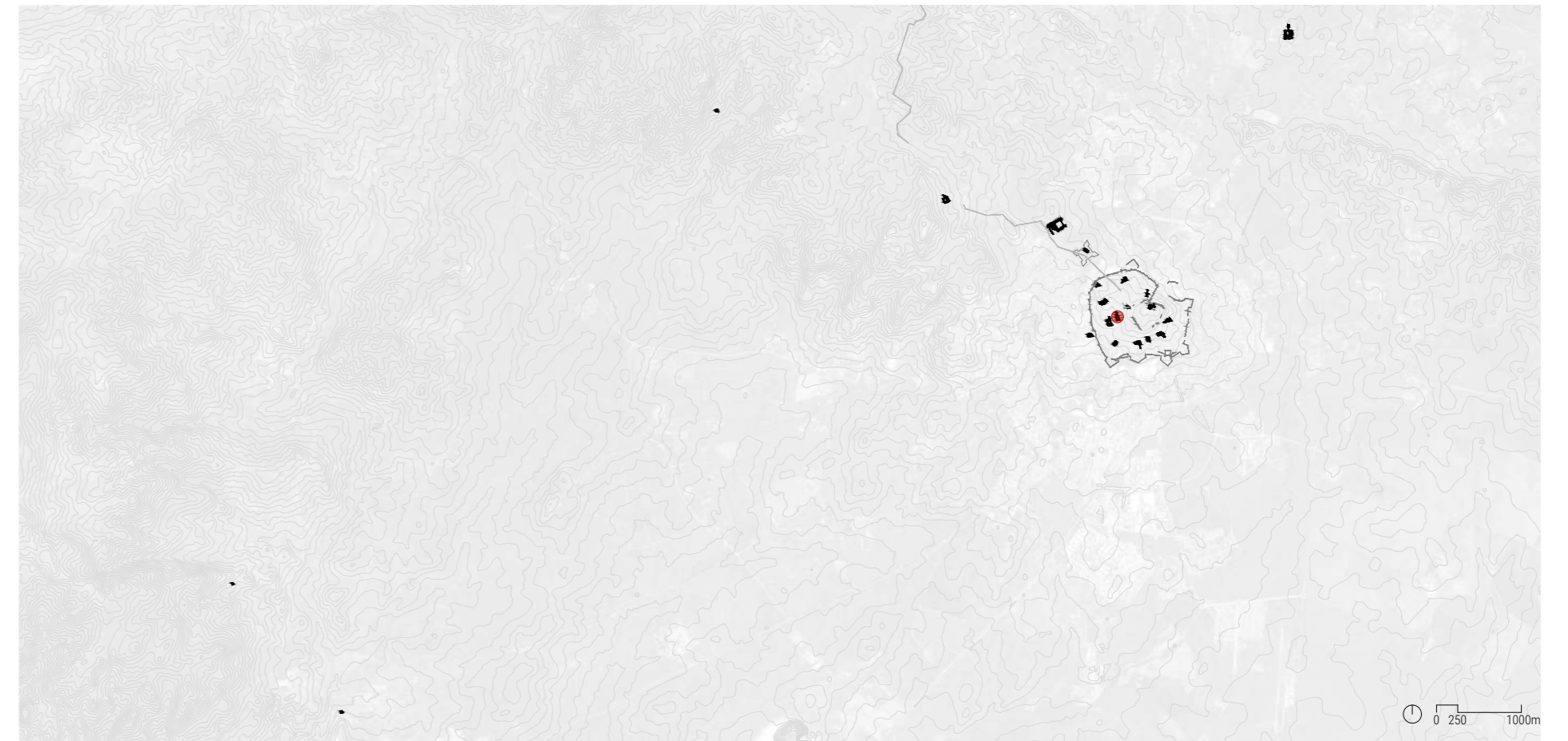
À semelhança de muitos outros mosteiros, em 1808, no âmbito das invasões francesas, o edifício foi saqueado e danificado. Em 1875 foi feita a avaliação do espaço pela Repartição de Finanças do Distrito e em 1882, por morte da última freira, foi feito o inventário dos bens, e com isso o espaço foi encerrado. Em 1885, o extinto conjunto monástico foi ocupado por um posto médico para combater a peste. Em 1899, o espaço abandonado e em ruína foi cedido à Câmara Municipal para nele construir um mercado. O destino do edifício viria a decidir-se no início do século XX, aquando de uma angariação de fundos para a sua demolição com o pretexto da necessidade de criação de espaços verdes na cidade e para criação de posto de trabalho para combater o

problema de desemprego. Posteriormente, o espaço acolheu funções industriais e de cinema ao ar livre. Entre as décadas de 70 e 80 do século passado, o antigo conjunto é totalmente demolido para a construção de um edifício que contempla funções de habitação, comércio, serviços e estacionamento, assumindo a volumetria do mosteiro.

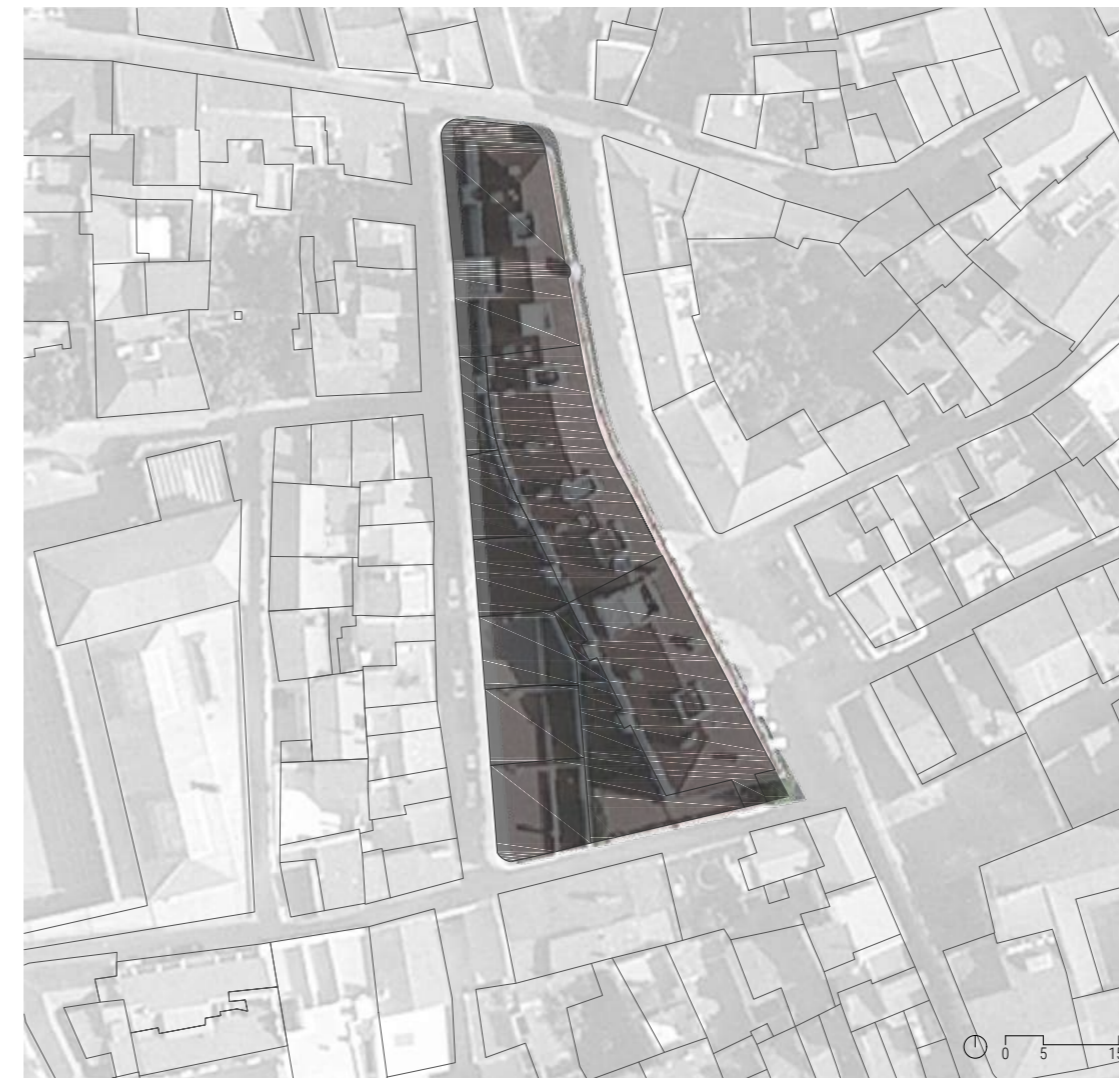
Da memória do património arquitectónico que não chega aos dias de hoje, as palavras de Túlio Espanca descrevem o espaço da seguinte forma: "apenas oferecia dignidade arquitectónica a igreja e o claustro- de dois pisos e formosa escadaria de pedra que era centrado por fonte de mármore beneficiada com o anel de água da Prata. Este revelava, nas suas linhas tardo-renascentistas, com uma distribuição do corpo térreo de arcadas plenas e arquivadas, com aberturas rectangulares e janelões de peitoril ladeados por mísulas destinadas a vasos floridos, uma varanda de grilhagem ao modo alentejano de reminiscências mouriscas e altas coberturas(...) Nele existia- além do refeitório e coro baixo- a sala capitular (...) A frontaria do imóvel que deitava para o Largo de Santa Catarina desenhava, com notória sobriedade nos seus volumes de empenas elevadas, de alvenaria alva de caio, com três frestas de profundos enxalsos intervalados por medalhões ornamentais da Renascença. Dois severos portais do mesmo estilo, graníticos, com frontões triangulares suportados por modilhões de volutas com enrolamento, davam ingresso à comunidade: o do norte à igreja e o paralelo à portaria-mor (...) Uma grande luneta iluminava a capela-mor: Esta era construída com certa riqueza arquitectónica, de abóboda artonsonada e antecedido por bem proporcionado arco mestre de mármore (...) O resto do edifício apresentava as características habituais das casas religiosas no seu amalgamento irregular de construções de épocas várias, sem plano definido, com justaposições por vezes de extraordinário efeito decorativo (...) "⁰².

⁰¹ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.214.

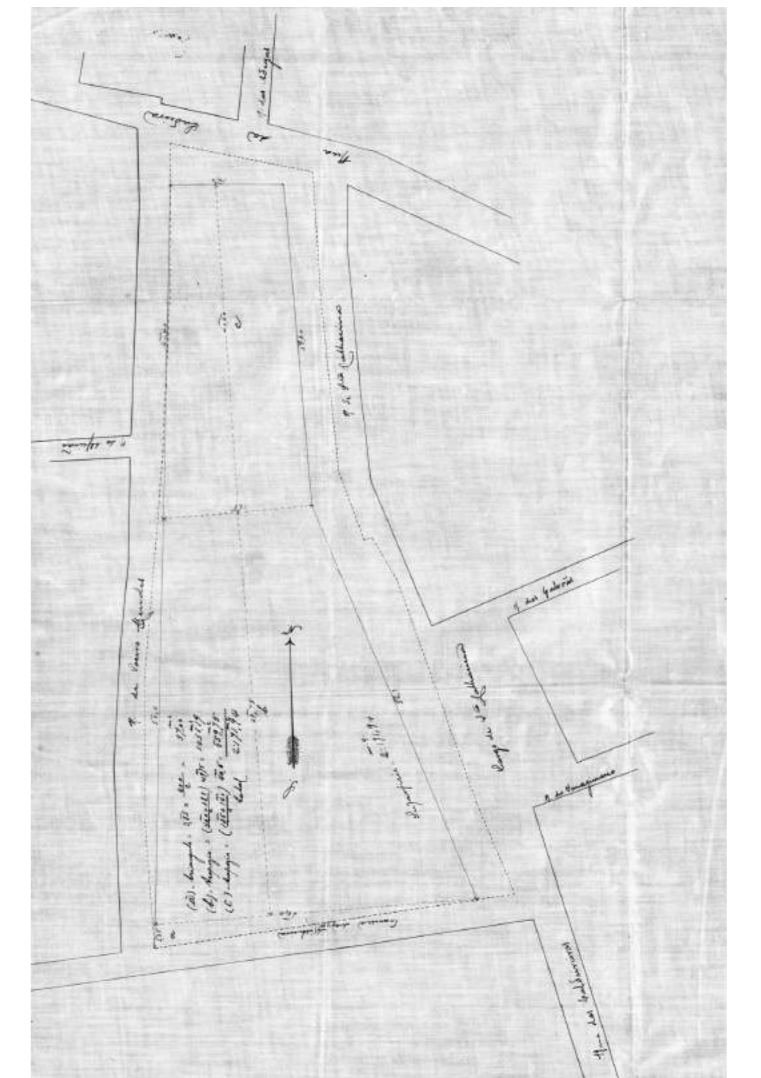
⁰² Espanca, T. (1975). "Agonia do Convento de Santa Catarina de Sena de Évora", in *A cidade de Évora*, nº58, Évora: Câmara Municipal de Évora. cit. por Caeiro, E. (2005). *ob. cit.*, pp. 217-219.



Planta de localização | Mosteiro de Santa Catarina de Sena



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Catarina de Sena



Planta e corte | Mosteiro de Santa Catarina de Sena



62 Convento de Santa Catarina



63 Demolição do mosteiro



64 Demolição do mosteiro



65 Claustro

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO PARAÍSO

Mosteiro	Nossa Senhora do Paraíso
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Ordem Terceira de São Domingos Feminino
Fundação	1499
Extinção	1897
Estado actual	demolido
Função	-
Propriedade	-
Protecção	-



66 Vista aérea da área anteriormente ocupada pelo do mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

No último ano do século XV, em 1499, foi fundado o Convento de Nossa Senhora do Paraíso, no seio da cidade de Évora. O edifício, estava localizado no centro histórico, envolvido pelas muralhas, tendo sido fundado em construções existentes. Apesar do nascimento circunstancial o mosteiro da Ordem de São Domingos, do ramo feminino, privilegiava de uma implantação estratégica relativamente ao núcleo urbano: junto à *cerca velha* (à porta de *Moura*) e confinado entre duas importantes artérias da cidade com ligação a Elvas e Espanha pela antiga porta de *Machede* e pela antiga porta de *Mendes Estevens*.

A sua origem começou muito antes da sua fundação, quando no início do século, três irmãs decidiram escolher a clausura, fazendo da sua própria habitação um recolhimento, onde mais tarde passaram a acolher outros membros no convento. A comunidade solicitou a sua ingressão na Ordem Terceira de São Domingos cujo pedido foi concedido em 1499 e mais tarde, entre 1516 e 1517, solicitaram que passasse à Segunda Ordem Dominicana, de clausura total⁰¹. Sem nenhum desenho ou projecto, nem nenhuma intenção no modo de conceber, o mosteiro nasceu das circunstâncias e das vontades. Formou-se na habitação das fundadoras que, ao longo dos anos e com ajudas de patronos, compraram construções vizinhas para ampliar o mosteiro⁰². Contrariamente às demais casas religiosas já fundadas em Évora, o Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso não deve o seu nome a uma ermida ou capela, mas sim a uma imagem milagrosa com esse nome⁰³, oferecida à comunidade.

O edificado sofreu alguns estragos com os saques das tropas francesas, no ano de 1808. Tendo terminado a clausura no final do século XIX, quando em 1897, faleceu a última freira, tornando o Convento de Nossa Senhora do Paraíso o último a ser extinto no presente século. Análoga às situações de outras casas religiosas extintas, os seus bens e recheio de elevado valor foram integrados nos bens da Igreja, das quais algumas peças leiloadas ou integradas nas colecções do Estado. Uma vez encerrado o espaço, e consequentemente abandonado, a população eborense mostrava vontade na sua demolição com o propósito de naquele lugar ser construído um hospital para tratar pessoas com peste bubónica. Em 1899, o Ministério da Fazenda ordenou a sua demolição que se confirmou no ano seguinte. A grave crise de trabalho naquela época e o mau estado de conservação do conjunto foram motivações para o seu

desmoronamento, que foi destruído para posteriormente no seu terreno ser construídos pela Câmara Municipal um jardim público, ainda hoje existente, e um dispensário anti-tuberculose.

Relativamente ao património arquitectónico do desaparecido Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso foram recolhidas algumas descrições que ilustram o que terá sido o aspecto do edifício. O conjunto monástico em plenas funções, aos olhos de Gabriel Pereira: "(...) A disposição actual do edifício é, com variantes de pequena monta, a existente na 1ª metade do século XVI. É uma construção irregular, apertada entre as duas ruas de Machede e Mendes Estevens, assentando com base triangular fortemente inclinada; tem uma quadra muito irregular, um quintal acanhado."⁰⁴; Nas palavras de Fialho de Almeida: "Um dos conventos pitorescos da cidade de Évora é, sem dúvida alguma o Paraíso. O aspecto externo simula a uma dessas casas de Tanger, misteriosas, de altas paredes encostadas umas às outras, sustadas a cunhais, caiadas, esfoladas, sem o menor sinal de vida em relação, nem portas, nem fachadas, nem mirantes e só com gaiolas de ferro (...) "⁰⁵. Sabe-se através de referências no inventário de extinção de 1857, que a igreja teria entrada principal na rua Mendes Estevens, e seria abóbada com arcos manuelinos e de paredes revestidas de azulejos. O edifício desenvolvia-se em vários pisos, sendo referidos espaços como o *de cima* e o *de baixo*. O refeitório é o espaço mais referido nas descrições como sendo um espaço único pelo seu interior, pelo seu tecto e colunas de mármore⁰⁶. O espaço que antigamente era ocupado pelo mosteiro, é actualmente abrangido por um jardim público e por um edifício que pertence à Administração Geral da Saúde.

⁰¹ Monteiro, F. (2010). *Ob. cit.*, p.72.

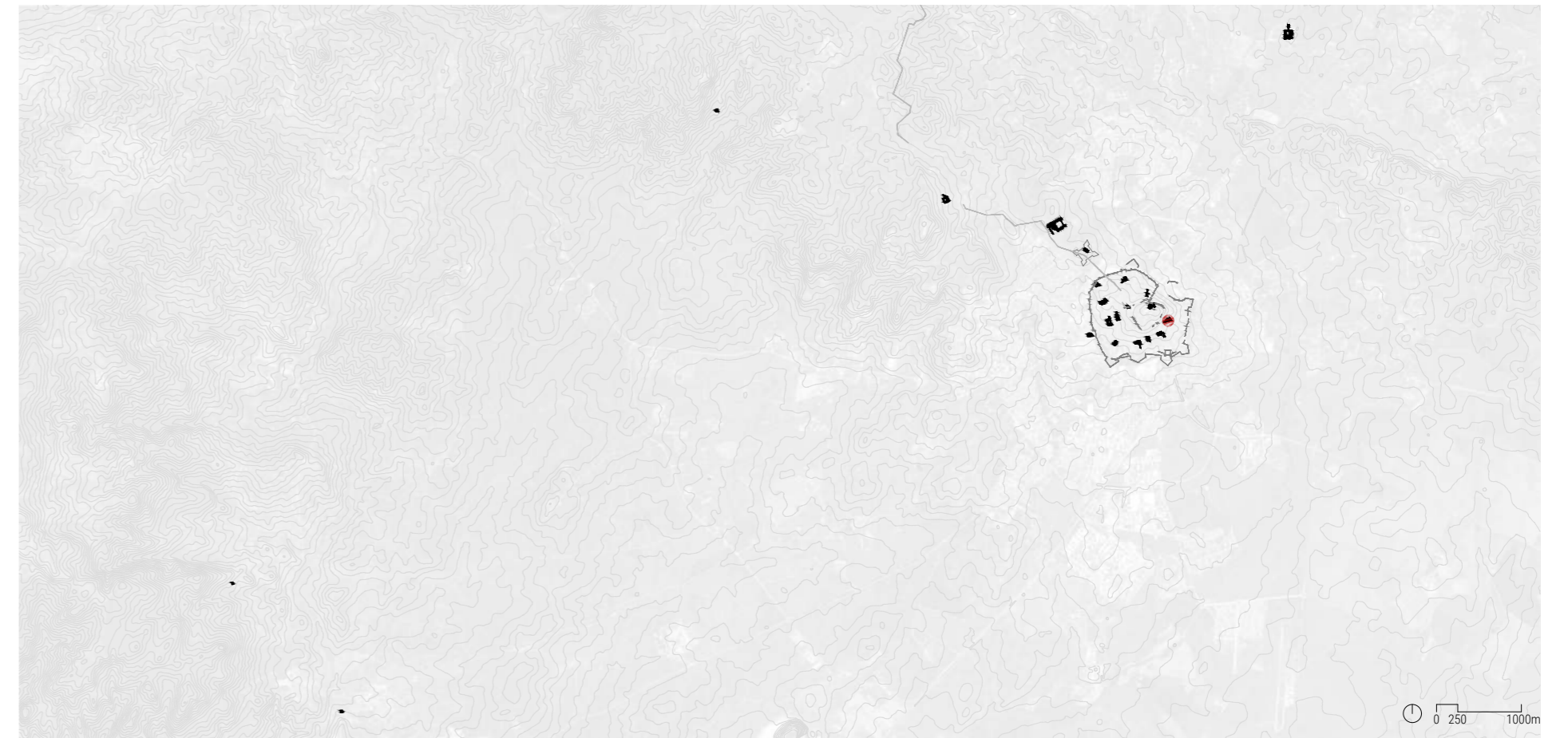
⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.203.

⁰³ Esta peça é uma das mais importantes do Tesouro da Sé de Évora.

⁰⁴ Pereira, G. (1886). *Conventos de Freiras*. Évora: Minerva. cit. por Caeiro, E. (2005). *ob. cit.*, p.207.

⁰⁵ Almeida, F. (1946). *O país das uvas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora cit. por Caeiro, E. (2005). *ob. cit.*, p.208.

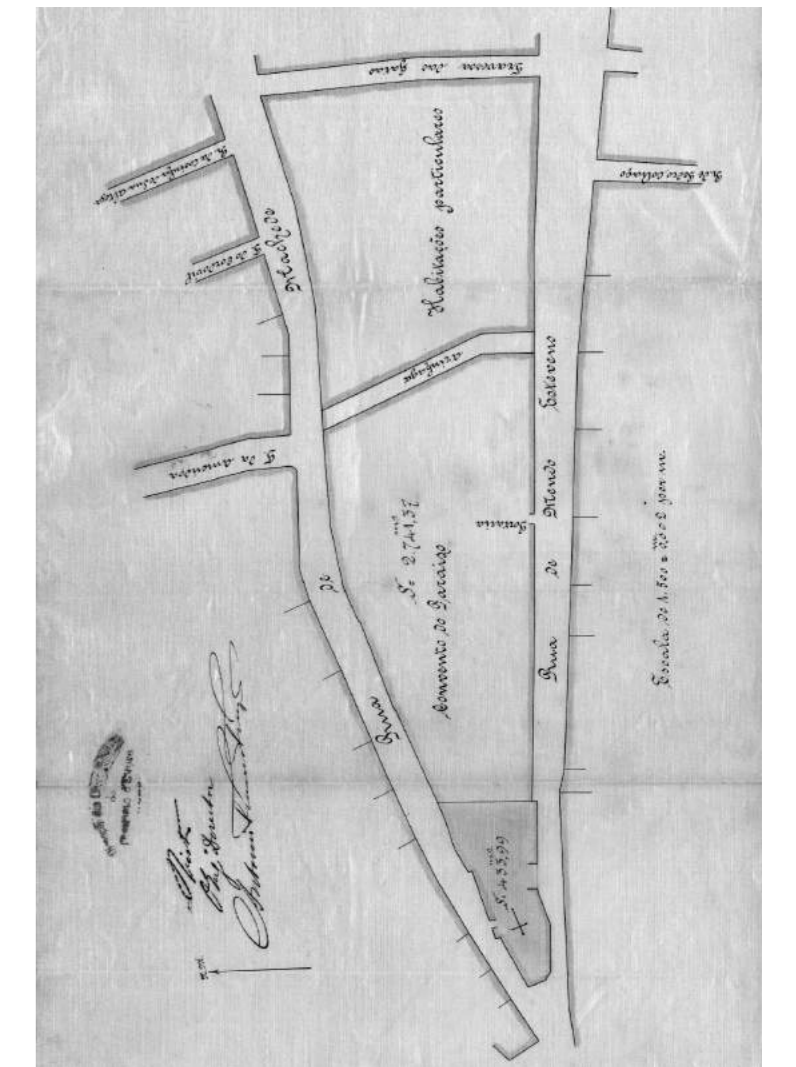
⁰⁶ Caeiro, E. (2005). *ob. cit.*, p.209-210.



Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso



Planta | Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso



67 Convento do Paraíso visto da rua Mendo Estevens



68 Convento do Paraíso



69 Demolição do mosteiro



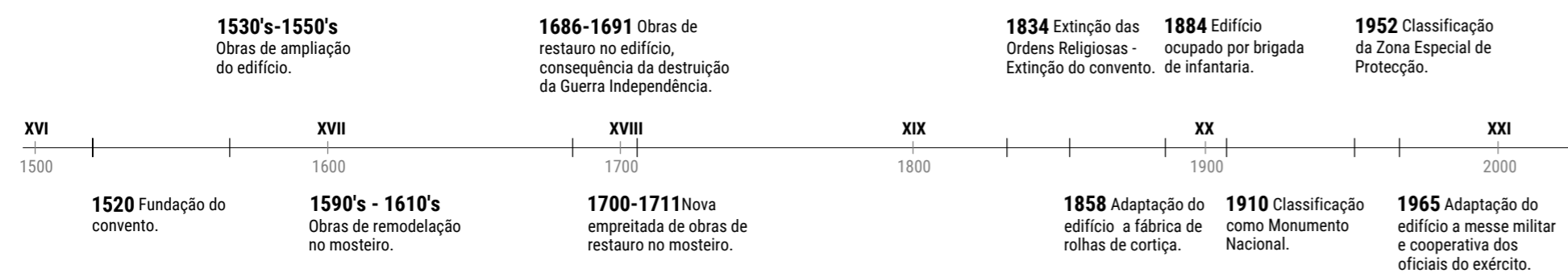
70 Túmulo de D. Álvaro da Costa



71 Demolição do claustro

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Mosteiro	Nossa Senhora da Graça
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Eremitas Descalços de Santo Agostinho Masculino
Fundação	1520
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	culto religioso Ministério do Exército
Propriedade	Privada
Protecção	Monumento Nacional 1910 ZEP - 1952



72 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora da Graça

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Convento de Nossa Senhora da Graça, da Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, foi fundado em 1520, no núcleo urbano, entre as cercas romana e medieval, no arrabalde de São Francisco. Análoga a outras implantações dos mosteiros eborenses, a comunidade de agostinhos também foi forçada pela circunstância da oferta dos espaços. No caso, foram os frades que escolheram reconstruir e ampliar um edifício existente ao invés de construir um de raiz em terrenos doados como era desejo do rei D. João III, patrono desde mosteiro, que em contrapartida garantiria um panteão real, uma vez que os terrenos destinados à edificação do mosteiro eram expostos e susceptíveis de ataques e invasões.

As datas para o início da história da comunidade agostinha na cidade divergem, porém aponta-se para que já se tivessem instalado no lugar onde seria o futuro mosteiro. Integrando a nova construção na ermida de Nossa Senhora da Graça, que deu nome ao mosteiro, iniciaram-se as obras entre 1538 e 1539, a cargo de Miguel Arruda, contemplando a igreja, o claustro e as coberturas do edifício⁰¹. Quando da visita real em 1540, D. João III desiste da ideia do panteão real pela modéstia dos interiores da igreja. As obras de manutenção sofridas ao longo dos anos não foram suficientes para o desmoronamento da igreja no início do século XVII, o que levou a grandes obras de melhoria em todo o conjunto monástico, no decorrer do século, reflectindo-se no abastecimento de água, na reformulação da igreja e fachada, na construção do pórtico da igreja, no claustro, na sala do capítulo, no refeitório, nos dormitórios, na adega, na torre campanário e nos muros que limitavam a cerca. Mais tarde, após os meados do século XVI e novamente no final da centúria, o edifício volta a ser alvo de várias reconstruções como consequência dos bombardeamentos espanhóis durante a Guerra da Restauração, enriquecendo o mosteiro através de várias doações. Já no século XVIII, no início, o claustro, os dormitórios e a sacristia, são os espaços requalificados para a manutenção do conjunto, e são construídos novos espaços para melhorar a vida da comunidade. O mosteiro voltou a passar por uma fase de destruição com as invasões francesas, sendo que desta vez não passou por obras de reconstrução porque anos depois em 1834 a extinção das ordens religiosas ditou o fim da comunidade de agostinhos nesta casa. Porém, imediatamente após à data da extinção, a igreja foi ocupada por uma escola primária que funcionou até 1884, ano em que a sua abóbada

desabou, tendo ficado por muito tempo nesta situação. Esta situação não impediu a apropriação do restante espaço com funções militares. O estado de ruína agravou-se em 1957 com a derrocada da fachada sul do corpo dos dormitórios, noviciado e enfermaria. Posteriormente, em 1965, o edifício foi reabilitado e adaptado como Messe de Oficiais, função que perdura até aos dias de hoje.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, imponente pela sua volumetria fortemente caracterizada pela sua fachada renascentista, decorada pelas estátuas dos "Meninos da Graça", é um dos monumentos de maior riqueza arquitectónica da cidade. O seu nártex, limitado por graníticos pilares e colunas dóricas, sustenta o corpo da igreja, que passou décadas em ruína. Salvo pela intervenção DGEM, o templo, de planta rectangular, foi reconstruído, mas privado da sua original cobertura em abóboda. O claustro, também de planta rectangular, é composto por arcos de volta perfeita sustentados por colunas toscanas no piso inferior e colunas arquivadas no piso superior. Encontra-se actualmente envidraçado por completo, existindo no seu espaço central uma cisterna. A antiga cerca, "onde existiram tanques de lavagem, poço, nora, e laranjal"⁰² é hoje o estacionamento da Messe dos Oficiais. O bom estado de conservação do conjunto deve-se ao facto de ter uma ocupação, sendo esta feita por uma instituição que à semelhança de outros edifícios que tem em sua posse, intervém com critério e respeito para com o património.

⁰¹ Tereno, M. do C. (2002) "Convento de Nossa Senhora da Graça de Évora" in *Conversas à volta dos conventos*. Évora: Casa do Sul Editora

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, pp. 230-231.

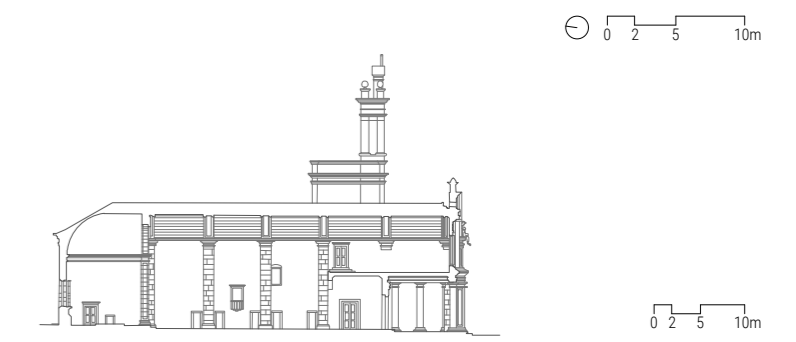
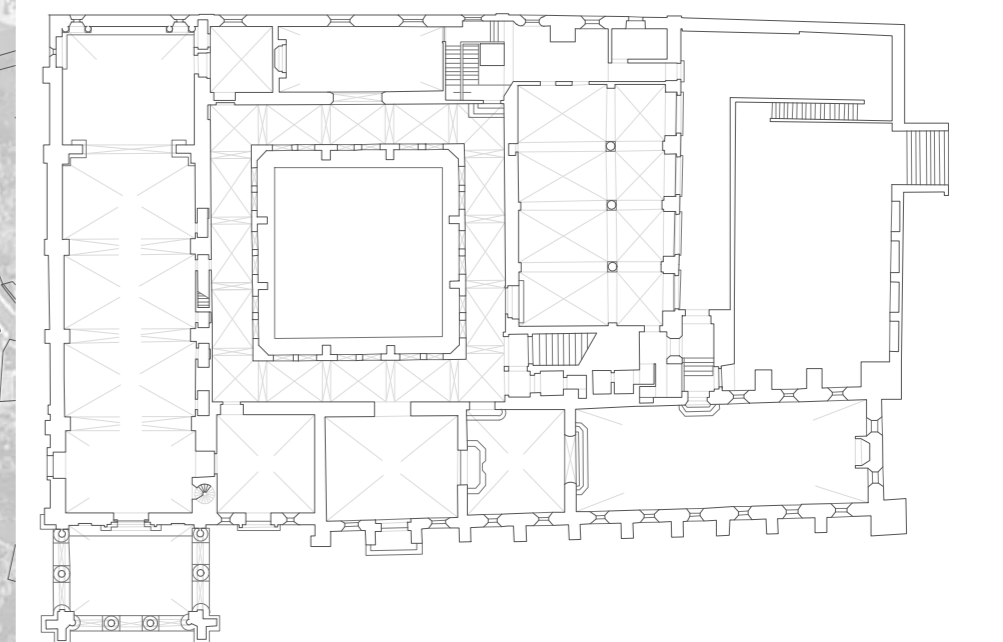
⁰³ www.monumentos.gov.pt - *Convento e Igreja da Graça de Évora*.



Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora da Graça



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora da Graça



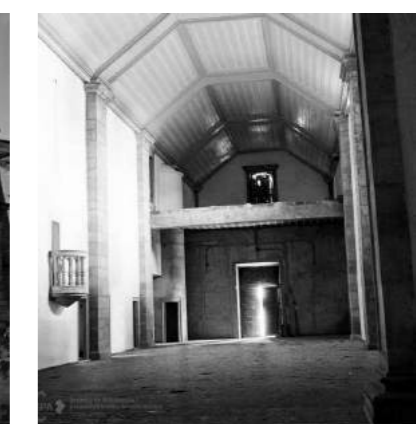
Planta e corte | Mosteiro de Nossa Senhora da Graça



73 Convento e igreja de Nossa Senhora da Graça



74 Vista parcial



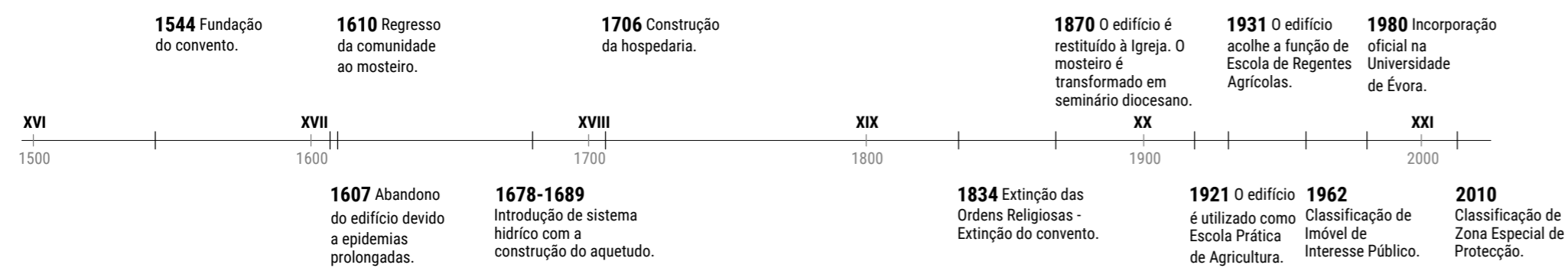
75 Igreja



76 Claustro

MOSTEIRO DO BOM JESUS DE VALVERDE

Mosteiro	Bom Jesus de Valverde
Implantação	Espaço rural Herdade da Mitra, a 12km sudoeste de Évora
Ordem Religiosa	Franciscanos Capuchos Masculino
Fundação	1544
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	culto religioso Universidade de Évora
Propriedade	Pública
Protecção	Imóvel de Interesse Público 1962 ZEP - 2010



77 Vista aérea do mosteiro de Bom Jesus de Valverde

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O segundo convento franciscano em Évora, primeiro do ramo da estrita observância, Bom Jesus de Valverde foi fundado em 1544, afastado do núcleo urbano, a cerca de 10km sudoeste da cidade, numa paisagem rural. Esta implantação respondia às exigentes regras professadas pelos frades menores capuchos, que privilegiavam lugares ermos e isolados, de terrenos férteis e abundantes em água.

A quinta edificada para o descanso dos membros da diocese de Évora, junto à ribeira de Valverde tinha uma localização para a comunidade capucha. Pela grande devoção a este ramo franciscano e pela vontade da sua companhia, Cardeal D. Henrique, então cardeal de Évora, fundou em terrenos da quinta um convento para os frades, iniciando a construção do mosteiro no mesmo ano de 1544. Para os 12 frades que inicialmente o habitaram o mosteiro, este era descrito como "pequeno e Capucho, mas mui perfeito, com sua fonte perene, trazida por canos ao meio do claustro, e fóra da Casa huma formosa cisterna, onde se recolhe a agua para regar a horta, e pomar"⁰¹. O mosteiro tinha uma relação de proximidade grande com as demais construções na cerca principalmente com a casa do cardeal que "tinha uma porta (...) que lhe dava acesso ao conventinho, a fim de tratar os frades e conversar com eles"⁰².

Pelas constantes doenças e enfermidades contraídas pelos capuchos, algumas mortais, viram-se forçados a deixar o seu mosteiro em Valverde, em 1607, e mudar a residência religiosa para o Mosteiro de Santo António da Piedade, mandado construir pelo mesmo patrono, Cardeal D. Henrique, exclusivamente para receber os capuchos de Valverde. Contudo, a saída foi curta, uma vez que os frades menores retornaram ao seu convento três anos depois, em 1610, pela sua vontade e pela vontade da população de Évora cuja devoção os fazia ir "muitas vezes em romaria ao Bom Jesus"⁰³. Ao longo dos anos foram feitas várias construções e melhorias no mosteiro, na quinta e na cerca, a quais tornaram o lugar bastante aprazível, garantindo o não só o necessário aos capuchos como lhe permitia qualidade da vida em comunidade. Em 1658 o mosteiro foi saqueado pelos castelhanos, levando algumas relíquias oferecidas à comunidade. Com a extinção das ordens religiosas, o edifício e a cerca ficaram na posse do Estado. Desde essa altura teve inúmeras funções, sempre ligado ao ensino agrícola, função que desempenha ainda hoje agregado à Universidade de Évora. O extinto conjunto monástico encontra-se em

bom estado de conservação aguardando um entendimento entre várias entidades responsáveis para a requalificação da Quinta do Paço de Valverde.

Respeitante ao património arquitectónico do Mosteiro do Bom Jesus de Valverde⁰⁴ tem-se do seu conjunto uma construção modesta e contida, como exigia a austera estrita observância. Um exterior sóbrio que esconde o desenho da sua igreja "em forma redonda"⁰⁵, distinta e descrita por diversos autores, da época aos mais recentes. Aponta-se a responsabilidade da obra da igreja a Miguel de Arruda, de planta em cruz grega, como sendo um dos melhores exemplares de arquitectura renascentista em Portugal. É composta por cinco octógonos e coberta por cinco cúpulas suportadas por 32 pilares, que deixam a luz entrar e iluminar o espaço. O pequeno claustro do mosteiro, de planta quadrangular, tem colunas toscanas e arcos de volta inteira no piso inferior e arquivados no piso superior. As restantes dependências conventuais encontram-se, todavia, bem definidos. A cerca do mosteiro ainda contém um conjunto de ermidas e capelas, um jardim de fresco e uma gótica casa da água e respectivo sistema hidráulico.

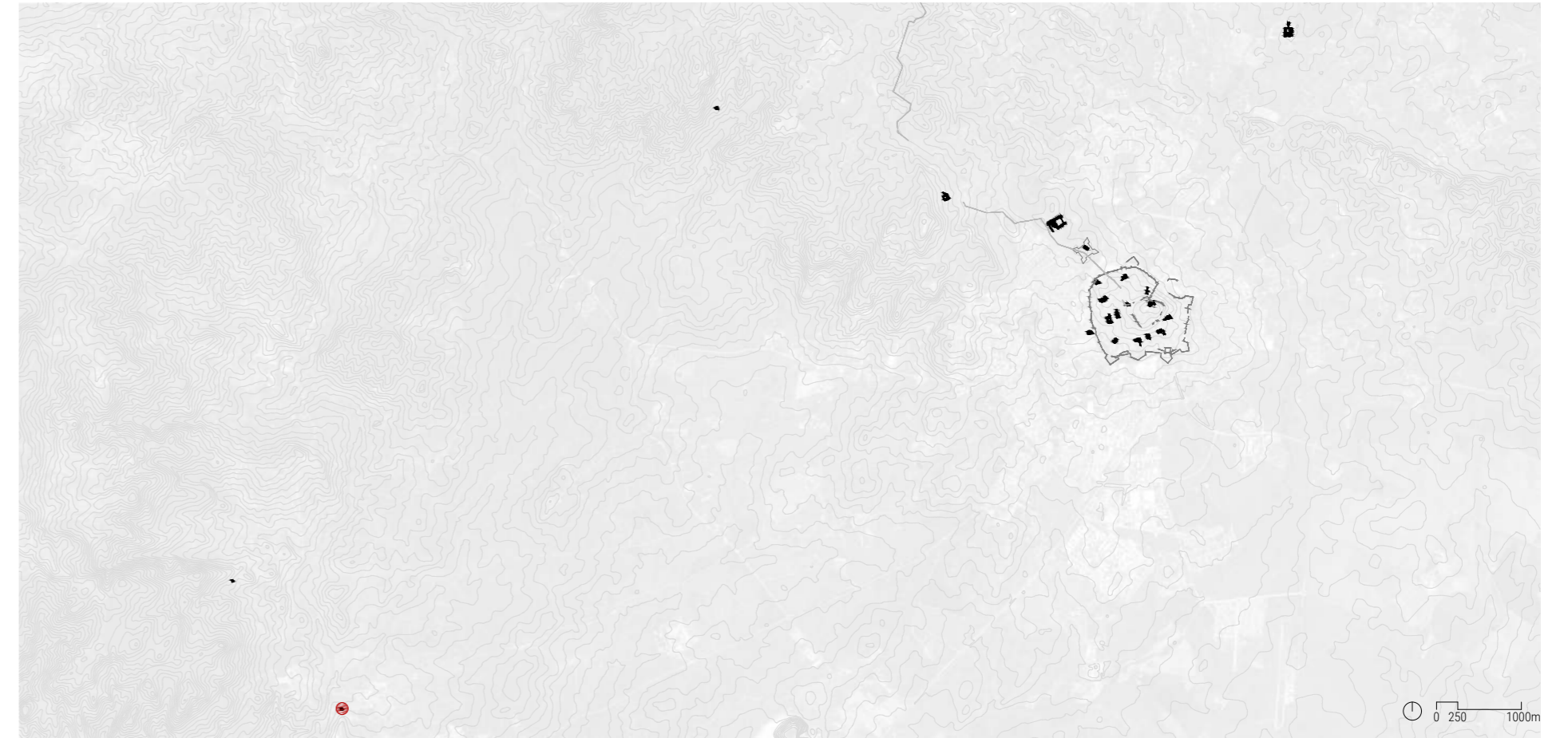
⁰¹ Monforte, Fr. M. de (1751). *Chronica da Provincia da Piedade*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, p.340.

⁰² Queimado, J.M. (1975). *Ob. cit.* Edição de Autor, p.146.

⁰³ Monforte, Fr. M. de (1751). *Ob. cit.*, p.341.

⁰⁴ www.monumentos.gov.pt - Quinta do Paço de Valverde / Quinta do Convento de Bom Jesus de Valverde / Convento do Bom Jesus de Valverde.

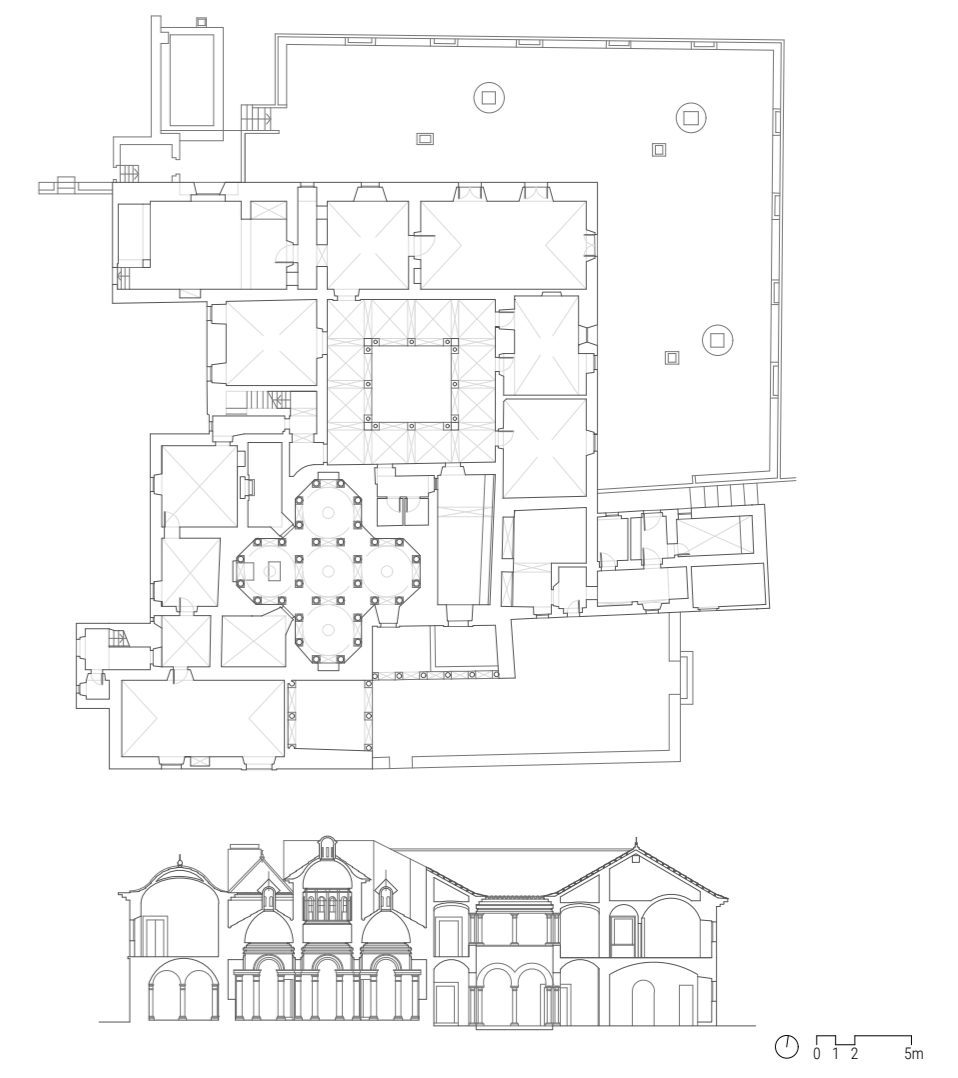
⁰⁵ Monforte, Fr. M. de (1751). *Ob. cit.*, p.340.



Planta de localização | Mosteiro do Bom Jesus de Valverde



1:3000 Planta de implantação | Mosteiro do Bom Jesus de Valverde



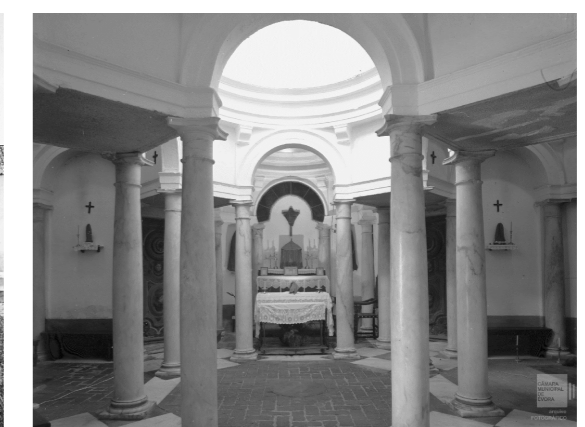
Planta e corte | Mosteiro do Bom Jesus de Valverde



78 Convento de Bom Jesus de Valverde



79 Convento de Bom Jesus de Valverde



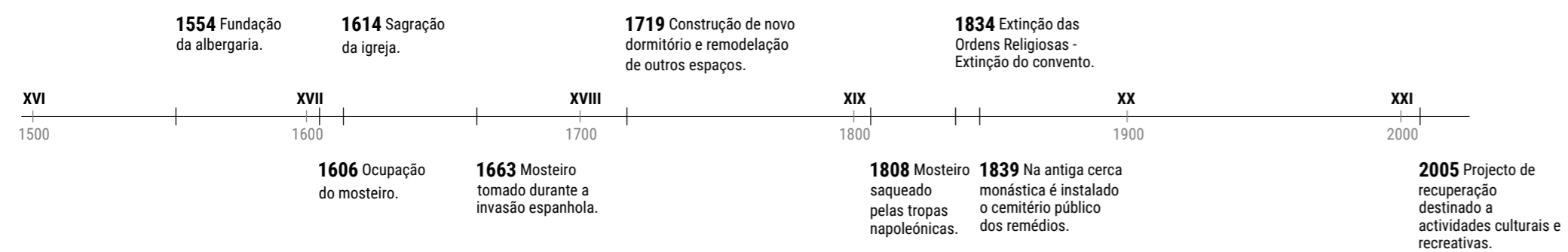
80 Igreja



81 Claustro

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Mosteiro	Nossa Senhora dos Remédios
Implantação	Espaço urbano Extramuros
Ordem Religiosa	Carmelitas Descalços Masculino
Fundação	1554
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade coral
Função	"Ebora Musica" Serviços municipais - museu
Propriedade	Pública
Protecção	Monumento de Interesse Público 2015



ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

No exterior da muralha fernandina, foi ocupado no ano de 1606 o Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios, pertencente à Ordem dos Carmelitas, do ramo Descalço. A sua implantação privilegiada junto à torre de menagem e à antiga porta de *Alconchel*, na altura a principal ligação da cidade ao exterior, tornavam a envolvente do edifício religioso um espaço de constante passagem de pessoas e de mercadorias. Aliada a esses aspectos, a qualidade dos terrenos e a abundância de água motivaram a instalação destes carmelitas.

O mosteiro construído de raiz por vontade de D. Teotónio de Bragança foi projectado para receber os frades descalços que antes habitavam numa albergaria junto à ermida de Nossa Senhora dos Remédios no interior das muralhas. Essa albergaria fundada em 1554 pelo mesmo patrono do mosteiro levou a desentendimentos com a comunidade franciscana, sendo por essa razão forçados a abandonar este lugar e procurar uma nova casa. Com o desenho da responsabilidade de Francisco de Mora⁰¹, de acordo com as normas austeras inerentes à conduta de vida da comunidade carmelita e ao contexto da época, a construção tardou e apenas em 1614 a igreja, sóbria e simples, seria terminada e sagrada⁰².

Este mosteiro teve um papel importante na guerra da Independência, devido à localização estratégica neste contexto, que pela proximidade a uma porta da cidade foi ocupado pelos espanhóis servindo-se do espaço como prisão e como armazenamento de artilharia. Após este episódio e para melhoria da vida da comunidade, na segunda década do século XVIII, o edifício foi renovado e ampliado, reconstruíram-se os espaços do refeitório e da sala do capítulo e construiu-se uma nova ala de dormitório. Outro período de dificuldade para as casas religiosas eborenses aconteceu no início do século XIX, durante as invasões francesas onde o Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios foi saqueado e em grande parte destruído. O inevitável destino de todas as casas religiosas trazido pela extinção das ordens religiosas, converteu a cerca monástica dos Remédios logo no ano de 1839, no Cemitério Público cujo portal de entrada é proveniente do extinto Convento de São Domingos, aquando do seu desmantelamento. A igreja serviu durante alguns anos como capela funerária e as restantes dependências foram ocupadas por diversas funções ao longo do tempo, desde morgue a escola profissional

de construção, resultando numa forte descaracterização espacial.

Recentemente, um projecto de remodelação do edifício promovido pela Câmara Municipal de Évora, instalou em dependências do extinto mosteiro o grupo Eborá Música, e simultaneamente o departamento de arqueologia da Câmara Municipal com espaços expositivos e culturais. Actualmente este espaço não tem construções na envolvente mantendo o espaço original da cerca.

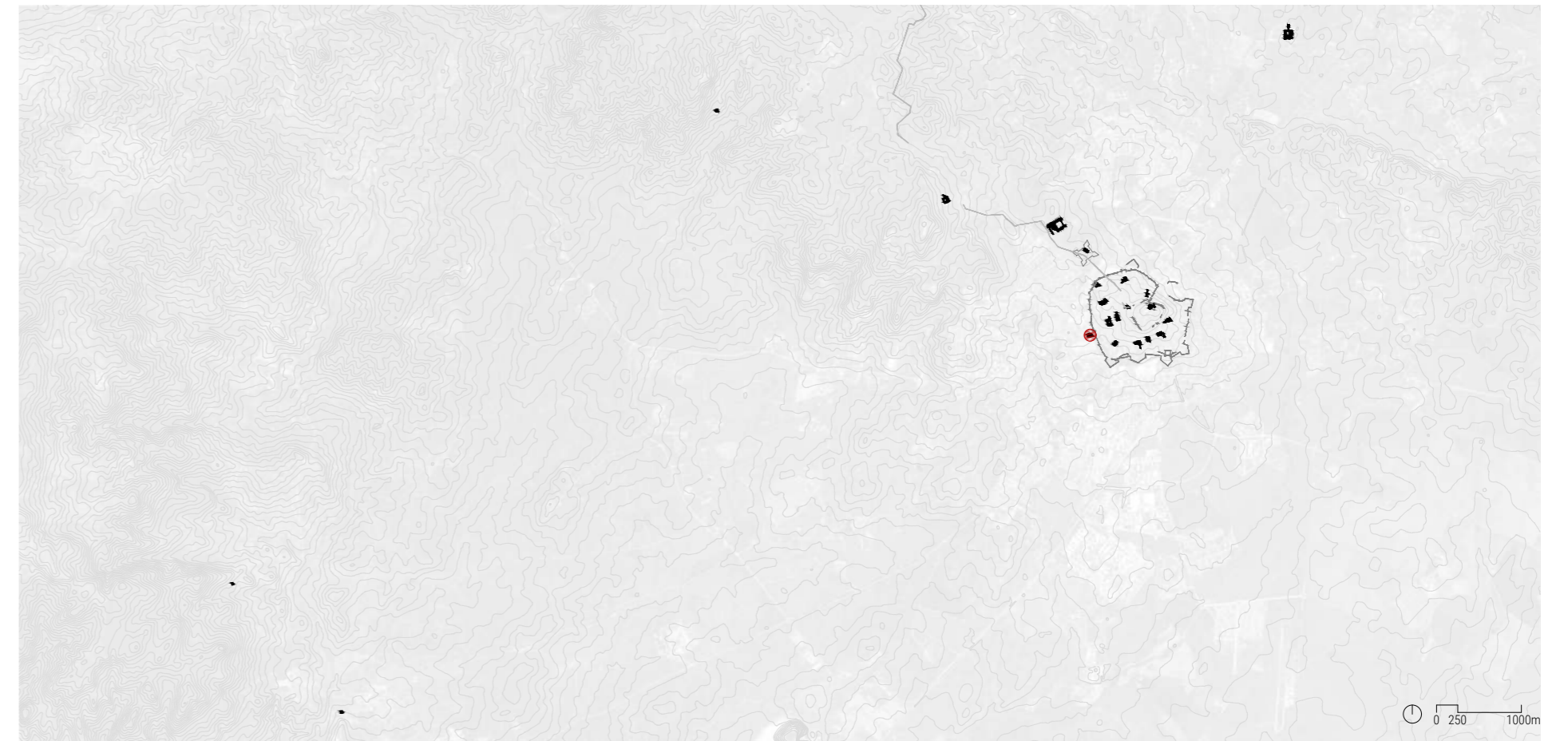
Do património do extinto conjunto monástico do Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios⁰⁴, situado junto a uma importante artéria do centro histórico, apresenta-se um exemplar do que era a arquitectura deste ramo carmelita, de construção sóbria e simples. A sua igreja apresenta um alçado de frontão triangular e uma nave única rectangular, precedida pelo nártex rasgado. O templo comunica directamente com o claustro setecentista, de planta quadrangular e composto por arcos de volta inteira e pilastras graníticas. No piso superior localizam-se as celas que espreitam o claustro através de pequenos vãos.

⁰¹ Tereno, M. do C. (2013). "Convento dos Remédios in Ciclo te conferências- *Convento d Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil*. Évora, p.4.

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.243.

⁰³ Cf. Bilou, F. (2018). *Nicolau Chanterene e os portais renascentistas da capela-mor de São Domingos de Évora. Breve análise histórica, artística e autoral*. Évora.

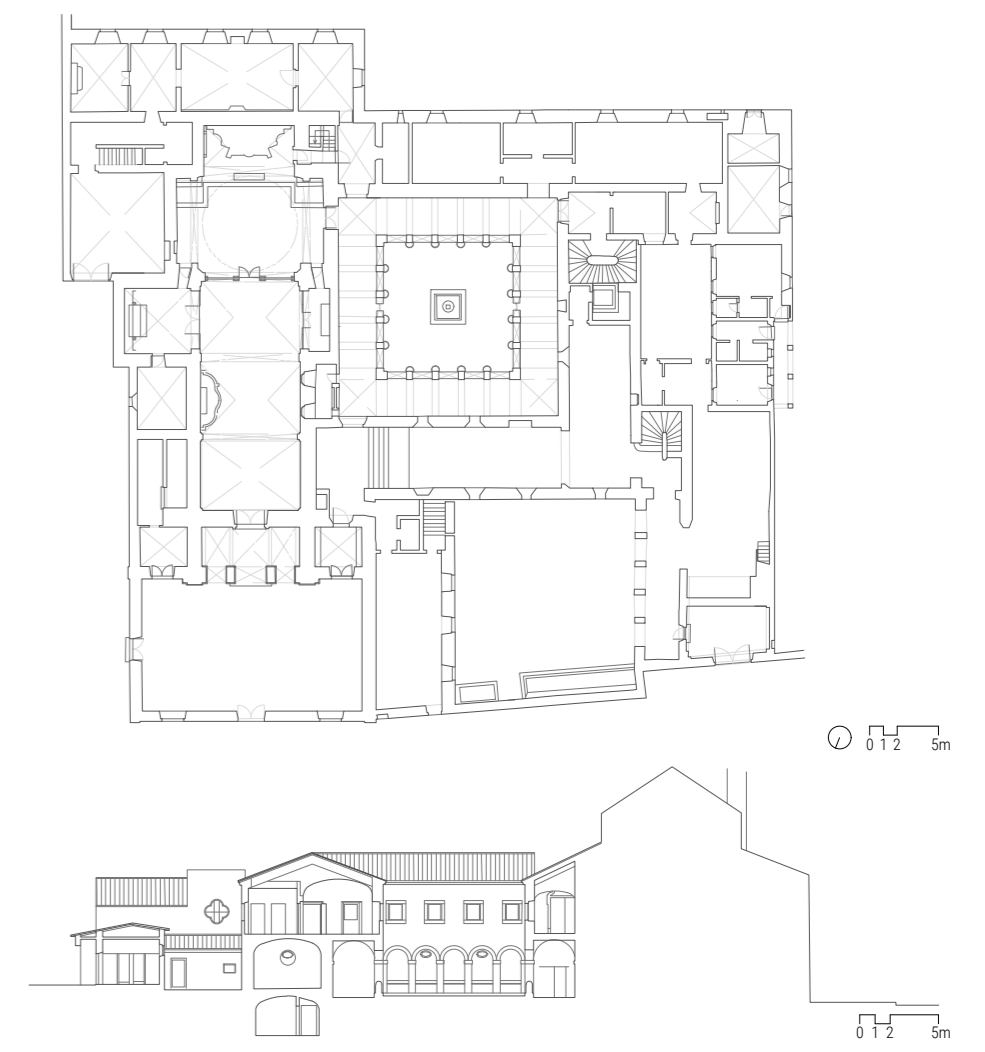
⁰⁴ www.monumentos.gov.pt - Mosteiro do Monte Calvário / Convento de Santa Helena do Monte Calvário.



Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios



Planta e corte | Mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios



83 Frontaria



84 Vista geral



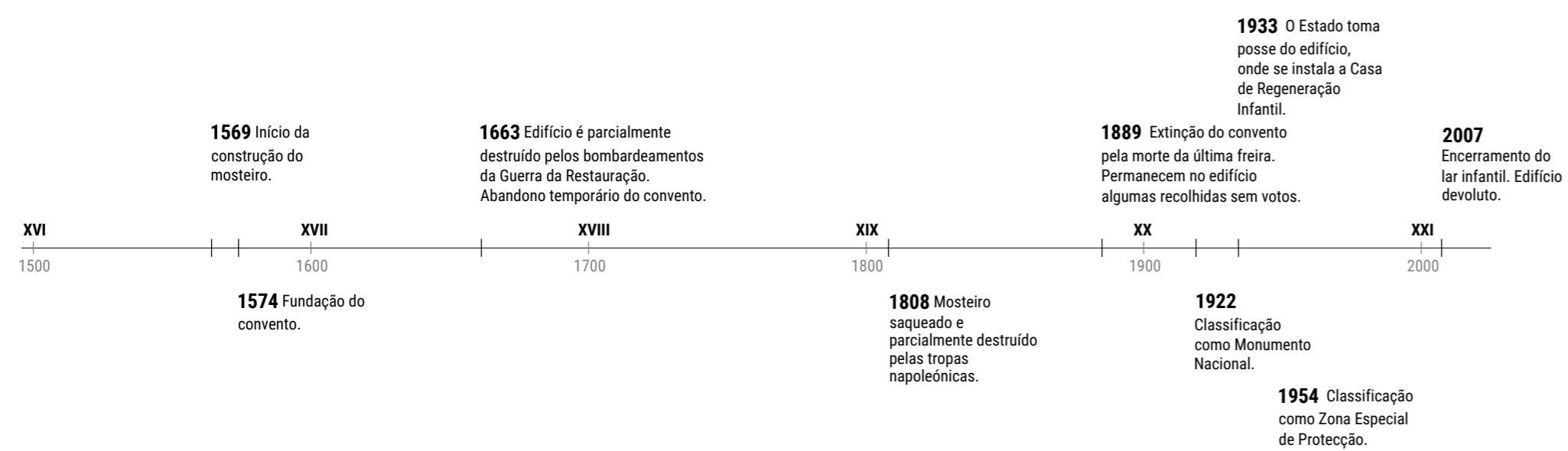
85 Igreja



86 Claustro

MOSTEIRO DE SANTA HELENA DO MONTE CALVÁRIO

Mosteiro	Santa Helena do Monte do Calvário
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Franciscana Clarissas Feminino
Fundação	1565
Extinção	1889
Estado actual	conserva espacialidade
Função	devoluto
Propriedade	Pública
Protecção	Monumento Nacional 1922 ZEP - 1954



87 Vista aérea do mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Pelo desejo da Infanta D. Maria, no ano de 1574 foi fundado o Convento de Santa Helena do Monte Calvário, segunda casa religiosa de clarissas em Évora, ramo feminino da Ordem de São Francisco. A escolha da sua implantação estratégica no limite interior da *cerca nova*, à boca da *porta da Lagoa*, num importante eixo da cidade, deveu-se à aquisição de terrenos onde existia uma ermida com invocação a Vera Cruz. Os terrenos delimitados pela muralha conferiam a protecção necessária à comunidade de freiras que viu início da construção do mosteiro no ano de 1569 com o desenho de Afonso Alvares. A edificação do mosteiro, de linha simples e severa com uma leitura de unidade do conjunto, ia de encontro às exigências da comunidade e às imposições da época religiosa que se vivia após o Concílio de Trento⁰¹. Por essa razão o Calvário era considerada uma das casas franciscanas mais pobres de Évora, que vivendo de esmolas e sob rígidas regras contou com freiras provenientes de outros mosteiros para dar início à clausura. Ao longo dos séculos, o mosteiro foi alvo de várias obras de reconstrução e ampliação que além de responder às necessidades da comunidade, respeitaram o desenho original do mosteiro. Durante o cerco de 1663, a comunidade foi forçada a abandonar o mosteiro para evitar perdas, cujos bombardeamentos espanhóis provocaram graves danos no edifício tendo sido necessário reconstruir partes do mosteiro e construir novos espaços para a clausura das freiras. Mais tarde, no início do século XIX o mosteiro voltou a ser alvo de destruição que provocaram largos estragos em todo o conjunto, durante as invasões francesas.

O convento foi extinto em 1889, aquando do falecimento da última freira. No entanto, as recolhidas foram autorizadas a permanecer no mosteiro para dar continuidade ao ensino da leitura e de trabalhos manuais, face à inexistência de espaços para alojar residentes de comunidades extintas. Esta decisão, que manteve o extinto conjunto monástico ocupado permitiu a conservação e manutenção do espaço, não caindo em ruína, como tantos outros, depois do seu abandono resultante da extinção das ordens religiosas. Após obras protagonizadas pela Direcção dos Monumentos Nacionais, foi entregue às Religiosas Adoradoras Escravas do Santíssimo Sacramento e da Caridade, que instalou um lar de assistência infantil feminina, tendo o mesmo funcionado até há escassos anos. O conjunto encontra-se agora devoluto e, embora no seu exterior apresente um

bom estado de conservação, o seu interior carece de obras de manutenção e conservação do espaço.

Relativamente ao património arquitectónico do Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário⁰², impõe-se na fachada da rua com uma volumetria imponente, realçando o seu alçado pelas paredes reforçadas no exterior que denuncia o corpo da igreja. A igreja de volumetria simples e com entrada lateral, tem uma só nave de planta rectangular e é coberta por uma abóboda de meio ponto. As suas paredes estão revestidas por painéis de azulejos e o seu coro alto está assente sobre arcaria sustentada por colunas toscanas de mármore. O claustro de dois pisos, é rectangular e os seus arcos são de meio ponto no piso inferior; o piso superior, na ausência de arcos, contém vãos rectos rematados em granito, marcando a austeridade presente nas imposições da época que privilegiava a simplicidade e austeridade nas formas. Na antiga cerca existem ainda alguns vestígios do primitivo sistema hidráulico, da horta e pomar, e capela de Nossa Senhora do Rosário.

⁰¹ Caeiro, E. (2005). *Ob cit.*, pp.25-30.

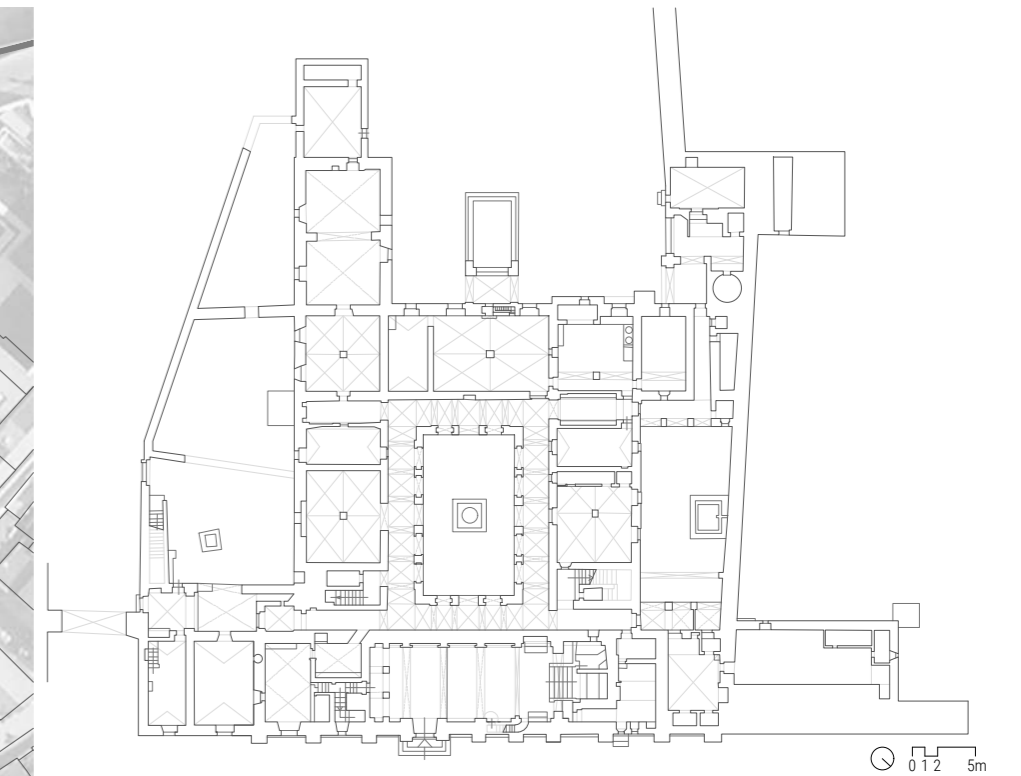
⁰² www.monumentos.gov.pt - *Mosteiro do Monte Calvário / Convento de Santa Helena do Monte Calvário*.



Planta de localização | Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário



Planta de implantação | Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário



Planta e corte | Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário



88 Fachada do Convento do Calvário



89 Igreja



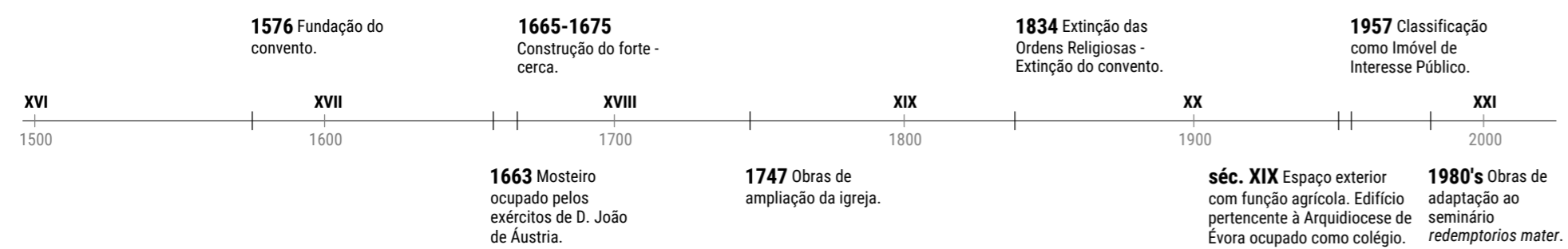
90 Claustro



91 Refeitório

MOSTEIRO DE SANTO ANTÓNIO DA PIEDADE

Mosteiro	Santo António da Piedade Forte de Santo António
Implantação	Peri-urbano
Ordem Religiosa	Franciscanos Capuchos Masculino
Fundação	1576
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	arquidiocese de Évora
Propriedade	Privada
Protecção	Imóvel de Interesse Público 1957



92. Vista aérea do mosteiro de Santo António da Piedade

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A segunda casa religiosa do austero ramo franciscano dos Frades Menores Capuchos em Évora, o Convento de Santo António da Piedade, foi fundado em 1576 pelo desejo do Cardeal D. Henrique também patrono do Bom Jesus de Valverde. E foi precisamente pela casa de Valverde ser um lugar propenso a doenças e enfermidade que foi mandado construir este mosteiro de Santo António, exclusivamente para receber a comunidade capucha. Por essa razão, a implantação peri-urbana extramuros escolhida para a nova habitação foi um lugar suficientemente afastado para o recolhimento dos frades, e simultaneamente perto para as pregações à população e para peditórios. O lugar estratégico, junto ao aqueduto e a norte do primitivo mosteiro do Carmo, na continuidade do eixo viário que atravessa a porta da *Lagoa*, numa colina "cujo sitio he o melhor, e mais sadio"⁰¹, permitia à comunidade vistas amplas sobre os campos e sobre a cidade. Pelas constantes doenças contraídas em Valverde, umas das quais mortais, os capuchos solicitaram ao Cardeal uma enfermaria onde se pudessem deslocar para lá cuidar dos seus religiosos enfermos. Foi-lhes negada a enfermaria porque, tal era a devoção do Cardeal a esta comunidade, preferia em troca edificar um novo mosteiro. Os capuchos, humildes e simples, recusaram tal oferta pela razão de que já tinham um mosteiro. Porém foi determinado a construção de nova casa religiosa na Congregação em Estremoz em 1576, por insistência do Cardeal, sendo dessa forma impossível para os frades não aceitar a oferta. Tentaram em vão que fosse simples e modesto ao gosto capucho, apenas tiveram sucesso em pequenas celas e oficinas, onde passavam a maioria do tempo. Por essa razão, tanto a igreja como o claustro eram espaços amplos e sumptuosos, segundo os capuchos. A comunidade capucha de Valverde mudou-se para o Mosteiro de Santo António no ano de 1607, e de acordo com a crónica da província⁰², regressaram a Valverde três anos depois, o que leva a crer que a comunidade capucha dividiu os seus membros pelos dois mosteiros, consoante a necessidade e/ou vontade dos próprios. Passados alguns anos, em 1650, D. João IV de ordem de edificação de um forte em torno do Mosteiro de Santo António e simultaneamente do Mosteiro do Carmo, integrado no novo sistema defensivo da cidade. Por este forte não estar terminado aquando do cerco de D. João de Áustria, os espanhóis ocuparam e destruíram grande parte destes edifícios religiosos. Posteriormente, entre 1665 e 1675, o perímetro em torno do conjunto monástico foi abaluartado de forma quadrangular e independe,

coincidindo com os limites da cerca capucha. A igreja foi ampliada em 1747, numa obra que lhe conferiu o acréscimo de uma nova capela-mor, barroca e de planta semicircular⁰³. Durante as invasões francesas, nem o forte impediu que o espaço fosse novamente saqueado e danificado. Com a extinção das ordens religiosas, o convento foi extinto passando de seguida a desempenhar a função de cemitério público. Após a venda a um particular, o espaço monástico foi utilizado como quinta de recreio, cuja ocupação alterou a espacialidade original. Mais tarde na posse da Arquidiocese de Évora, teve funções de colégio religioso, e no piso superior teve função de escola primária, passando na década de 80 do século passado sido adaptado a Casa Sacerdotal. Ao longo desta ocupação foram feitas intervenções construtivas que transformaram o edifício, destruindo e acrescentando espaços. Actualmente, o conjunto apresenta um bom estado de conservação, apesar da descaracterização da qual foi alvo durante as diversas ocupações, as intervenções da GDEMN ajudaram a manutenção e conservação do conjunto. Contudo, o espaço conserva uma imagem próxima da original. Os fossos do forte foram transformados em espaços de cultivo. O acesso ao conjunto, através de uma subida termina na entrada do edifício através de um pátio de grandes dimensões que serve de estacionamento.

Relativamente ao património arquitectónico do Mosteiro de Santo António da Piedade⁰⁴, apresenta um alçado principal definido pela igreja e pela antiga zona conventual. A igreja, imponente pela sua volumetria austera, tipicamente capucha, tem uma só nave de planta rectangular, com paredes decoradas por azulejos e coberta por abóbada de volta inteira. O claustro, de planta quadrangular, é composto por arcos de volta inteira suportados por colunas de granito no piso inferior e vãos rectilíneos no piso superior, cuja área livre é ocupada por uma cisterna. A antiga cerca, limitada pela fortificação e rasgada pela pré-existência do Aqueduto da Água da Prata que alimentava o mosteiro, contempla espaços verdes com uma próxima relação ao ambiente original e o respectivo sistema hidráulico.

⁰¹ Monforte, Fr. M. de (1751). *Ob. cit.*, p.473.

⁰² *Idem*, p.342.

⁰³ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.268.

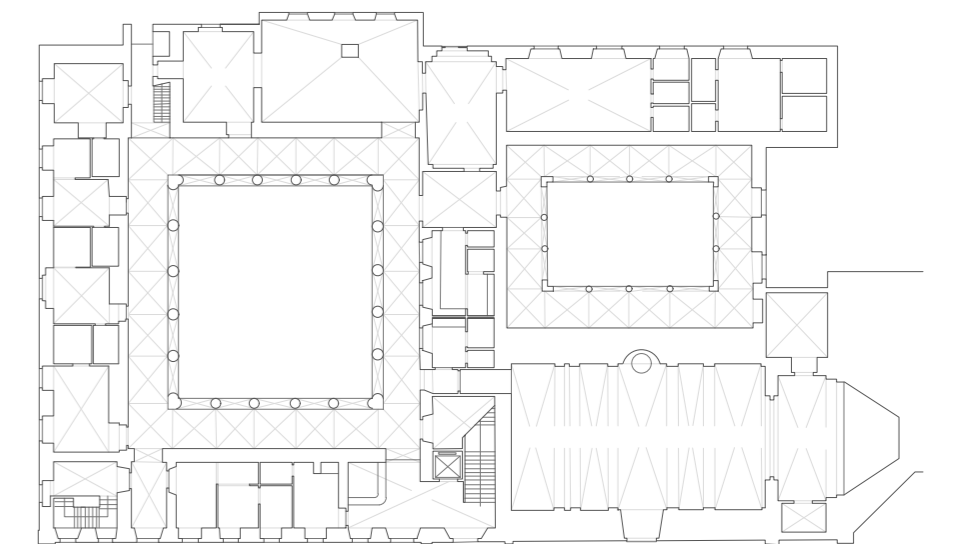
⁰⁴ www.monumentos.gov.pt - Forte de Santo António / Forte de Santo António da Piedade.



Planta de localização | Mosteiro de Santo António da Piedade



Planta de implantação | Mosteiro de Santo António da Piedade



Planta | Mosteiro de Santo António da Piedade



93 Mosteiro e forte de Santo António



94 Jardim



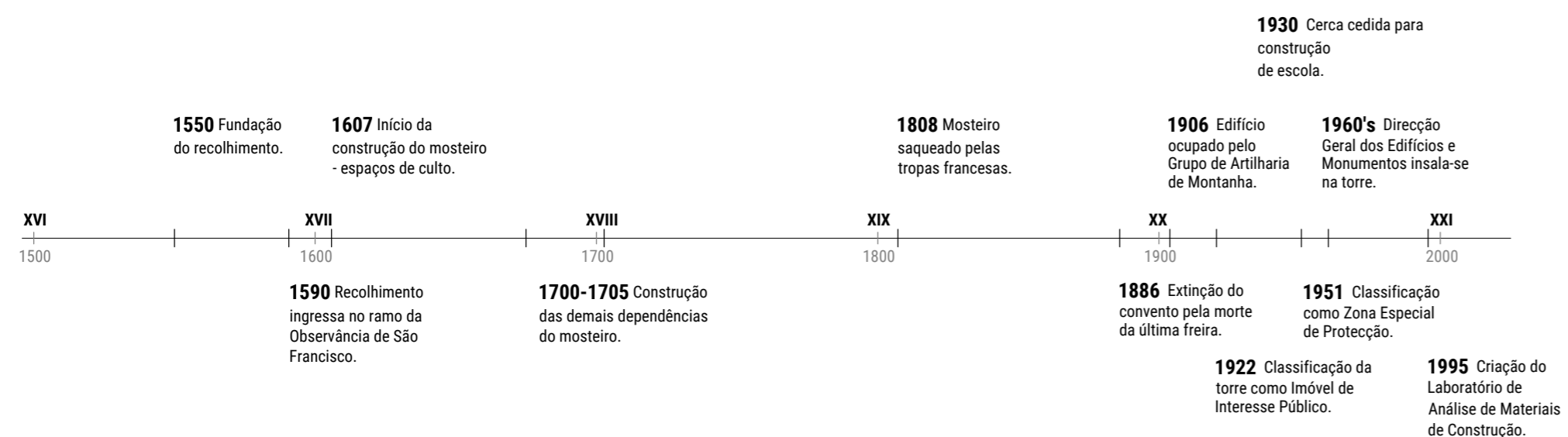
95 Igreja



96 Claustro

MOSTEIRO DO SALVADOR DO MUNDO

Mosteiro	Salvador do Mundo
Implantação	Espaço urbano Centro histórico
Ordem Religiosa	Ordem Terceira de São Francisco Feminino
Fundação	1590
Extinção	1886
Estado actual	conserva espacialidade
Função	espaço expositivo - D.R.C.A.
Propriedade	Pública
Protecção	Imóvel de Interesse Público 1922 ZEP - 1951



97 Vista aérea do mosteiro de Salvador do Mundo

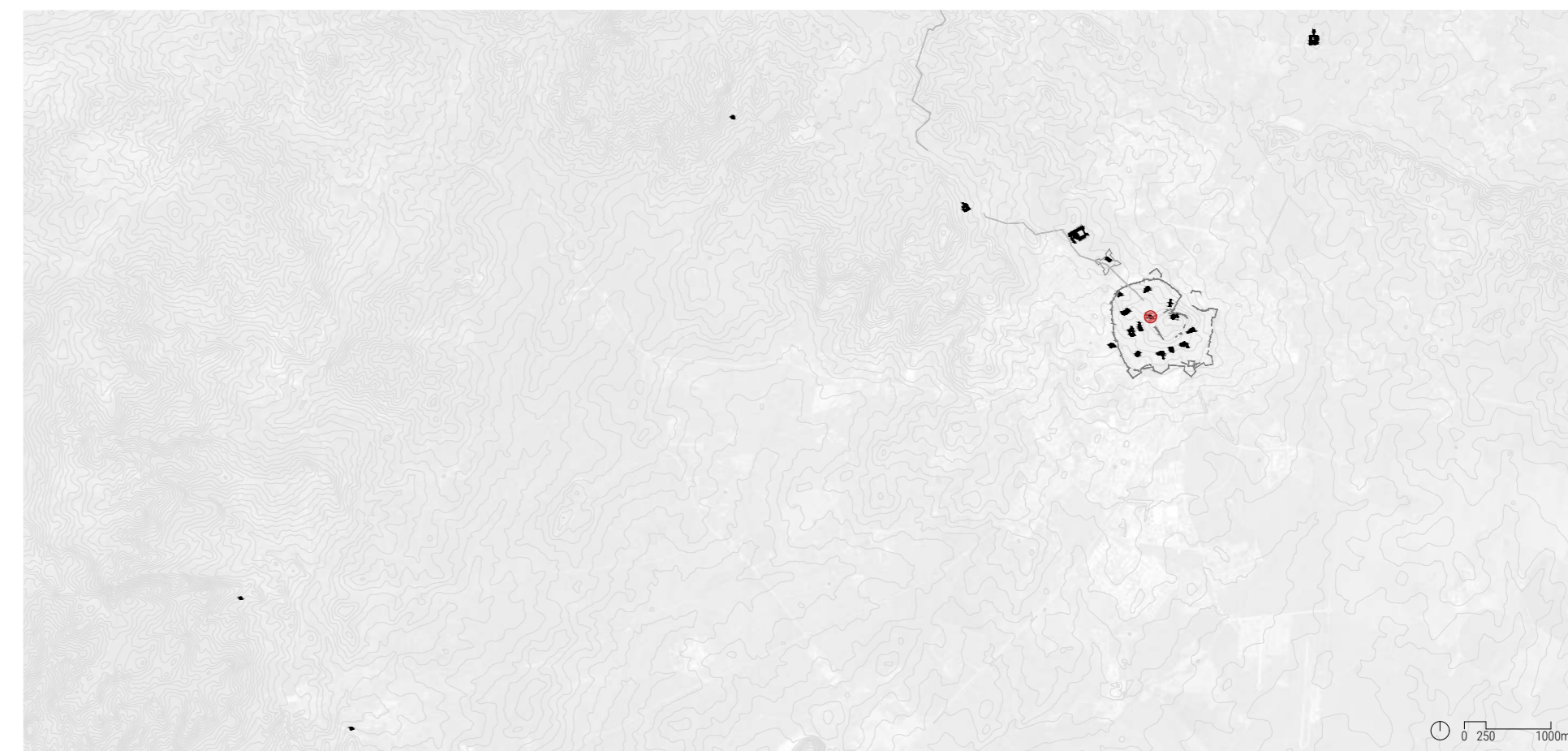
ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A última fundação franciscana na cidade de Évora foi protagonizada pelo Mosteiro do Salvador do Mundo, implantado no limite interior da *cerca velha*, junto à Praça do Sertório. A sua implantação em pleno centro histórico deveu-se à escolha da fundadora ao adquirir uma parte de um palácio para instalar a comunidade de clarissas.

A história destas religiosas começa em meados do século XVI, num recolhimento integrado na Ordem Terceira de São Francisco com culto ao Senhor Salvador do Mundo, na habitação própria da fundadora, uma nobre eborense. Contudo, pelo desejo do Cardeal-Infante D. Henrique de construir no mesmo lugar uma igreja da Companhia de Jesus, as freiras concederam o espaço, que após expropriado em 1567 deu início às obras do Colégio do Espírito Santo. A actual rua "do Salvador Velho" junto ao Colégio do Espírito Santo confirma na sua toponímia a pré-existência da comunidade nesse local. Por essa razão, após confirmada em Bula a integração na Segunda Ordem Franciscana segundo regra de Santa Clara, as freiras mudaram-se provisoriamente, nesse ano de 1590, para um antigo Paço. A mudança definitiva aconteceu quinze anos depois, em 1605, para um outro Paço, tendo as obras de adaptação começado em 1607 e a igreja consagrada em 1610. Este espaço, que contemplava uma torre da *cerca velha*, actualmente conhecida por "torre do Salvador", foi reformulado consoante as necessidades da comunidade franciscana. Nessas tais transformações, no início do século XVIII, perdeu o seu traço apalaçado e ganhou uma forma monástica, com as construções do dormitório, enfermaria e outras dependências conventuais. No decorrer desse século, além das melhorias de fachadas e coberturas foi ainda construído um pequeno dormitório⁰¹. Durante as invasões francesas o mosteiro foi invadido e saqueado, tendo sido extinto em 1857 depois da morte da última freira. Os seus bens foram imediatamente inventariados e os mais valiosos vendidos em hasta pública. O espaço teve vários usos após a sua extinção, começando por servir a militares, primeiramente à Guarda Fiscal e mais tarde, em 1906, ao Grupo de Artilharia; a sua cerca foi cedida ao ensino para campos de jogos. Pelo estado de conservação, na década de 60, a DGEMN interveio no edifício, tendo sido demolidas significativas dependências e o claustro, para ser aberta uma nova rua na cidade e para se construir o edifício dos correios. A parte do conjunto que subsistiu às vicissitudes do tempo, encontra-se em bom estado de conservação existindo actualmente um espaço expositivo ligado à igreja.

Os espaços sobreviventes contemplam a igreja, a torre, a das capelas da cerca, um pequeno troço do claustro e algumas construções anexas.

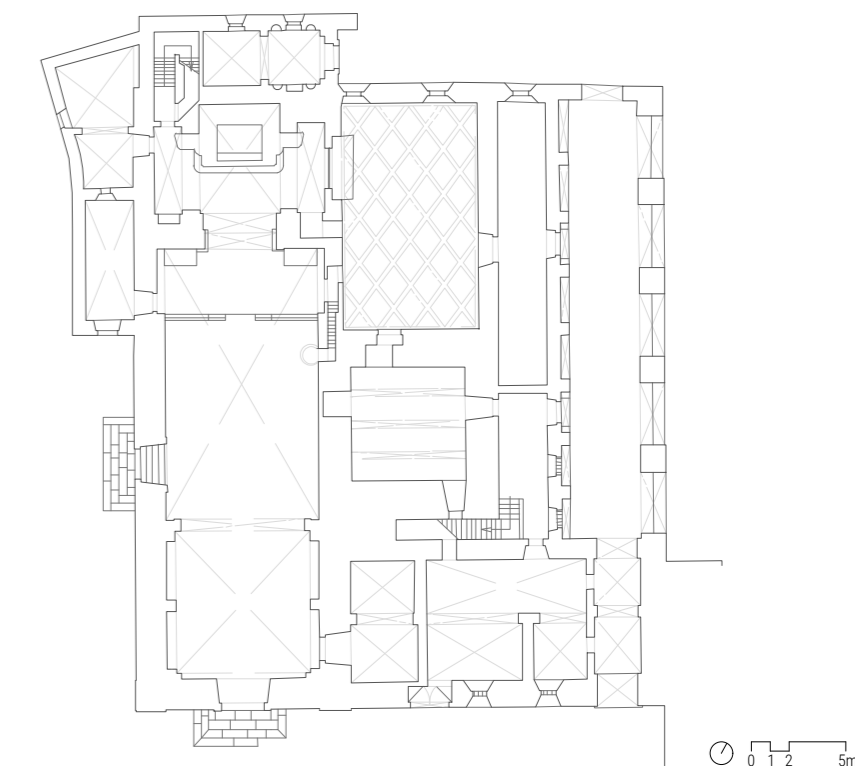
Do património arquitectónico do extinto Mosteiro do Salvador do Mundo destaca-se a imponente volumetria da torre, marcando a paisagem urbana da cidade. A igreja, de nave rectangular revestida por azulejos tem cobertura de abóboda de meio canhão. Os vestígios do claustro, embora drasticamente alterados, conservam seis arcos apoiados em pilares de alvenaria. O restante espaço é ocupado pelo parque de estacionamento dos CTT. A antiga cerca é descrita no auto de avaliação efectuado após a extinção das ordens religiosas, da seguinte forma: "(...) a cerca, que é pequena, tem uma fonte de mármore e um depósito da Água da Prata, tanque e algumas árvores de fruto, contando a mesma duas capelas."⁰²



Planta de localização | Mosteiro do Salvador do Mundo



Planta de implantação | Mosteiro do Salvador do Mundo



Planta e corte | Mosteiro do Salvador do Mundo



98 Frontaria antes da demolição



99 Demolição de parte do conjunto



100 Igreja



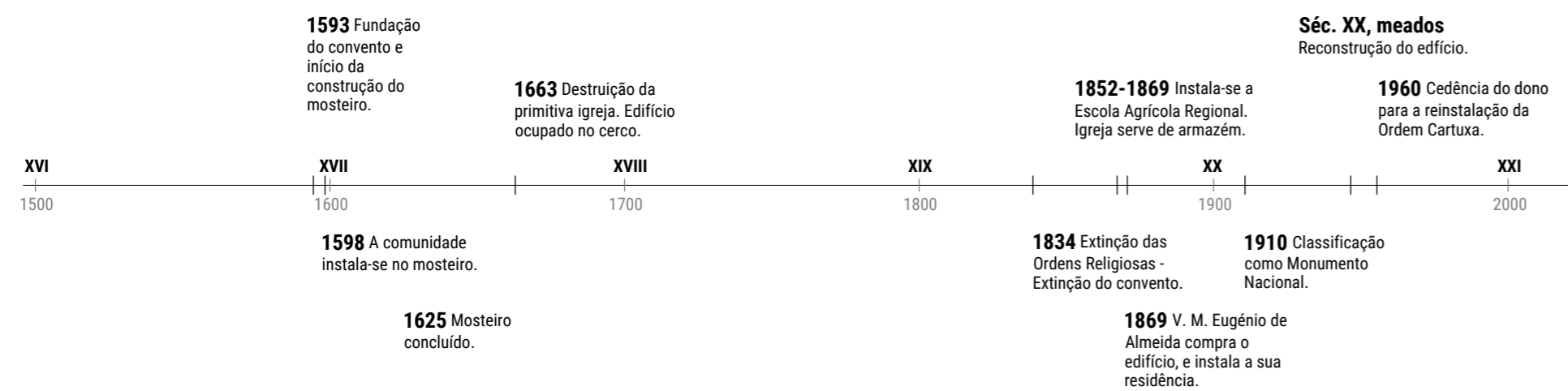
101 Vista geral/claustro

⁰¹ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.278.

⁰² Espanca, T (1978-79) "Extinção do Convento do Salvador de Évora" em "A Cidade de Évora", nº61-62, Câmara Municipal de Évora, Évora, pp. 15-194. cit. por Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.279-280.

MOSTEIRO DA CARTUXA

Mosteiro	Cartuxa Santa Maria Scala Coeli
Implantação	Peri-urbano
Ordem Religiosa	Ordem da Cartuxa Masculino
Fundação	1593
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	convento cartuxo
Propriedade	Privada
Protecção	Monumento Nacional 1910



103 Vista aérea do mosteiro da Cartuxa

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O mesmo fundador dos mosteiros capuchos, D. Teotónio de Bragança, fundou o Convento de Santa Maria de Scala Coeli, em 1593, a cerca de 1 km das muralhas da cidade. A sua implantação peri-urbana, a noroeste da cidade e do seu vizinho Mosteiro de Santo António da Piedade, permitiam o recolhimento necessário à clausura dos monges cartuxos, embora contornasse as regras da ordem relativamente a distâncias. A paisagem verde, a presença do Aqueduto da Água de Prata que abasteceria o mosteiro, e a proximidade à residência de D. Teotónio, foram factores determinantes na escolha do lugar a implantar a comunidade cartuxa⁰¹. O Mosteiro da Cartuxa, nome empregue vulgarmente, foi o primeiro da Ordem Cartusiana a se instalar em Portugal, a pedido de D. Teotónio, pela admiração que tinha à ordem, tendo sido concedida aprovação no ano de 1587. Dessa forma, atendendo à solicitação, monges espanhóis esperavam por se instalar no mosteiro com projecto da responsabilidade de Giovanni Vicenzo Casale, aprovado em 1593 e as obras iniciadas em seguida. Em 1598, os monges começam a sua clausura no mosteiro, ainda inacabado, que nomearam de Santa Maria de Scala Coeli. Entre 1613 e 1621, Dom Baltazar de Faria patrocina a obra do claustro maior, um vasto recinto rodeado por vinte celas e dá início também à edificação do pórtico da igreja, concluindo-se o edifício em 1625⁰². Nos cercos de D. João de Áustria, o mosteiro foi ocupado pelas tropas de cavalaria e utilizado como hospital, apesar de ter tido papel fundamental na defesa da cidade, uma vez que "o exército português decidiu assaltar o Forte de Santo António (...) a partir do mosteiro"⁰³. Na sequência deste acontecimento, el-Rei D. Pedro e mais tarde D. João V auxiliaram com doações os trabalhos de conservação e restauro. Posteriormente, nas invasões francesas o mosteiro foi saqueado e novamente ocupado pelo exército. Na segunda metade do século XIX treze religiosos habitavam o mosteiro, tendo sido extinto anos depois, em 1834. Começou de imediato a ser explorado pela Casa Pia até 1857, até que a propriedade foi alugada para agricultura, sendo depois criada a Escola Agrícola da Cartuxa de Évora que ao abandonar o conjunto monástico em 1869, foi gradualmente caindo em ruína⁰⁴. O extinto mosteiro acabou por ser comprado por José Maria Eugénio de Almeida, mantendo actividades relacionadas com a agricultura. Já no século XX, um descendente encarregou-se da reconstrução do edifício e devolveu-o à vida cartuxa. Por essa razão desde 1960 até aos dias de hoje, a Ordem Cartusiana mantém a vida monástica no lugar.

Actualmente, o mosteiro encontra-se bem conservado muito devido às sistemáticas intervenções da DGEMN, e principalmente pela sua constante utilização de todos os espaços ocupados pelos cartuxos.

Do património arquitectónico do Mosteiro de Santa Maria de Scala Coeli⁰⁵, implantado numa paisagem que conserva as suas características originais, também a traça e espacialidade do edifício mantêm as características originais ou muito idênticas. O acesso por de baixo das arcadas do Aqueduto, abre a um pátio que antes da fachada da igreja, desenvolve-se um corpo que forma e tarda a entrada no mosteiro⁰⁶. Uma vez no interior, a portaria, a igreja e o claustro maior, encontram-se rigorosamente definidos e perfeitamente distribuídos sobre uma linha de charneira. Este eixo evidencia uma relação simétrica entre dois claustros pequenos separados pelo corpo da igreja, e realça também uma semelhante relação de simetria nas celas ao longo do claustro. O espaço eremítico, que contemplava o claustro maior, as celas e cemitério, tinha traça simples, contrastando com a arquitectura da igreja e das restantes dependências conventuais, de enorme valor artístico. A igreja, antecedida por um nártex portificado, com a sua fachada em mármore cujo seu interior, de nave única e de planta rectangular, é protegida por abóbada de berço iluminado por vãos rectangulares laterais. Este templo, que chegou a servir de celeiro, é raramente utilizado pela comunidade como espaço de culto, que prefere a sacristia para esse efeito. O grande claustro, que foi inteiramente reconstruído, esconde por debaixo uma enorme cisterna. Concluído no século XVII, considerado o maior recinto do país, contempla arcaria de volta perfeita. O mosteiro era abastecido com a água proveniente do aqueduto e por uma estrutura hidráulica que abastecia as celas. O espaço da cerca compreende momentos de horta, pomar e outras áreas agrícolas, sendo que o claustro maior é simultaneamente um laranjal.

⁰¹ Loureiro, A. (2016). *A arquitectura do mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli: do processo de entrada*. Vol.02. Évora: Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade de Évora, pp.42-43.

⁰² Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.288.

⁰³ Loureiro, A. (2016). *Ob. cit.*, p.51.

⁰⁴ *Idem*, pp.58-59.

⁰⁵ www.monumentos.pt - Mosteiro da Cartuxa de Scala Coeli / Igreja da Cartuxa / Igreja de Santa Maria Scala Coeli.

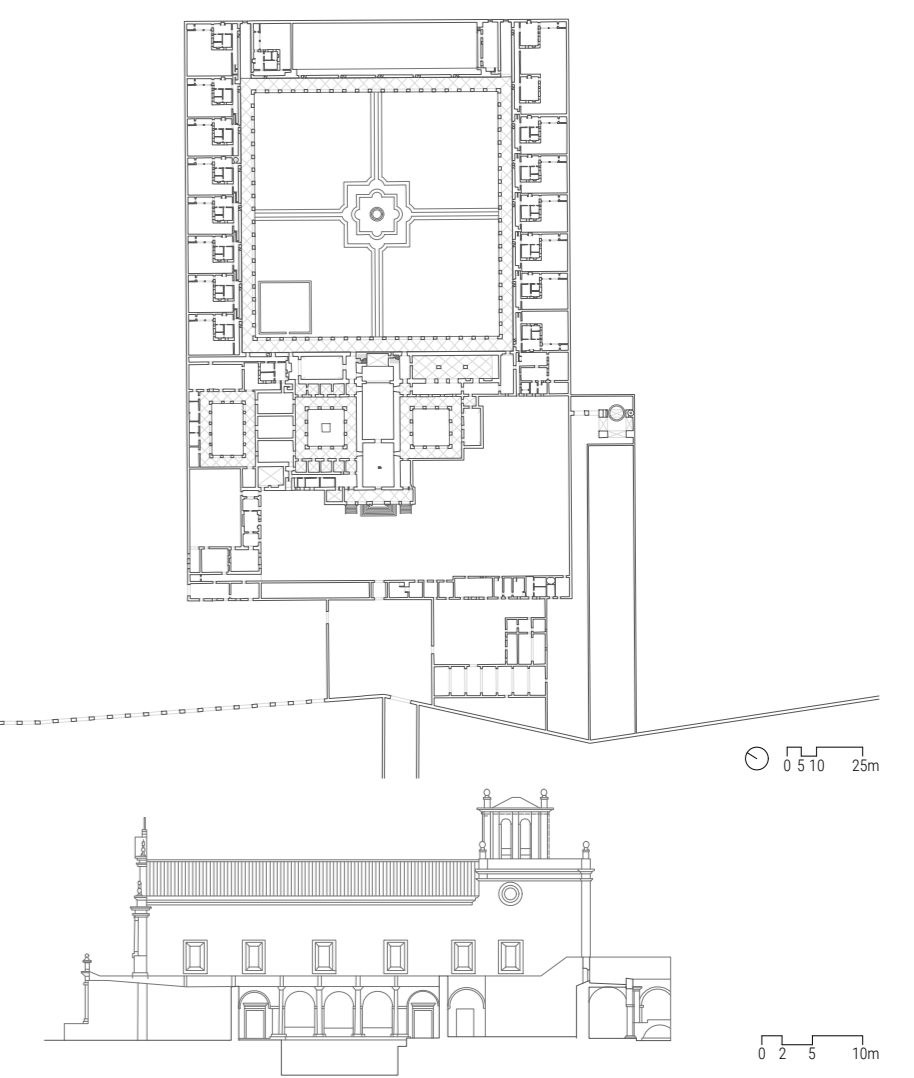
⁰⁶ Cf. Loureiro, A. (2016). *Ob. cit.*



Planta de localização | Mosteiro da Cartuxa



Planta de implantação | Mosteiro da Cartuxa



Planta e corte | Mosteiro da Cartuxa



104 Portaria do convento



105 Igreja



106 Claustro



107 Claustro



108 Fachada lateral da igreja

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Mosteiro	Nossa Senhora das Mercês
Implantação	Espaço Urbano
Ordem Religiosa	Agostinhos Descalços Masculino
Fundação	1669
Extinção	1834
Estado actual	parcialmente demolido
Função	reserva do museu de Évora
Propriedade	Pública-Privada
Protecção	Imóvel de Interesse Público 1986



108 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora das Mercês

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês surge no ano de 1670, dentro do limite defensivo da muralha fernandina. A implantação deste mosteiro deveu-se à ocupação de um antigo paço, uma vez que não foi construído nenhum edifício de raiz para receber esta comunidade de Agostinhos Descalços.

A história desta comunidade remonta ao ano anterior (1669), quando a residência dos frades agostinhos se encontrava na Rua Fria. Por vontade de um nobre eborense foi-lhes oferecida uma quinta na Malagueira para fundarem o mosteiro, embora não tenha sido aceite pela distância à cidade. Por essa razão, a rainha D. Luísa de Gusmão comprou um palácio quinhentista para receber os frades agostinhos. O edifício sofreu as necessárias alterações para responder às necessidades de um mosteiro e às do quotidiano da comunidade. E assim, em 1698 a igreja foi aberta ao culto. No século XVIII a fachada principal foi remodelada, assim como alguns espaços de culto que foram melhorados. Estas intervenções alteraram profundamente a traça apalaçada, sendo sacrificado um alpendre seiscentista em prol da ampliação do volume da igreja e respectivo coro, no final do século XVIII. Análogo a tantos outros mosteiros eborenses, o Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês foi arrombado e violentamente saqueado, tendo sobrevivido até 1834, quando foi extinto e vendido, e mais tarde desmembrado para acolher diversas funções. As primeiras ocupações são da responsabilidade do ensino, servindo como colégio masculino e posteriormente como colégio feminino. O conjunto monástico das Mercês, após cair em ruína foi adquirido pelo Museu Regional de Évora. Além da demolição do claustro no século XX, são protagonizadas algumas obras de adaptação ao novo programa de Artes Decorativas Religiosas, que se mantém até hoje. A sua cerca também serviu outra função diferente do cultivo e sustento aos frades, tendo sido erguida a primeira praça de touros de alvenaria da cidade, em funcionamento entre 1865 e 1882⁰¹. Na última década do presente século a intervenção que transformou a antiga oficina automóvel em unidade hoteleira provocaram inúmeras fissuras na igreja e na sua fachada, de tal forma que a Protecção Civil vedou o espaço em redor alertando para o risco de derrocada. O extinto conjunto monástico, embora bastante adulterado, conserva algumas dependências, e apesar de se encontrar num razoável estado de conservação urge uma intervenção que o salvasse, que consolide e que restaure o edificado para evitar que fendas patentes em todo o espaço provoquem uma situação irremediável.

Do património remanescente, a igreja e a cerca estão fragmentados sendo os seus pontos de acesso feitos através da rua. A fachada da igreja, de inequívoco estilo de arquitectura chã, tem na sua frontaria um desenho e composição sóbrios de acordo com os cânones da ordem. No interior, a nave de planta rectangular com revestimento em azulejos tem cobertura em abóboda de berço. O espaço, bem iluminado através de uma cúpula de secção quadrangular, conserva ainda o altar em talha dourada. A traça e o aspecto exterior que evocam a simplicidade e despojamento estendem-se ao interior, afirmando o mosteiro como um exemplar da arquitectura chã e do barroco-rococó.

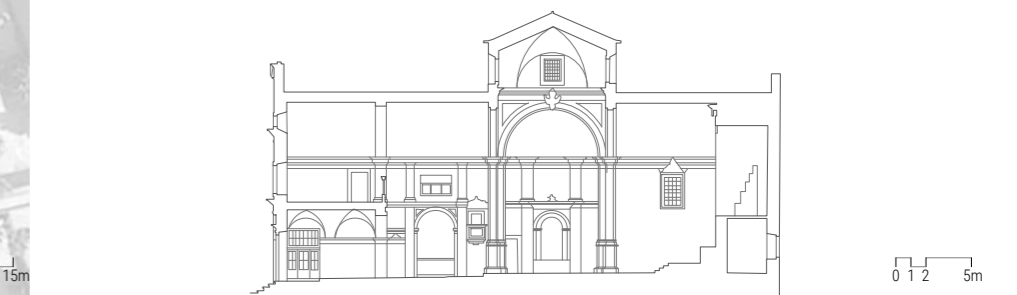
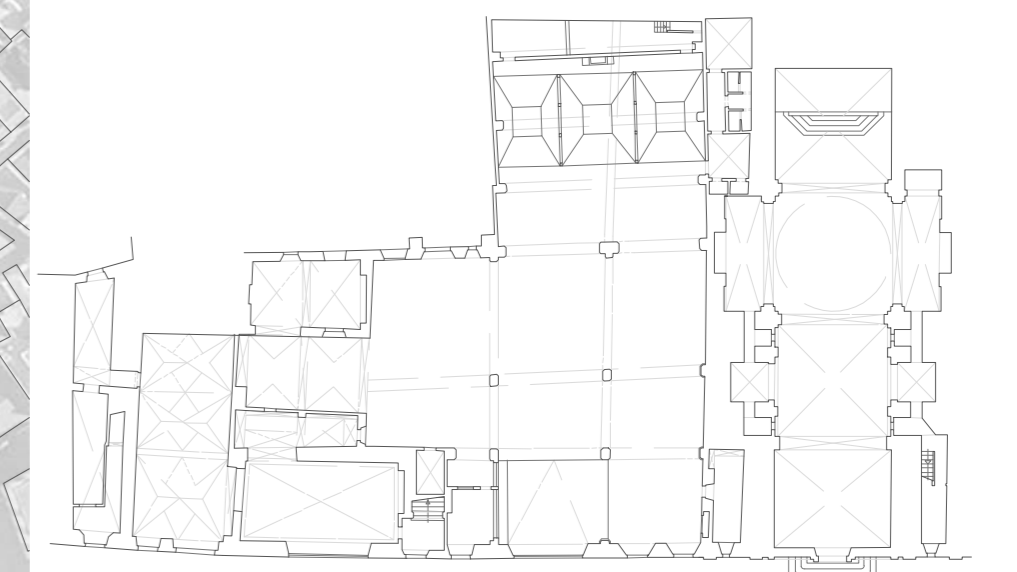
⁰¹ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.301.



Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês



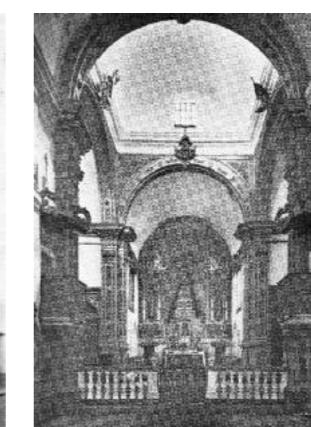
Planta e corte | Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês



109 Rua do Raimundo com mosteiro das Mercês ao fundo



110 Frontaria da igreja



111 Igreja



112 Abóbada quinhentista

MOSTEIRO DE SÃO JOSÉ DA ESPERANÇA

Mosteiro	São José da Esperança Novo
Implantação	Espaço Urbano
Ordem Religiosa	Carmelitas Descalças Feminino
Fundação	1681
Extinção	1886
Estado actual	conserva espacialidade
Função	culto religioso
Propriedade	-
Protecção	Monumento Nacional 2008



113 Vista aérea do mosteiro de São José da Esperança

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O último convento feminino a fundar-se em Évora, data de 1681 e era conhecido por Mosteiro de São José da Esperança ou Convento Novo. A sua implantação, em pleno centro histórico, dentro dos limites fernandinos, privilegiava de uma excelente localização numa das principais artérias da cidade que saía da cidade em direcção a norte pela porta de Avis. Não foi uma escolha devido às características do lugar como na maioria das casas religiosas extramuros, mas uma escolha devido às características de um espaço que já tinha servido de recolhimento feminino. Pela vontade de D. Eugénio da Silva, uma casa religiosa feminina seguiu a clausura da Regra da Ordem Segunda das Carmelitas Descalças, com ideologias simples e austeras.

Na década de setenta do século XVII o antigo edifício sofreu uma primeira etapa de obras de remodelação no qual foi intervenção por forma a ser adaptado às necessidades da comunidade. Nesta altura além de se iniciar a construção do claustro foi erguido o dormitório. Uma segunda fase construtiva deu-se anos mais tarde, entre os anos 20 e a meados do século XVIII cujo resultado foi a edificação de várias dependências monásticas, nomeadamente, portaria e capela-mor, coro baixo, cruz da entrada e roda, o campanário e a sacristia, indicados cronologicamente⁰¹.

Uma vez mais, as invasões francesas provocam estragos aos mosteiros eborenses, não sendo o de São José da Esperança excepção, foi saqueado de forma violenta, forçando uma suspensão da clausura até a situação regularizar.

Não foi o decreto da extinção das ordens religiosas que extinguiu de imediato este convento, mas à semelhança de outras casas femininas, a morte da última freira ditou esse acontecimento. No caso de São José da Esperança a extinção deu-se no ano de 1886, e leiloados os bens em seguida. As ocupações e funções que teve no pós-extinção começaram logo nos anos seguintes. O espaço começou por servir provisoriamente a Guarda Fiscal que rapidamente deu lugar à Casa Pia que protagonizou intervenções com vista a reformulação do espaço para integrar a secção feminina desta organização, um recolhimento para invisuais. Na viragem da década de 20 para a década de 30 do século XX o edifício foi intervenção pela DGEMN, reconstruído e ampliado após sofrer danos devido a um terramoto. Mais tarde foi ocupado por uma escola a cargo da Ordem Salesiana, partilhando o espaço com a Casa Pia feminina, funções mantidas até à

relativamente pouco tempo, encontrando-se actualmente devoluto.

Apesar da sua situação de abandono, o extinto conjunto monástico encontra-se relativamente bem conservado, espera expectante uma futura ocupação.

Relativamente ao património arquitectónico do extinto conjunto monástico, o espaço forma um quarteirão inserido no tecido urbano, impondo-se pela sua volumetria face às construções maioritariamente de dois pisos que o envolvem. O edifício, que se revela através do corpo da igreja, é caracterizado por volumes austeros de poucas aberturas, enormes faces caídas rematadas por cunhais graníticos. As suas coberturas de quatro águas são interrompidas pela torre quadrangular que contém a cúpula da igreja. O acesso ao interior é feito por uma escadaria de granito que recebe da rua ao sobrelevado adro que protagoniza a aproximação e entrada ao espaço. Deste espaço acede-se à portaria, que comunica directamente com o claustro e com a igreja. A igreja de nave rectangular e coberta por uma cúpula de meia laranja sem quaisquer vãos, obedece às regras impostas pela ordem carmelita. Subsistiram às vicissitudes do tempo as pinturas do seu tecto abobadado e o da capela-mor, bem como a talha que reveste o altar-mor e os altares laterais, datando a mesma do século XVIII. A primeira metade da nave e do coro é revestida por azulejos, sendo a segunda coberta por telas pintadas. O claustro principal, do século XVIII, tem um desenho quadrangular com cinco tramos de arcadas inseridas em molduras de granito. O resquício do que seria o recinto da cerca é descrito no auto de avaliação e descrição do extinto mosteiro em 1857 da seguinte forma: "(...) uma pequena cerca quadrilonga, com algumas laranjeiras e árvores de fruto."⁰².

⁰¹ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.309-310.

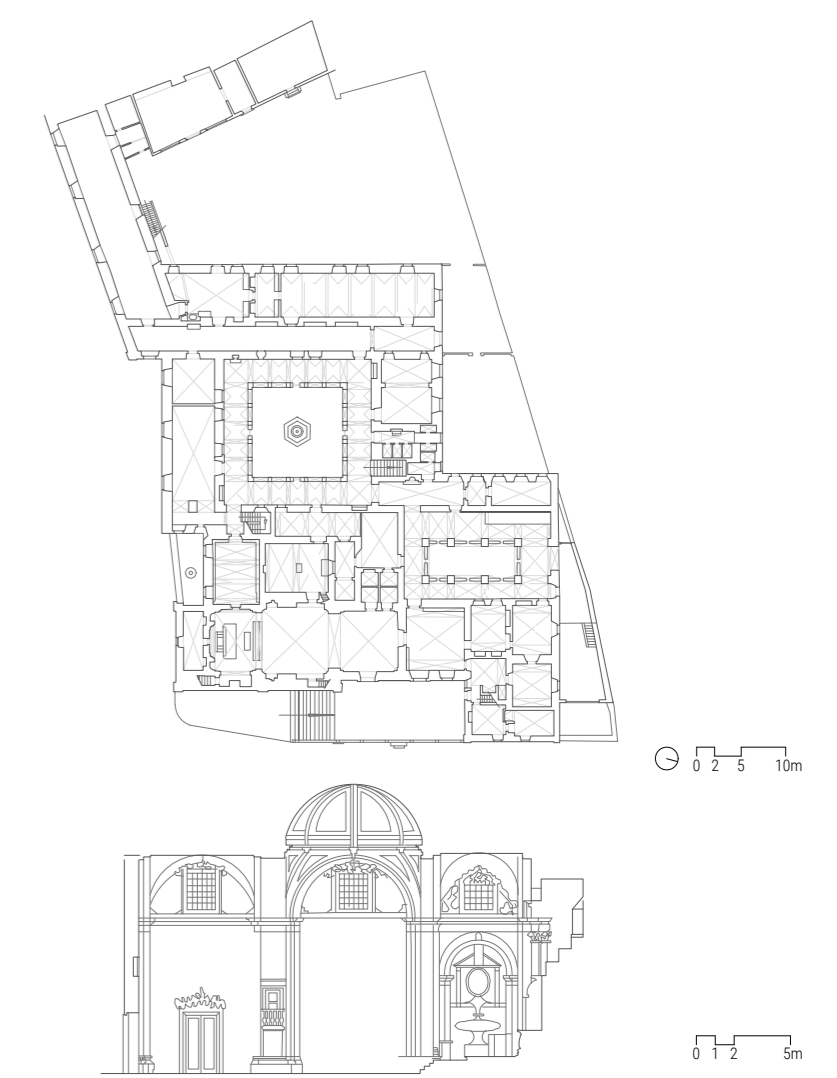
⁰² ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento de São José, caixa 1930, capilha2.



Planta de localização | Mosteiro de São José da Esperança



Planta de implantação | Mosteiro de São José da Esperança



Planta e corte | Mosteiro de São José da Esperança



114 Vista geral



115 Igreja



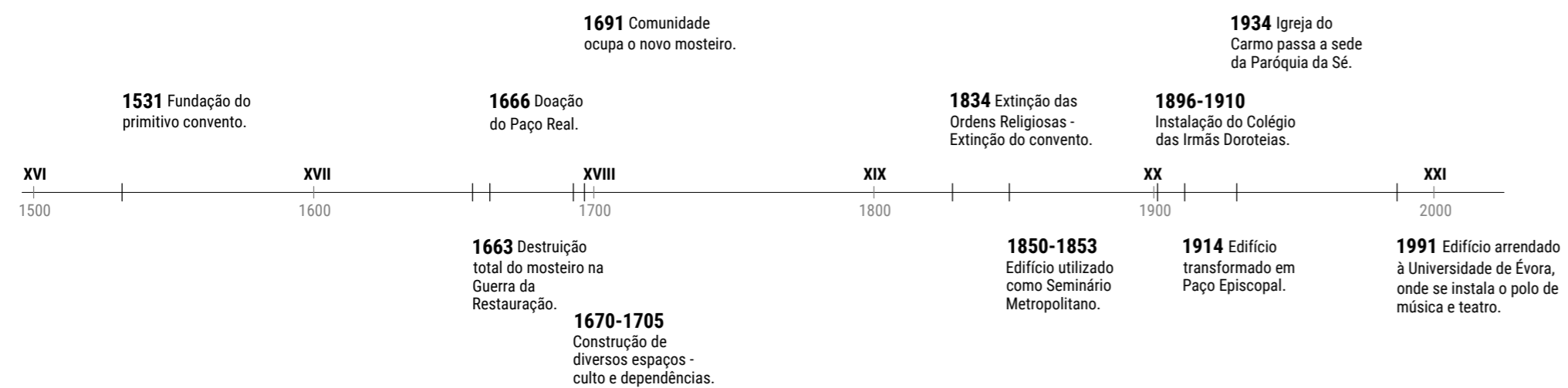
116 Claustro grande



117 Claustro pequeno

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Mosteiro	Nossa Senhora do Carmo
Implantação	Espaço Urbano
Ordem Religiosa	Ordem Carmelita Masculino
Fundação	1531
Extinção	1834
Estado actual	conserva espacialidade
Função	devoluto
Propriedade	Privado
Protecção	-



118 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora do Carmo

ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O último mosteiro a surgir na cidade de Évora, no ano de 1691, foi o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, que já era conhecido na cidade há mais de um século. Situado no Largo das Portas de Moura, à entrada da antiga *cerca velha*, numa importante localização na cidade, deveu esta sua implantação à trágica perda do seu primitivo mosteiro. A primeira implantação do mosteiro que integrava a comunidade masculina da Ordem Carmelita era no exterior da muralha fernandina, junto à Porta da Lagoa, perto do Mosteiro de Santo António da Piedade. O convento foi fundado no ano de 1531 sobre a Ermida de São Tomé e lá viveram os frades carmelitas até 1663, altura em que os exércitos espanhóis arrasaram por completo o conjunto monástico, obrigando a comunidade a fugir para o interior cidade. Dessa primeira habitação religiosa carmelita restam apenas escassos vestígios, não mais que troços de alvenaria de pedra, ocultos na vegetação. A ignorância perante tal património entende-se nas palavras de António Barata em finais do século XX: "Quem sair hoje da cidade pela porta da Alagoa, seguir em passeio agradável a estrada de São Bento, mal saberá que da parte direita, está soterrado o primitivo Convento do Carmo de Évora."⁰¹ Por essa razão os frades carmelitas foram acolhidos a título provisório num palácio, uma vez que em 1666 foi-lhes doado um paço real pelo próprio rei D. Afonso VI, com a dita localização junto ao Largo das Portas de Moura. Prontamente começam as intervenções para adaptar o paço a um mosteiro, nunca totalmente concluídas. Essas adaptações custaram a vida ao palácio que por ser destruído em prol da construção do mosteiro, dele predorou apenas um portal, por exigência do rei. A igreja foi o primeiro espaço a ser edificado com início na década de 70 e consagrada a 1691, quando a comunidade se mudou para o novo mosteiro. Entre o final do século XII e início do século XVIII, decorreram algumas obras a cargo de Bartolomeu Martins, que contemplaram a edificação do altar-mor da igreja em talha dourada e a edificação da sacristia. Posteriormente, no âmbito das invasões francesas, o mosteiro foi saqueado, sendo secularizado em 1834 e consequentemente integrado nos bens da Casa de Bragança. Instalou-se então o Seminário Metropolitano, entre os anos de 1850 e 1853. Mais tarde, foi vendido a uma entidade privada que no extinto conjunto monástico instalou um colégio de Irmãs Doroteias, em funcionamento entre 1896 e 1910. Em 1914, o Arcebispo de Évora, após autorização previamente solicitada, transformou o espaço em Paço Episcopal. Trinta anos depois a igreja passou

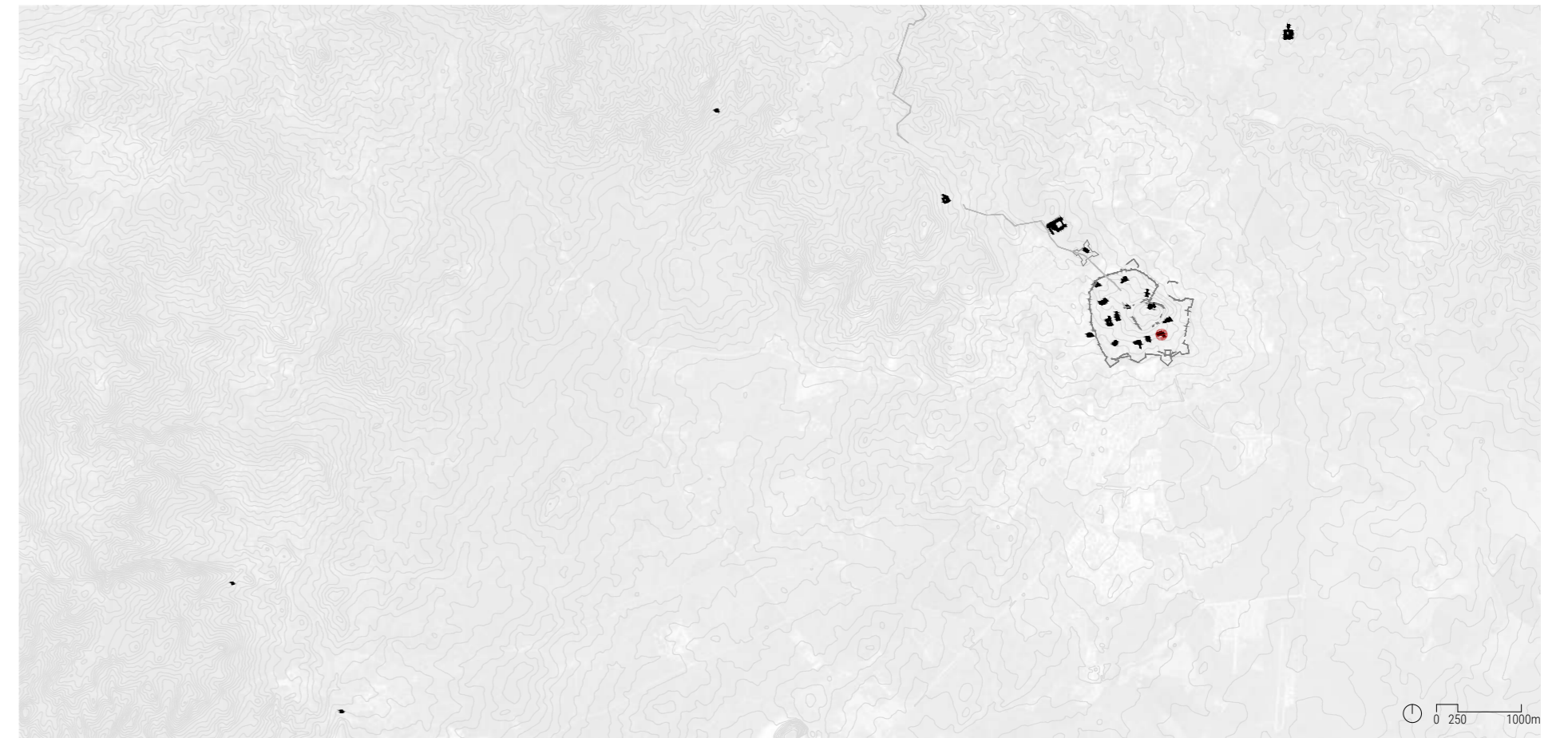
a ser a sede da Paróquia da Sé, sendo o edifício em 1991 devolvido aos proprietários. Por sua vez, o espaço foi arrendado à Universidade de Évora que nele instalou o Pólo de Música e Estudos Teatrais, funcionando até há muito pouco tempo. Actualmente, o extinto espaço monástico encontra-se devoluto e sendo a igreja independente é esporadicamente aberta ao culto. Apesar deste estado de abandono a sua situação é de bom estado de conservação. Do ponto de vista do património arquitectónico, o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo⁰² é composto por três corpos, um central e dois laterais. Está inserido num tecido urbano que embora consolidado, sofreu diversas alterações durante o século XX. Destaca-se na envolvente a imponente cúpula da igreja, sendo a restante volumetria mais modesta e fundindo-se nas altimetrias predominantes das construções envolventes. No corpo central encontra-se a entrada principal do edifício, protegida por um pórtico em granito. "O adro da Igreja situa-se a uma cota muito inferior do piso da rua, sendo a sua entrada marcada por um vão de granito, de arco redondo, rematado com um frontão triangular, datada de 1716, que ainda mantém as armas da Ordem Carmelita, numa tabela de mármore. Esta entrada é fechada por uma grade de ferro, com as armas da Casa Bragança. O acesso ao átrio de entrada é assegurado por uma dupla escadaria de granito."⁰³ O nártex da igreja é coberto por uma abóbada de barrete de clérigo, fazendo-se a entrada pela *Porta dos Nós* - a dita exigência do rei. A igreja de uma nave de planta rectangular e coberta por abóbada de berço, tem o seu cruzeiro iluminado por uma enorme cúpula com lanternim circular, apoiada em pilares de granito. O corpo da igreja conserva ainda diversas dependências conventuais, como o coro-alto e a sacristia maior, ligada ao altar-mor. O claustro, do qual apenas uma ala foi concluída, tem sete tramos de arcada de volta inteira com abóbadas. Este espaço, fortemente caracterizado pelo seu pé-direito de grandes dimensões, abre para o espaço da antiga cerca "que se estende até à Travessa das Peras e ao Largo de Alvares Branco"⁰⁴, ocupado hoje em dia por diversas habitações que ladeiam a igreja.

⁰¹ Barata, A. (1909) "Évora Antiga". Évora: Minerva cit. por. Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.321.

⁰² www-monumentos.pt - *A Igreja e Convento do Carmo de Évora*.

⁰³ Caeiro, E. (2005). *Ob. cit.*, p.322.

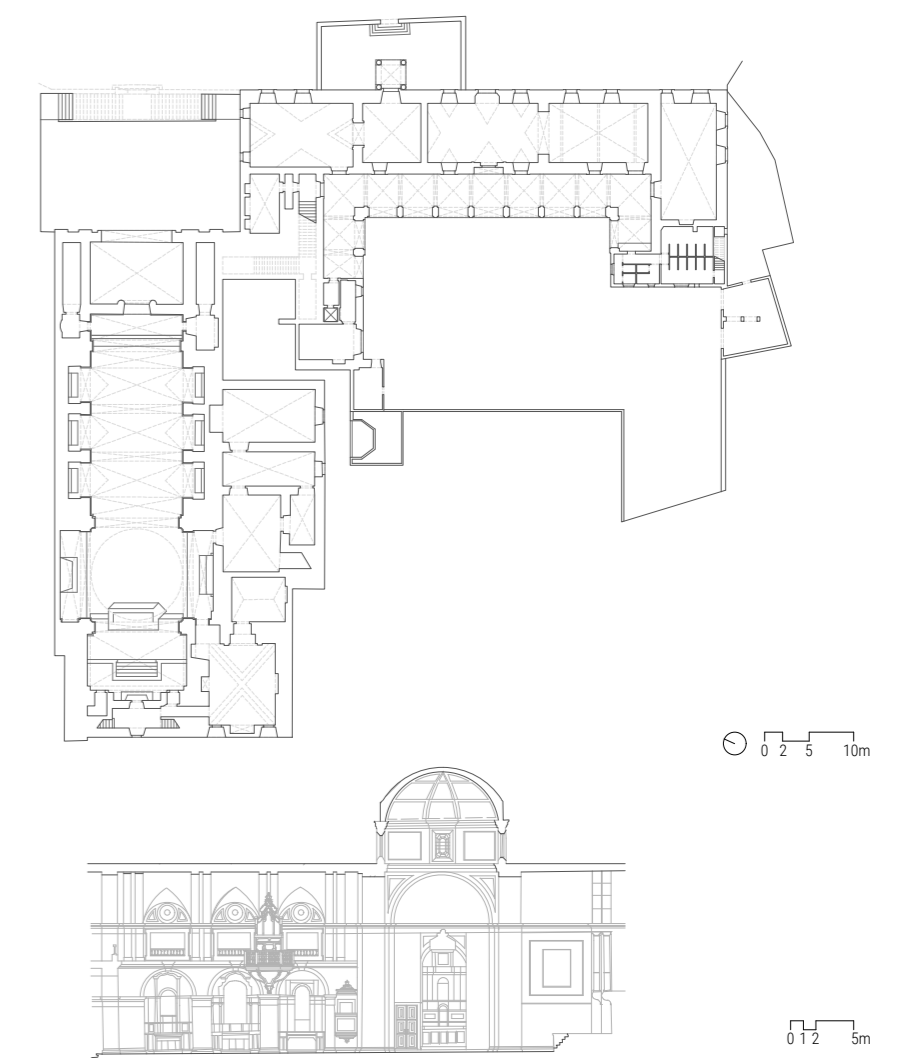
⁰⁴ *Idem*, p.326.



Planta de localização | Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo



Planta de implantação | Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo



Planta e corte | Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo



119 Fachada principal



120 Vista parcial

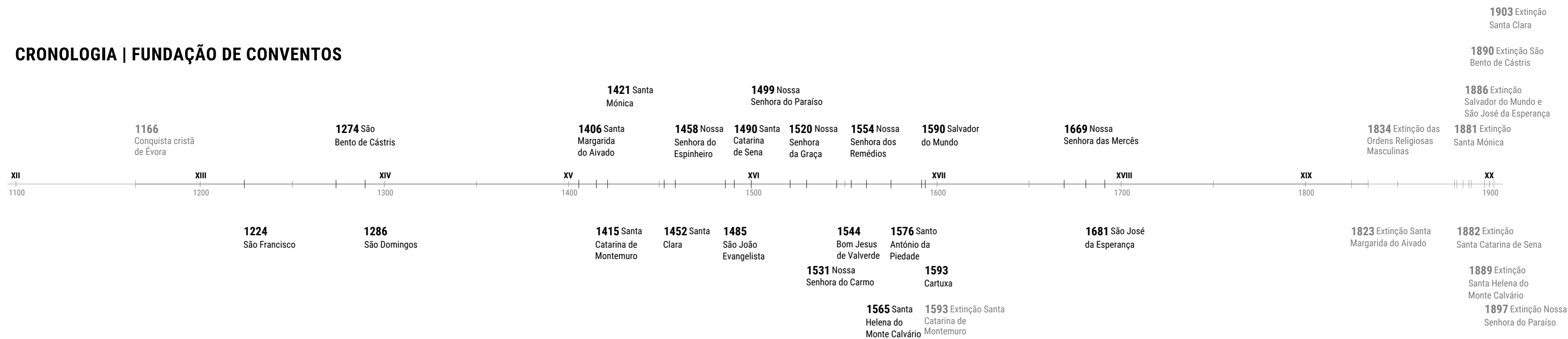


121 Igreja



122 Claustro

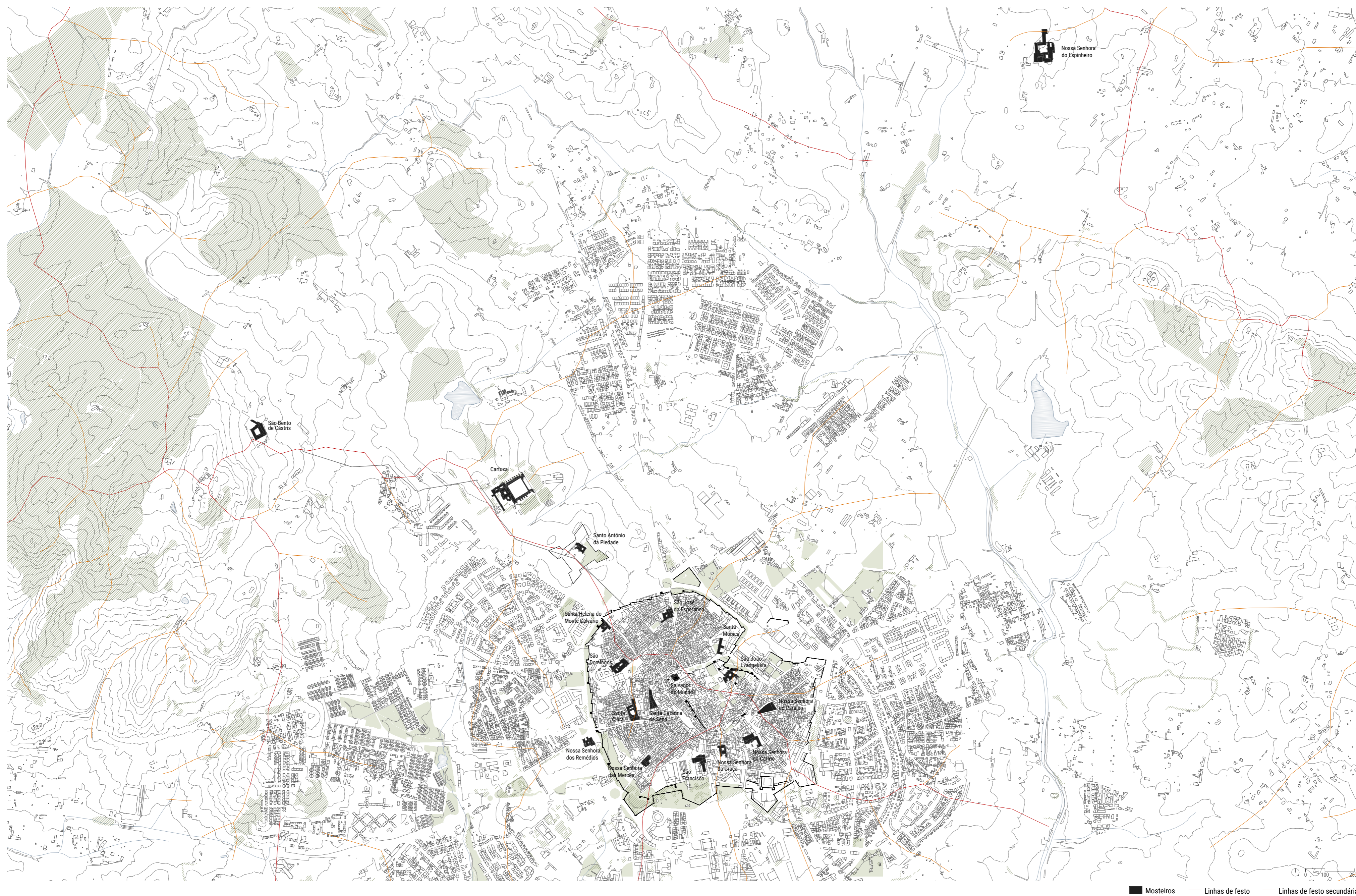
CRONOLOGIA | FUNDAÇÃO DE CONVENTOS



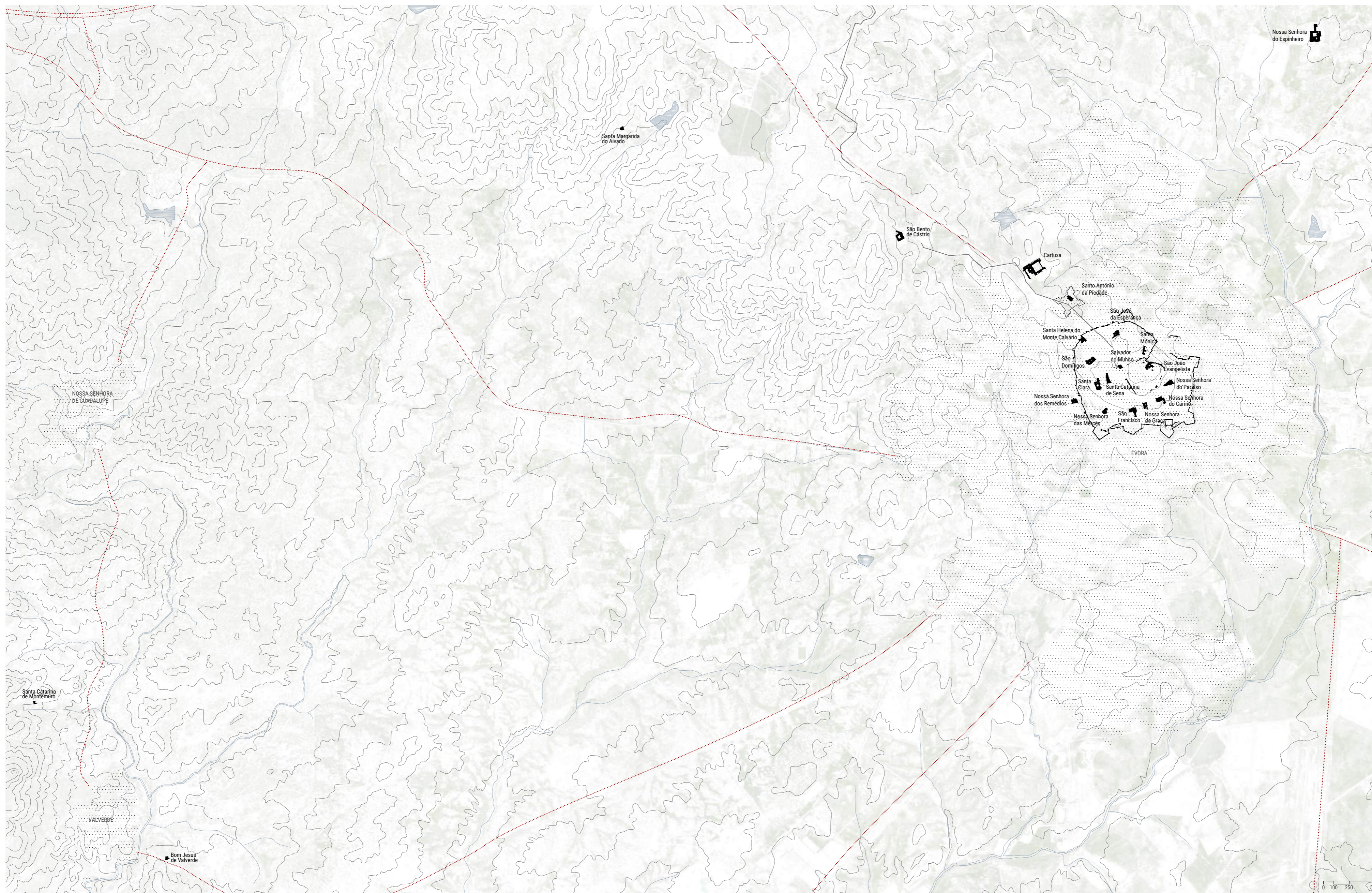


Mosteiros

0 50 100m



Mosteiros
 Linhas de festo
 Linhas de festo secundárias



Mosteiros
 Rodovia principal
 Localidades

CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE MONÁSTICA

No presente capítulo analisou-se a importância e influência das ordens religiosas e respetivas estruturas monásticas no desenvolvimento da cidade e do território, relações que, em grau variado, ainda hoje permanecem. Mesmo as comunidades religiosas que se instalaram no espaço periurbano e rural, apesar de não terem tido influência direta no urbanismo eborense, nunca deixaram de ter vínculos com a cidade, acentuando-lhe, de resto, o estatuto de principal polo urbano do Alentejo.

Os mosteiros, a maioria com fundação entre os séculos XV e XVI, são predominantemente mendicantes, sublinhando a dicotomia geográfica, caracterizada, em termos gerais, pelo confronto entre o Norte e o Sul. Esta circunstância particular explica-se pela data em que Évora foi "recristianizada" (1165), ou seja, numa época em que já se fazia sentir a dinâmica evangélica e assistencialista das ordens mendicantes.

Em face desta realidade, aqui se analisaram os vários fatores que explicam a fundação, implantação e desenvolvimento das ordens religiosas que se acolheram no território eborense, de que se destacam as condicionantes geomorfológicas e as circunstâncias políticas, económicas e sociais.

Deste modo, o "desenho" da *rede monástica de Évora*, configurado entre a Reconquista Cristã da cidade (1165) e a extinção das Ordens Religiosas (1834), mais do que um somatório diacrónico de fundações religiosas, procurou seguir uma leitura interpretativa deste património através da avaliação da sua identidade temática, do estado atual de conservação e da necessária e consequente otimização como recurso histórico-cultural.

